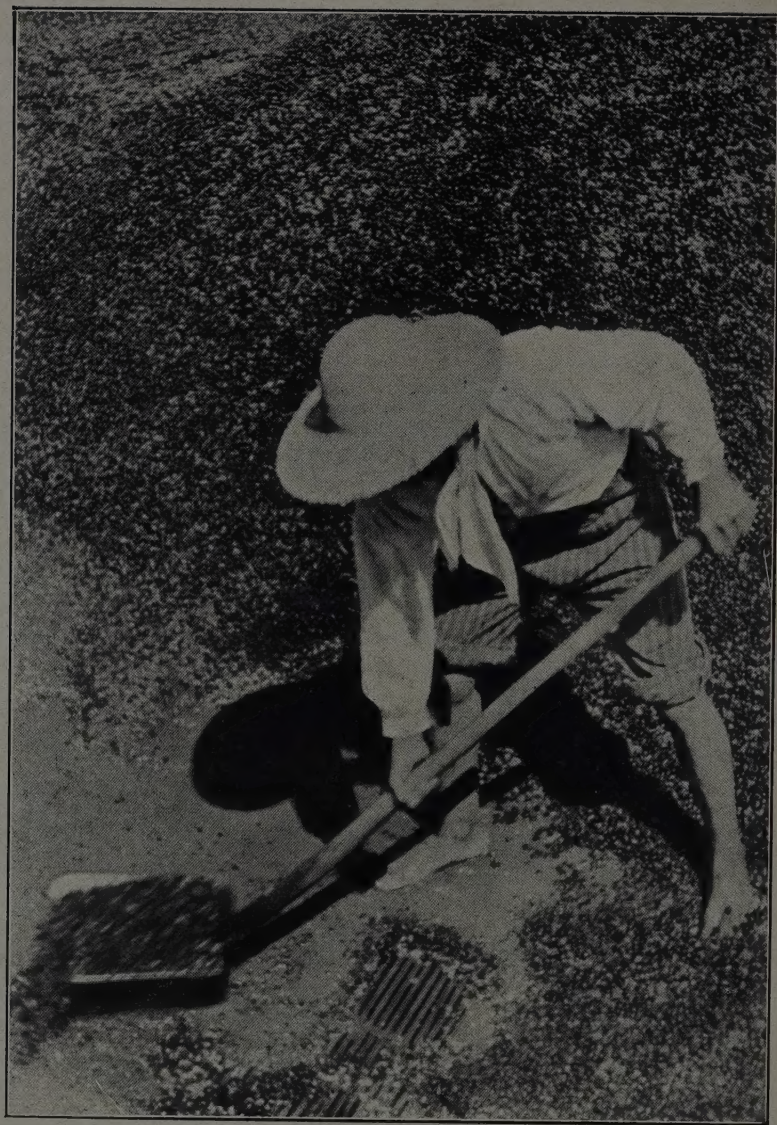
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XVIII • ABRIL DE 1943 • N.º 194

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Sede : Largo da Misericórdia, 24

Ano XVIII	ABRIL DE 1943	Número 194

Sumário

Colaboração

O CAFÉ EM MARÇO

ANDRÉAS CINTRA

SITUAÇÃO GERAL

O mês de março foi de expectativas e incertezas, esperanças e decepções. Esperava-se que o acordo com os Estados Unidos tivesse início de execução logo no princípio do mês. Este fato, contado como certo, deveria movimentar os negócios e, ao menos, sustentar os preços. Tal era a esperança de muitos negociantes e fazendeiros. Alguns otimistas esperavam até que, com a movimentação de negócios, os preços pudessem melhorar ligeiramente. Não faltaram boatos e rumores visando esse objetivo. No entanto, a realidade foi outra: o Acordo não teve início prático, o movimento foi inferior ao mês de fevereiro e os preços cairam. Estas ocorrências foram motivadas pela ausência de vapores no porto; pouco interesse dos exportadores em comprar alem das suas necessidades mais urgentes; poucas ofertas do outro lado e ausência da Commodity Credit Corporation do mercado. Os cafés, que iniciaram o período na base de Cr.$41,00–Cr.$42,00 (médios e moles), terminam o período na base de Cr.$39,00–Cr.$40,00. A baixa foi sensivel a partir do momento que, tendo a C.C.C. pedido ofertas, deixou-as sem resposta. O ambiente psicológico que tinha melhorado ao ser conhecido esse pedido, baixou com a ausência de contra ofertas, decepcionando a praça. Em vista do ocorrido a Associação Comercial de Santos iniciou gestões no Rio, tendo desfeito em parte os mal entendidos e procurado solucionar o impasse existente. Até o fim do período nada de positivo tinha sido conseguido, mas esperava-se para meados do mês de abril, um clareamento na situação que permitiria o início das compras. Os exportadores mostraram-se desinteressados a mor parte do tempo, tendo classificado em escala regular, mas ofertado em bases que os vendedores, em geral, consideravam pouco interessantes.

Os cafés moles e médios puderam ser aplicados com certa facilidade nas bases acima mencionadas, mas os riados e de fundo Rio foram relegados ao abandono, sendo muito dificil a sua venda mesmo a preços que há pouco eram considerados "impossiveis". A falta de compradores para estas últimas qualidades fez surgir o receio de ficar parte da produção paralisada e sem aplicação com possibilidades de vir a formar um estoque mal composto. Este fato é agravado pela má qualidade dos cafés da safra presente, o que virá dificultar extraordinariamente os negócios com a C.C.C. que se mostrou muito exigente nas classificações e só demonstra interesse em receber ofertas de café de boa bebida. Parece que existe um movimento para solucionar este caso com o governo federal, interessado em manter os preços em niveis razoaveis. É de esperar que, com o início e a continuação das compras pelo governo americano, a situação se normalise. Temos a certeza que os responsaveis pela nossa política cafeeira estão estudando medidas e providências para que o escoamento das nossas quotas de exportação se processe normalmente.

Devemos registrar que os nossos prognósticos sobre a tendência dos preços foram mais uma vez confirmados. Somos de opinião que se deve esperar um ligeiro recuo dos preços até que os mesmos se reajustem à base do Acordo com os Estados Unidos. As perspectivas para o próximo período são, por isso, ligeiramente negativas. Na melhor das hipóteses poderemos ter os atuais preços.

PRAÇA DE SANTOS

As vendas registradas no disponivel foram cerça de 23% inferiores às do mês de fevereiro. O mercado esteve, em geral, calmo e, por vezes, praticamente paralisado. Os cafés finos e médios, que no princípio do período eram vendidos a... Cr.$ 42,00 e Cr. $41,00 por 10 quilos, cairam para Cr.$ 41,50–Cr.$ 41,00. Uma ligeira reação favoravel em meados da terceira semana não teve consequências, tendo o mercado caido, ao terminar o mês, para Cr.$ 40,00–Cr.$ 39,00. Os cafés riados e Rio não encontra- ram compradores e sua aplicação foi, por isso, dificílima. Os extra finos e finos não conseguiram ágio apreciavel valendo o mesmo que os moles e os médios bons. Este fato é consequência das exigências da C.C.C. que não abona prêmio para entregas de qualidade melhor que a solicitada.

Entregas Diretas — O mercado de Entregas Diretas foi calmo durante todo o mês com uma queda paulatina das cotações, que uma ligeira melhoria do ambiente psicológico não conseguiu consolidar. O resultado do mês foi ter-se registrado uma baixa que oscilou entre Cr.$ 0,30 e Cr. $0,70 por 10 quilos. O mês de março foi cotado pela última vez a Cr. $41,50. O período remoto — julho–dezembro 1944 — fecha o mês na base de Cr. $40,40, tendo sido cotado pela pri meira vez a Cr.$ 40,90.

Tambem neste mercado as perspectivas não podem oferecer margem para otimismo devendo-se contar, tambem aqui, com um ligeiro recuo para reajustamento do mercado. As vendas, todavia, foram superiores em cerca de 39% às registradas em fevereiro.

MOVIMENTO

Entradas — As entradas, como era de esperar, aumentaram em março afim de habilitar o mercado a aparelhar-se para as compras da C. C. C. que, uma vez realizadas, seriam retiradas do estoque da praça. Assim, registrou-se um aumento de 45% sobre o mês de fevereiro com um total de 435.688 sacas.

Examinando-se o mês de março deste ano em relação ao mesmo período de 1942, observa-se o aumento de 37% favoravel a 1943, representado por 118.026 sacas.

Em relação às entradas "da safra" registrou-se uma diminuição de cerca de 28% representada por 1.143.665 sacas. As entradas de julho a março de 1942 somaram 2.974.224 contra 4.117.889 em igual período da safra passada.

Despachos — Os despachos, totalizando 304.394 sacas, foram menores em março cerca de 43% quando comparados ao mês anterior.

Em relação ao mesmo período do ano passado verifica-se uma redução de 15%, representada por 54.206 sacas.

No movimento "da safra" comparado com o mesmo período anterior, verifica-se uma redução de cerca de 39%, representada por 1.811.572 sacas. O total embarcado durante a safra de 1942 foi de 2.762.379 sacas, contra 4.573.951 da de 1941.

Embarques — Devido a irregularidade de transportes, março só embarcou 321.554 sacas ou seja 42% menos que em fevereiro.

Comparando-se março de 1943 com março de 1942 observa-se uma redução de 22%, representada por 93.271 sacas. No movimento "da safra" deste ano comparado com o do ano passado existe uma diferença de 38%, representada por 1.715.657 sacas.

Existência — A existência em 31 de março quasi atingia o nivel legal e era de 1.496.165 sacas.

ESTATÍSTICAS

Vendas — Disponivel

MARÇO	FEVEREIRO	DESDE 1.º DE JULHO	
		1942	1941
243.575	316.770	2.242.086	4.576.077

ENTRADAS

MARÇO	FEVEREIRO	DO MÊS		DA SAFRA	
		1943	1942	1942	1941
435.688	299.288	435.688	317.662	2.974.224	4.117.889

DESPACHOS

MARÇO	FEVEREIRO	DO MÊS		DA SAFRA	
		1943	1942	1942	1941
304.394	537.888	304.394	358.602	2.762.379	4.573.951

EMBARQUES

MARÇO	FEVEREIRO	DO MÊS		DA SAFRA	
		1943	1942	1942	1941
321.554	558.977	321.554	414.825	2.798.249	4.513.906

EXISTÊNCIA

31 MARÇO	27 FEVEREIRO	1943	1942
1.496.165	1.311.653	1.496.165	1.558.676

SANTOS — DISPONIVEL

	31 MARÇO	27 FEVEREIRO
American Coffee	42,00–42,50	42,00
Moles, tipo 4	42,00	41,50–42,00
Duros tipo 4	40,50–41,00	40,50–41,00
Rio, tipo 4	38,00	39,00

BASES OFICIAIS

Nominais durante todo o mês.

INTERIOR (Saco de 60 kgs. — A varrer)

	31 MARÇO	27 FEVEREIRO
Finos	160–175,00	165–185,00
Médios	145–155,00	155–165,00
Inferiores	140–145,00	145–150,00

ENTREGAS DIRETAS

31 MARÇO		27 FEV.º
41,50 (1)	Março	42,00
41,40	Abril	—
41,40	Abril-Junho	41,70
40,70	Julho-Dezembro	41,40
40,70	Janeiro-Junho 44	41,10
40,40	Julho-Dezembro 44 (2).	—

(1) Última cotação

(2) 1.ª cotação — $40,90

VENDAS

MARÇO	FEVEREIRO
184.500	132.250

RIO DE JANEIRO		VITÓRIA	
31 MARÇO	27 FEVEREIRO	31 MARÇO	27 FEVEREIRO
28,50	26,20	25,40	23,90

Importação de Café pelos Estados Unidos

J. TESTA

(Da Superintendência dos Serviços do Café)

São bastante elucidativos e permitem uma boa visão de conjunto, o quadro e o correspondente gráfico que ora publicamos sobre a importação de café nos Estados Unidos, desde 1915 até 1942, de 11 países latino-americanos. Poucos estão daí excluídos, e são de pequena importância cafeeira, tais como a Bolívia, o Perú, as Guianas, Cuba, etc..

Fazendo um cuidadoso exame do quadro, notamos que dos vários paizes que demonstram um substancial aumento nas suas entradas de café nos E.E.U.U., nos últimos anos, um apenas vem crescendo segura e continuamente : a Colômbia. De 1915 até 1942 ela passou de 9,93% a 29,79%, com uma progressão constante e quasi regular. Outros, se bem que registrassem bom crescimento nos últimos dois ou três anos, não tiveram progressão regular. Outros, ainda, arrastaram-se com baixas porcentagens durante muitos anos e só agora, à custa do atual conflito e de suas consequências, é que lograram dar um salto. E todos eles, menos a Colômbia, já tiveram porcentagens mais altas que a registrada no ano de 1942.

Se nos referirmos a 1941, entretanto, ano este que representa o mais alto volume de importação cafeeira pelos E.E.U.U. desses 11 paizes, com um total de 17.037.405 sacas, veremos que as porcentagens desse ano excedem às de 42 relativamente a vários produtores, sendo que, em referência a Haití e S. Domingos, elas são as mais altas desde 1915.

* * *

E qual é nesse quadro, o papel do Brasil? Infelizmente, o inverso da Colômbia, que registrou a mais alta porcentagem desde 1915. Nós, ao contrário, registrámos a mais baixa, com 43,13%, depois de termos chegado a 70,72%, 71,38% e 70,98%, respectivamente em 1916, 1927 e 1931.

Felizmente, porém, a causa dessa redução é explicavel, não se tratando de uma perda de mercados por inhabilidade comercial ou inferioridade do produto, mas tão somente de uma situação de momento, devida à nossa posição geográfica. Realmente, de todos os outros 10 paizes, o mais afastado dos E.E.U.U., que é o Equador, tem menos de metade da distância que vai de Santos aos mercados **yankees.** Ainda se os nossos portos exportadores da rubiácea estivessem no norte do país, ou pelo menos de Natal para cima, as possibilidades de exportação seriam bem maiores. Sendo, porém, necessário virem os navios buscar a mercadoria quasi no extremo sul do país, — em Santos, Rio, Angra, Paranaguá, e mesmo Vitória, não é tão facil, nesses tempos em que ha cousas muito mais urgentes a transportar, levar dessas regiões meridionais o grão precioso.

Nada nos permitiria acreditar que esta situação se mantenha depois da guerra. A Colômbia e os produtores do mar das Antilhas estão já com a sua exportação no máximo e, restabelecidas as condições normais, poderíamos entrar no mercado americano e nos outros com toda a nossa potencialidade. Não seria facil, evidentemente, atingir os 70% que conseguimos em certas ocasiões, mas, por outro lado, os 43% de 1942 não deveriam, com toda a probabilidade, ser repetidos.

Importação de Caf

SACAS

% DOS PRINCIPA

ANOS	TOTAL IMPORTADO	BRASIL	COLÔMBIA	SALVADOR	VENEZUELA
1915..........	8.465.309	69,13	9,93	1,41	6,48
1916..........	9.088.947	70,72	9,10	0,97	6,11
1917..........	9.987.673	68,73	11,41	2,60	4,40
1918..........	8.656.003	65,04	9,80	4,87	4,38
1919..........	10.091.288	59,04	11,28	1,73	8,23
1920..........	9.812.932	60,61	15,01	3,81	5,09
1921..........	10.147.407	62,59	18,58	1,61	4,46
1922..........	9.429.131	64,41	15,40	1,46	5,35
1923..........	10.668.222	66,43	15,73	1,96	3,81
1924..........	10.751.947	66,20	17,35	1,49	4,58
1925..........	9.713.918	67,93	16,53	0,76	4,33
1926..........	11.300.158	67,86	18,24	1,10	3,55
1927..........	10.846.309	71,38	17,59	0,36	3,33
1928..........	11.021.686	65,98	18,14	0,85	3,60
1929..........	11.216.480	64,49	21,02	1,11	4,41
1930..........	12.102.282	65,48	22,14	1,04	3,50
1931..........	13.165.922	70,98	18,67	0,98	3,24
1932..........	11.348.441	61,50	23,81	0,75	3,09
1933..........	11.992.002	65,76	22,65	1,64	1,91
1934..........	11.523.618	65,62	21,09	1,87	1,92
1935..........	13.308.051	64,48	21,12	3,05	2,68
1936..........	13.176.487	59,52	19,89	3,31	3,49
1937..........	12.856.593	51,64	25,26	5,56	2,06
1938..........	15.052.789	60,40	22,79	3,59	1,21
1939..........	15.259.598	61,10	20,95	3,93	1,00
1940..........	15.536.209	53,48	25,79	4,74	2,22
1941..........	17.037.405	58,29	17,93	3,18	3,07
1942..........	13.111.822	43,13	29,79	5,36	3,58

NOTA: 1942 — Sujeito a retificação nos meses de Outubro, Novembro e D

é nos Estados Unidos

DE 60 QUILOS

PAISES EXPORTADORES

GUATEMALA	HAITÍ	MÉXICO	REP. DOMINICANA	EQUADOR	COSTA RICA	NICARÁGUA
3,99	0,80	4,71	0,32	0,11	0,61	0,57
5,03	0,28	4,15	0,29	0,01	1,11	0,76
5,71	0,45	4,16	0,05	0,03	0,97	0,71
5,55	2,26	2,72	0,17	0,01	1,84	2,04
5,71	2,43	2,22	0,18	0,09	1,04	1,14
5,86	1,54	1,51	0,08	0,11	1,35	0,85
4,73	0,60	2,01	0,16	0,15	1,08	1,21
4,80	0,07	3,03	0,19	0,08	1,10	0,37
4,86	0,14	2,76	0,12	0,10	0,65	0,74
3,09	0,15	1,99	0,17	0,04	0,92	0,95
2,65	0,29	2,15	0,25	0,09	0,45	0,55
3,17	0,15	1,80	0,20	0,05	0,48	0,74
1,94	0,10	1,57	0,10	0,00	0,23	0,19
1,82	0,11	2,67	0,19	0,04	0,31	0,58
1,45	0,06	2,11	0,18	0,12	0,31	0,61
1,87	0,00	2,09	0,18	0,03	0,39	0,24
0,95	0,00	1,69	0,07	0,01	0,30	0,29
1,81	0,01	1,41	0,18	0,16	0,50	0,05
1,23	0,03	3,34	0,17	0,03	0,91	0,24
1,66	0,00	2,28	0,11	0,37	0,19	0,27
2,00	0,01	1,90	0,16	0,48	0,54	0,70
3,18	0,25	3,38	0,39	0,55	0,45	0,43
3,30	0,70	2,42	0,38	0,77	0,75	0,80
3,01	0,91	2,51	0,31	0,45	0,69	0,78
2,80	1,15	2,89	0,49	1,04	0,52	1,13
3,91	0,93	2,56	0,51	1,32	0,79	1,47
3,61	2,48	2,65	1,06	1,13	1,64	1,05
4,77	2,05	2,71	0,92	0,57	1,36	1,83

zembro.

IMPORTAÇÃO DE CAFÉ NOS E.E.U.U.

PORCENTAGENS

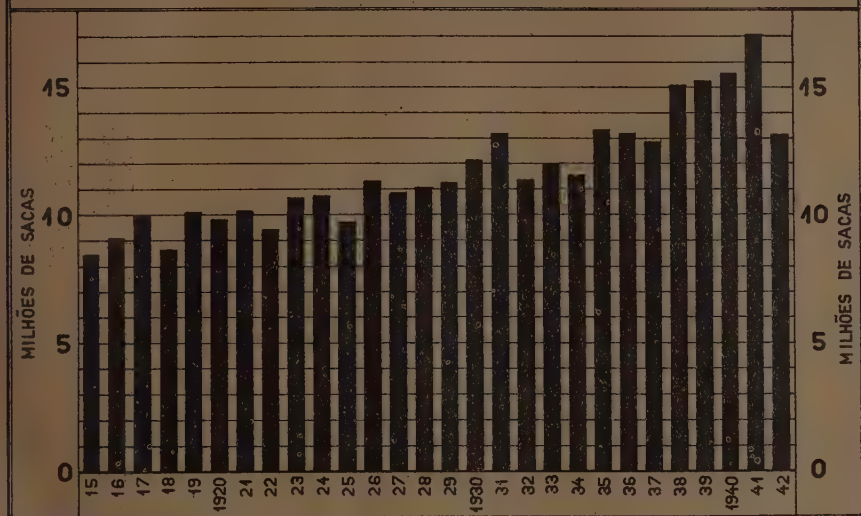
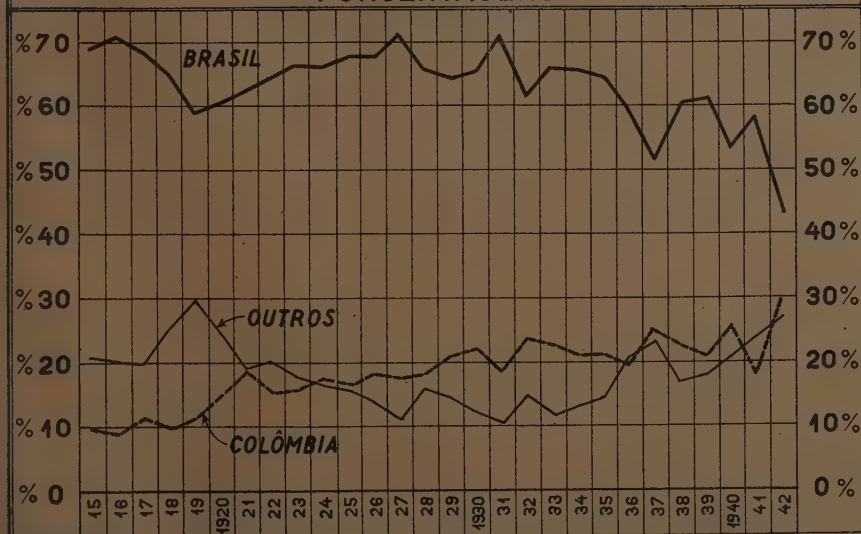
%70 %60 %50 %40 %30 %20 %10 % 0

70% 60% 50% 40% 30% 20% 10% 0%

BRASIL

OUTROS

COLÔMBIA

15 16 17 18 19 1920 21 22 23 24 25 26 27 28 29 1930 31 32 33 34 35 36 37 38 39 1940 41 42

A.H.Florence, des.

O Comércio de S. Paulo por Vias Terrestres

J. C. MELO

Tem sido devidamente analisado e comentado o comércio internacional de São Paulo e, igualmente, o seu intercâmbio com os demais estados brasileiros, por cabotagem. Os dados relativos à troca de mercadorias por vias terrestres — férreas ou de rodagem — entretanto, não foram até agora objeto de tão numerosos e acurados estudos. E são eles tão importantes como os referentes ao comércio marítimo, sendo mesmo de notar que, nos últimos tempos, veem assumindo preponderância em nosso intercâmbio.

Aliás, a falta de comentários sobre o assunto era devida ao fato de que não havia suficientes estudos e investigações estatísticas em que apoiar quaisquer elocubrações a respeito.

Essa lacuna foi sanada desde que o Departamento Estadual de Estatística empreendeu a creação de um serviço de apuração das exportações paulistas, e posteriormente, a publicação dos dados coligidos no excelente boletim mensal do mesmo Departamento.

Verdade é que as dificuldades oriundas da fiscalização nas ferrovias e rodovias, e outras de ordem técnico-estatística, não teem permitido que haja nas publicações do Departamento vários detalhes que seriam convenientes e altamente esclarecedores. Por exemplo — e isso vem ferir exatamente o ponto que desejavamos comentar, o café — não ha detalhes sobre a exportação da rubiácea para qualquer dos oito Estados compreendidos na resenha feita pelo Departamento Estadual de Estatística, e que são aqueles com os quais trocamos produtos por via terrestre : Distrito Federal, Goiaz, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Das quatro classes de produtos abrangidos pela estatística (Animais vivos, Matérias primas, Gêneros alimentícios e Manufaturas) a terceira, gêneros alimentícios, deve abranger o café, mas nem sabemos em qual das duas rúbricas, a de "Artigos destinados à alimentação — bebidas", ou a de "Diversos gêneros alimentícios". Mas, isso é um detalhe, e talvez se deva essa falta de especificação a qualquer pequeno obstáculo, irremovivel por ora, ou à impossibilidade de entrar em demasiadas minúcias em relação a cada classe.

O fato é que o trabalho do Departamento Estadual de Estatística é deveras interessante e bem sistematizado, Estado por Estado, classe por classe, mês por mês, peso e valor, números absolutos e relativos, etc.

Examinemos agora, comparativamente, os dados relativos à exportação de São Paulo no primeiro trimestre de 1942 (últimas cifras completas publicadas) e constataremos, com surpresa, dois fatos interessantes :

1.°) que o mercado brasileiro já é largamente superior ao estrangeiro na nossa corrente exportadora. O total das nossas exportações para os Estados brasileiros (cabotagem e vias terrestres somadas) é de cerca de Cr.$ 1.200.000.000,00, sendo a exportação para o estrangeiro de cerca de Cr.$ 820.000.000,00 no mesmo período, ou seja uma vantagem a favor do nosso movimento interestadual de 50% em números redondos.

2.º) Que em nossas exportações para os Estados brasileiros, a maior parcela já não é a de cabotagem. Pelo contrário, ela já se distancia muito daquela representada pelo comércio terrestre. De fato, a cabotagem contribuiu, para as exportações paulistas, com Cr.$ 370.000.000,00 nesse trimestre que estamos analisando, enquanto o comércio terrestre alinhou a bela cifra de Cr.$ 825.000.000,00 de cruzeiros nesse mesmo período. Por outras palavras, as oito unidades federativas com que comerciamos por vias terrestres nos compraram mais que as 19 enumeradas como nossas compradoras por cabotagem, e mesmo mais que todos os paises estrangeiros.

A constatação é interessante e, como acima dissemos, inesperada.

EXPORTAÇÃO DE SÃO PAULO, POR CABOTAGEM, PARA AS OUTRAS UNIDADES DA FEDERAÇÃO

1.º TRIMESTRE DE 1942	Cr.$
Acre	1.585.322,00
Amazonas	8.692.961,00
Pará	18.254.544,00
Maranhão	5.445.604,00
Piauí	3.616.942,00
Ceará	28.618.242,00
Rio Grande do Norte	6.832.387,00
Paraiba	11.528.327,00
Pernambuco	69.382.912,00
Alagoas	6.760.888,00
Sergipe	3.966.181,00
Baía	53.321.748,00
Espírito Santo	3.136.155,00
Rio de Janeiro	386.654,00
Capital Federal	14.193.112,00
Paraná	3.762.898,00
Santa Catarina	14.084.290,00
Rio Grande do Sul	114.118.114,00
Mato Grosso	146.033,00
Total	372.833.316,00

EXPORTAÇÃO DE SÃO PAULO PARA OUTROS ESTADOS, POR VIAS TERRESTRES

1.º TRIMESTRE DE 1942	Cr.$
Distrito Federal	454.669.106,00
Goiaz	30.260.370,00
Mato Grosso	37.544.477,00
Minas Gerais	143.448.873,00
Paraná	72.332.155,00
Rio de Janeiro	42.711.992,00
Rio Grande do Sul	24.679.029,00
Santa Catarina	20.128.880,00
Total	825.714.882,00

EXPORTAÇÃO DE SÃO PAULO PARA O ESTRANGEIRO

1.º TRIMESTRE DE 1942, E DOS QUATRO ANOS ANTERIORES

	Cr.$
1938	495.494.888,00
1939	547.728.711,00
1940	519.959.040,00
1941	640.677.513,00
1942	819.440.662,00

Não caberia fazer, nestas linhas, a defesa do comércio por vias terrestres contra o comércio por vias marítimas ou fluviais. O frete é, nestas, extraordinariamente mais barato e a capacidade de transporte muito maior. Entretanto, de outro lado, muito se tem encarecido as vantagens da creação de um sólido intercâmbio nacional, principalmente em ocasiões como a presente. Em situações como esta, não apenas se realçam as vantagens do mercado interno, mas chega a ser altamente auspicioso que ele se realize, o mais possivel, por vias terrestres.

Felizmente para São Paulo é isso possivel graças ao fato de não se ter descurado, nos bons tempos, das suas ferrovias e rodovias. Creadas principalmente à custa do café, elas hoje ainda o servem. Mas prestam serviços principalmente ao nosso parque industrial, conforme se pode ver pela preponderância da classe "manufaturas" sobre as três outras, nas tabelas que publicamos.

Elas documentam, aliás, a evolução do nosso comércio terrestre, desde que o Departamento Estadual de Estatística iniciou a publicação de seus dados a respeito.

COMÉRCIO INTERESTADUAL

TOTAL DA EXPORTAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR VIAS TERRESTRES

ANO DE 1940

ESTADOS DE DESTINO	PESO EM QUILOS	
	NÚMEROS ABSOLUTOS	NÚMEROS RELATIVOS
Distrito Federal	246.215.470	38 %
Goiaz	22.428.985	3 %
Mato Grosso	53.202.203	8 %
Minas Gerais	208.460.894	32 %
Paraná	68.991.422	11 %
Rio de Janeiro	37.160.637	6 %
Rio Grande do Sul	8.738.508	1 %
Santa Catarina	6.628.796	1 %
Total	**651.826.915**	**100 %**

ESTADOS DE DESTINO	VALOR	
	NÚMEROS ABSOLUTOS	NÚMEROS RELATIVOS
	Cr.$	
Distrito Federal	683.972.816,00	39 %
Goiaz	69.553.961,00	4 %
Mato Grosso	123.238.309,00	7 %
Minas Gerais	469.684.240,00	27 %
Paraná	218.389.597,00	13 %
Rio de Janeiro	70.140.120,00	4 %
Rio Grande do Sul	58.391.290,00	3 %
Santa Catarina	46.488.846,00	3 %
Total	**1.739.859.179,00**	**100 %**

COMÉRCIO INTERESTADUAL
TOTAL DA EXPORTAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO POR VIAS TERRESTRES.
ANO DE 1941

ESTADOS DE DESTINO	PESO EM QUILOS	
	NÚMEROS ABSOLUTOS	NÚMEROS RELATIVOS
Distrito Federal	339.412.480	43 %
Goiaz	25.743.085	3 %
Mato Grosso	55.495.010	7 %
Minas Gerais	214.843.147	28 %
Paraná	88.916.122	11 %
Rio de Janeiro	45.734.274	6 %
Rio Grande do Sul	11.966.397	1 %
Santa Catarina	8.559.740	1 %
Total	**790.670.255**	**100 %**

ESTADOS DE DESTINO	VALOR	
	NÚMEROS ABSOLUTOS	NÚMEROS RELATIVOS
	Cr.$	
Distrito Federal	1.481.845.284,00	54 %
Goiaz	95.039.163,00	3 %
Mato Grosso	144.052.962,00	5 %
Minas Gerais	581.936.460,00	21 %
Paraná	239.347.402,00	9 %
Rio de Janeiro	120.447.310,00	4 %
Rio Grande do Sul	59.615.237,00	2 %
Santa Catarina	44.860.780,00	2 %
Total	**2.767.144.598,00**	**100 %**

COMÉRCIO INTERESTADUAL

EXPORTAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO PARA OUTROS ESTADOS DO BRASIL

POR VIAS TERRESTRES — ANO DE 1939

RESUMO

PESO EM QUILOS

MESES	ANIMAIS VIVOS	MATÉRIAS PRIMAS E ARTIGOS COM APLICAÇÃO AS ARTES E INDÚSTRIAS	ARTIGOS MANUFATURADOS	ARTIGOS DESTINADOS A ALIMENTAÇÃO E FORRAGEM	DIVERSOS	TOTAL
Janeiro	193.488	8.221.931	16.590.588	18.872.985	1.069.409	44.948.401
Fevereiro	178.220	8.882.226	18.242.917	24.071.471	1.161.585	52.536.319
Março	62.448	10.746.920	19.230.933	25.128.648	1.464.618	56.633.567
Abril	101.891	14.994.550	17.483.253	21.141.535	1.351.430	55.072.659
Maio	163.242	17.433.056	19.234.674	23.821.323	1.191.689	61.843.984
Junho	215.234	9.220.939	18.771.533	25.514.899	1.316.461	55.039.066
Julho	307.678	19.055.044	18.568.144	25.145.415	1.483.482	64.559.763
Agosto	188.324	24.907.562	19.362.435	29.019.263	1.482.639	74.960.223
Setembro	375.071	12.866.008	21.564.815	29.571.668	1.313.752	65.691.314
Outubro	131.718	13.635.886	22.712.615	33.227.984	1.599.132	71.307.335
Novembro	234.941	10.450.664	21.942.760	29.877.484	1.526.270	64.032.119
Dezembro	179.506	11.119.466	18.580.878	25.059.031	1.536.906	56.475.787
Total geral	**2.331.761**	**161.534.252**	**232.285.545**	**310.451.706**	**16.497.273**	**723.100.537**

COMÉRCIO INTERESTADUAL

EXPORTAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO PARA OUTROS ESTADOS DO BRASIL

POR VIAS TERRESTRES — ANO DE 1939

RESUMO

VALOR

MESES	ANIMAIS VIVOS	MATÉRIAS PRIMAS E ARTIGOS COM APLICAÇÃO ÀS ARTES E INDÚSTRIAS	ARTIGOS MANUFATURADOS	ARTIGOS DESTINADOS À ALIMENTAÇÃO E FORRAGEM	DIVERSOS	TOTAL
	Cr.$	Cr.$	Cr.$	Cr.$	Cr.$	Cr.$
Janeiro	442.150,00	4.725.181,00	71.224.585,00	23.303.630,00	2.664.466,00	102.360.012,00
Fevereiro	365.596,00	6.805.987,00	72.538.762,00	24.439.377,00	3.425.356,00	107.575.078,00
Março	89.467,00	10.555.882,00	87.416.971,00	26.430.696,00	4.478.133,00	128.971.149,00
Abril	250.907,00	9.176.333,00	78.083.851,00	21.389.942,00	4.472.138,00	113.373,171.00
Maio	260.407,00	13.326.300,00	92.698.461,00	25.394.276,00	3.803.274,00	135.482.718,00
Junho	456.113,00	7.634.291,00	80.360.738,00	26.720.644,00	4.209.889,00	119.381.675,00
Julho	850.481,00	11.340.950,00	80.444.535,00	25.558.144,00	4.067.943,00	122.262.053,00
Agosto	436.185,00	14.268.386,00	85.387.471,00	29.298.807,00	4.677.945,00	134.068.794,00
Setembro	775.264,00	11.805.280,00	94.232.827,00	26.407.886,00	4.486.622,00	137.707.879,00
Outubro	275.364,00	12.524.695,00	97.733.772,00	32.014.748,00	4.938.490,00	147.487.069,00
Novembro	324.931,00	10.684.887,00	90.803.041,00	29.321.245,00	5.241.738,00	136.375.842,00
Dezembro	441.718,00	11.238.567,00	92.944.231,00	24.272.952,00	5.120.096,00	134.017.564,00
Total geral	**4.968.583,00**	**124.086.739,00**	**1.023.869.245,00**	**314.552.347,00**	**51.586.090,00**	**1.519.063.004,00**

O CONTROLE À EROSÃO NOS CAFEZAIS SULCOS E CORDÕES EM CONTORNO

Por

HELIO VIÉGAS DE CAMARGO BITTENCOURT

Assistente Auxiliar

da

SECÇÃO DE COMBATE À EROSÃO, IRRIGAÇÃO E DRENAGEM

Continuando nossa praxe de inserir neste Boletim trabalhos de utilidade aos nossos lavradores, ou às pessoas ligadas à lavoura, iniciamos neste número a publicação de um valioso estudo do agrônomo HELIO VIEGAS DE CAMARGO BITTENCOURT. Esse trabalho, dada a sua atualidade, será provavelmente editado em separata, após a sua publicação neste Boletim.

O Controle à Erosão nos Cafezais

Numerosos e complexos, os problemas relacionados à trato, beneficiamento ou comércio do café, surgiram desde a implantação da sua cultura em nosso Estado. Muitos deles foram resolvidos pelos nossos cafeicultores ; outros, contudo, continuam a desafiar nossa argúcia. Uma permanente ação, conjunta e harmônica, das classes interessadas — lavradores, exportadores, banqueiros, estadistas, técnicos em agricultura —, poderia trazer felizes resoluções à várias dessas incognitas, atuais e futuras.

Aguardando ha muito uma solução satisfatória, destaca-se o momentoso problema criado pela erosão provocada pela água que exgota a matéria orgânica e a riqueza mineral do solo, e desgasta-o pelo arrastamento de suas partículas. Este nosso trabalho visa trazer algumas informações que julgamos uteis ao conhecimento público. Não se trata de prognosticar medidas creadas em pura imaginação, mas, ao contrário, cuida-se da descrição de métodos já aplicados alhures, com resultados favoraveis.

I — IMPORTÂNCIA

Um detido exame dos cafezais decadentes do Estado de S. Paulo, mostra claramente a responsabilidade que, neste particular, cabe à erosão, pois o exgotamento é tanto mais rápido quanto mais susceptivel à erosão é o solo onde eles se encontram.

Nas terras arenosas da formação Baurú — Zona Araraquarense, Noroeste e alta Paulista —, já se tronou patente a efêmera produtividade da planta.

Ao contrário, a despeito das péssimas condições topográficas, é de se ressaltar a boa produtividade que tem mantido as culturas estabelecidas em terras tipo massapé, de formação Arqueana ; aquí encontramos cafezais velhos, em declives de 40 a 50%, com bom aspeto e produção de 40 arrobas por mil pés.

Nos solos salmourão, a erosão tem sido muito mais ativa e, consequentemente, mais acelerada a decadência.

Nas terras roxas, o cafeeiro tem conservado boa produtividade por longos anos e aí encontramos muitos cafezais com mais de 60 anos mantendo produção compensadora, embora sua curva de produção acuse, no geral, um declínio.

O que acima ficou explicado, vem corroborar a afirmativa de que a produtividade do cafeeiro e, portanto, a sua estabilidade econômica, apresenta-se como função principal ou então muito correlata à resistência do solo à erosão.

2 — HISTÓRICO

Desde o início, o plantio dos cafezais se fez em linhas retas, ficando as covas distribuidas no terreno, em quadrado ou quincôncio. Geralmente a cultura se organizava em talhões, — na maioria das vezes com cerca de 5.000 covas — os quais eram separados por longos caminhos retos, em direções perpendiculares.

Logo, os próprios agricultores se aperceberam que, caminhos e ruas de cafeeiros estando inconcientemente locados seguindo o maior declive carreavam as enxurradas. Muitos lavradores mais avisados, apercebendo-se do perigo, procurâram opor-lhes obstáculos.

Contudo, a primeira referência escrita que vamos encontrar é de Dafert.[1] Neste seu trabalho, o autor, com a sua larga visão, preconiza curvas de nivel, construidas com troncos de árvores e terra.

Sulcos e cordões em nivel, em uma fazenda em Jaú. Notam-se sinais de empoçamento.

São conhecidos alguns outros métodos adotados, os quais, pouco a pouco foram surgindo e divulgando-se entre os próprios cafeicultores.

Alguns lavradores lançaram mão de diferentes métodos de capinas, que enumeramos a seguir:

1 — Capinar e juntar as ervas más em cordões, aproximadamente transversais ao declive, no meio das ruas de plantas;

2 — Capinar somente quando o mato atingir grande desenvolvimento e distribuir a massa cortada por toda a superfície do terreno;

3 — Aparar as ervas más a certa altura do solo, isto é, bater o mato, evitando que forme sementes e diminuindo o seu porte, sem escarificar o terreno;

4 — Efetuar a capina em ruas alternadas, o quanto possivel, transversais ao declive. Desta maneira, cada capina é efetuada em uma metade da área, ficando a outra metade com mato, em forma de faixas de retenção.

(1) — Dafert, F. W. — Sobre a fortificação do solo nos cafezais. Relat. do Instituto Agronômico, página 202, — 1893.

Alem destes métodos de capinas, tentaram embaraçar as enxurradas com culturas intercalares de leguminosas (adubos verdes) — o feijão de porco, Canavalia ensiformes, D.C., a mucuna, Stizolobium Deiringianum, Borg. e, algumas vezes, a Crotalaria juncea, Linn. foram empregadas com esta finalidade.

Muitos lavradores recorreram à abertura de valas entre as plantas e nos carreadores, para colher a água das enxurradas, visando a sua absorção pelo terreno. As primeiras com 1,20 x 0,40 x 0,60 m., orientadas transversalmente ao declive ; as segundas com 1 x 1 x 1 m. de comprimento, largura e profundidade respectivamente, eram escavadas a intervalos variaveis e, com a terra delas retirada, construia-se um rebordo na parte mais baixa do terreno.

Todos estes processos, assim como muitos outros adotados, foram tentativas louvaveis de cafeicultores desejosos de obter uma solução ao problema creado pelas grandes chuvas.

Sulco em nivel em uma fazenda de Jaú. Os chapéus foram colocados para mostrar o septo ("pé-de-pinto") que subdivide os sulcos em secções de 30 cms.

Mais tarde, o Serviço Técnico do Café, recomendou largamente o "enleiramento permanente", sistema de cultivo com o qual pretendia obter a solução do problema da erosão e da adubação orgânica dos cafezais. Este sistema, bastante conhecido, consta em suma, de camalhões construidos com terra e matéria orgânica em todas as ruas, longitudinais e transversais, fechando cada cafeeiro em um quadro. Numerosos foram os lavradores que adotaram este sistema, contudo, pequeno é o número dos que o conservaram por longo tempo.

Mais recentemente, técnicos da Secretaria da Agricultura, procuraram construir valetas em nivel no cafezal. Em alguns casos estas valetas ficavam interrompidas ao encontrarem um cafeeiro no seu alinhamento e eram mantidas com suas extremidades fechadas, para retenção da água. Noutros casos, eram contínuas, desviando-se das plantas situadas em seu alinhamento e mantinham as extremidades abertas, para descarga da água nos carreadores. O espaçamento adotado entre valetas foi arbitrário e não obedecia ao tipo de solo e à declividade do terreno. Tinham estas, geralmente, cerca de 0,40 m. de largura, 0,50 ou 0,60 m. de profundidade e eram executadas com os bordos quasi a prumo, sendo que a terra retirada era depositada em cordão lateral, situado na parte mais baixa do terreno.

Carreador de café vegetado com grama Ingleza — Munic. de Jaú.

Os sulcos e cordões em nivel teem sido usados por diversas lavradores principalmente do município de Jaú. Distingue-se estes sulcos, das valetas, por serem eles razos e largos, acompanhados de cordões baixos. São sempre usados os sulcos de retenção total com extremidades fechadas e a água dos carreadores, em certos casos, é encaminhada para eles. O seu espaçamento vertical é aproximadamente 1 metro para qualquer solo e declive.

3 — APRECIAÇÃO SOBRE OS DIFERENTES PROCESSOS USADOS

Seria interessante fazer algumas considerações sobre as diversas medidas de controle anteriormente citadas, indicando sumariamente as suas maiores vantagens ou inconvenientes.

A prática de juntar as ervas más em cordões, tem o seu efeito benéfico porque eles vão constituir um embaraço, de eficiência aliás duvidosa, às enxurradas; porem tem o seu efeito prejudicial, por expor, com a raspagem e o desnudamento, à ação direta do sol e das chuvas, grande superfície do terreno.

O segundo sistema de capina mencionado é bastante interessante para as terras onde o "mato" cresce exuberantemente, e cuja textura e inclinação são favoraveis ao controle da erosão; dentre os métodos empregados, é talvez o mais usado pelos nossos melhores agricultores.

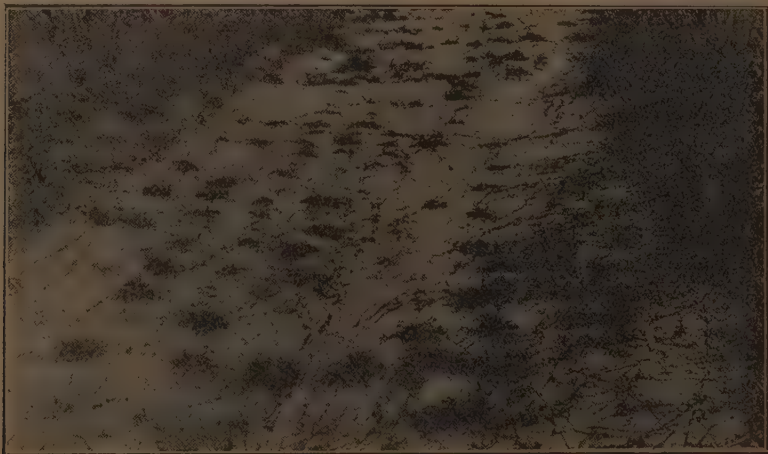
O processo lembrado em terceiro lugar, tem sido aplicado por alguns cafeicultores; a sua prática é mais trabalhosa e o cafeeiro pode se ressentir da séria concorrência, principalmente em água, mormente nos períodos de seca.

O quarto e último sistema citado tem produzido muito bons resultados em algumas terras massapé muito acidentadas; no entretanto, tem sido muito pouco empregado e é preciso conduzí-lo com muito cuidado. Dado o seu aspeto interessante, parece merecer uma observação experimental cuidadosa.

Outro carreador vegetado com grama Ingleza — Munic. de Jaú.

Todos estes sistemas de capinas empregados isoladamente teem efeito moderado que, muitas vezes, chega a desaparecer, quando as condições são muito adversas; mas, de acordo com as condições locais, alguns deles podem produzir resultados satisfatórios.

Quanto às culturas intercalares de adubos verde, torna-se dificil assegurar o seu efeito direto na defeza do solo contra a erosão. Na verdade, o enriquecimento

do solo em matéria orgânica vem aumentar a sua capacidade de absorção da umidade e sua resistência ao transporte. Alem disso, a parte aérea e as raizes das plantas agem, respectivamente, como embaraço às enxurradas e como elementos de fixação do solo. Estas leguminosas semeadas no cafezal com as primeiras chuvas não devem sofrer (mormente o feijão-de-porco) a concorrência de ervas más, no início do seu desenvolvimento. Como o período das chuvas se inicia, muitas vezes, com precipitações intensas e frequentes, as leguminosas, por esse motivo, não podem oferecer proteção bastante satisfatória ao terreno. A mucuna que é justamente a leguminosa de formação mais rápida, tem importância muito discutida como cultura intercalar, pela tendência de subir nos cafeeiros trazendo sérios embaraços à sua manutenção.

Canal de escoamento recentemente vegetado com grama Macaé. Esc. Prat de. Agr. de Baurú.

As valas abertas na própria cultura dificultam as diversas operações agrícolas, e quando o café inicía a amadurecer e cair, parte dele perde-se no fundo das valas. Além disso, frequentemente, elas se enchem com as grandes chuvas, perdendo muito do seu valor. E então, a enxurrada transporta a terra do cordão lateral para a situada logo abaixo e, em muitos casos, em pouco tempo, todas elas precisam ser reformadas. Por tudo isso, não nos parece que esta seja a melhor solução do problema.

O fato do enleiramento permanente, ter sido, de início, adotado e, mais cedo ou mais tarde abandonado, por muitos cafeicultores, revela que este sistema apresenta grandes dificuldades na sua manutenção ou graves inconvenientes para a cultura cafeeira. Convem lembrar que a primeira dificuldade aparece com a necessidade de se produzir um volume de matéria orgânica capaz de atender às necessidades de toda a lavoura, conforme se recomenda. Por outro lado, para a manutenção das leiras, o operário vê-se forçado a raspar toda a superfície em torno

das plantas, puxando a terra e ervas más para o camalhão. Desta forma, nos cafezais espaçados, a maior superfície do terreno é conservada completamente desnuda, exposta à ação direta do sol. Examinando-se num cafezal assim conservado, a parte em volta às plantas e os cordões, vê-se que na primeira não existem ou são raras as raizes capilares, que, ao contrário, são numerosas e superficiais nos cordões. Isto, talvez, constitua um dos maiores inconvenientes do sistema. O cafeeiro mantido sob este sistema, tendo a tendência de desenvolver uma intensa rede capilar muito superficial, fica muito exposto às sêcas prolongadas.

Estas observações, assunto a ser melhor investigado por um especialista em cafeicultura, foram aquí expostas por termos considerado que, todo o sistema de contrôle à erosão, deve melhorar as condições do solo para o bom desenvolvimento da planta. Contudo, pelo abandono da sua adoção por parte dos cafeicultores, julgamos o efeito do enleiramento permanentes sobre a lavoura cafeeira.

Dentre as valetas de nivel, as interceptadas ou de extremidades fechadas, exigem um menor espaçamento entre si, afim de evitar o transbordamento. Isto, em certas condições de solo e topografia, poderia encarecer muito a construção e dificultar os diferentes trabalhos agrícolas.

As valetas em nivel, contínuas e de extremidades abertas, apresentam maiores probabilidades de êxito. Por terem que se desviar de muitas plantas, apresentam pontos mais baixos ou mais altos, os quais ocasionam um certo empoçamento de água. As condições de solo, topografia, regimem pluviométrico e conservação, podem fazer perigar o sistema que, no entretanto, já é bem menos sujeito à ruptura do que as valetas de extremidades fechadas. A sua profundidade constitue ainda, inconveniente para as diversas operações de cultivo, e tal como nas valetas fechadas, o café caindo no fundo das valetas, é difícil de ser retirado e parte dele se perde. Nos solos arenosos, estas valetas fundas ficam sujeitas ao desmoronamento dos bordos. Os inconvenientes acima apontados para as valetas em nivel interceptadas ou não, são tanto mais acentuados quanto mais íngreme for o declíve do terreno.

De maneira geral, ao se executar as valetas com extremidades abertas, não se tem dado atenção ao escoamento da água. No entretanto, é evidente que a água por elas descarregadas vai aos carreadores. Por esta razão, torna-se necessário proteger os carreadores contra as enxurradas, escolhendo os que deveriam ser usados para essa descarga, ou melhor, construindo canais de escoamento.

Os sulcos e cordões em nivel demonstram suas vantagens pela ausência dos sinais caraterísticos da erosão, no solo onde o cafezal foi por eles protegido. Estes cordões rompem-se, em alguns pontos, com as maiores chuvas, mas estas rupturas são devidas, em parte, a terem as suas extremidades fechadas, ou em muitos casos, por receberem a água dos carreadores. Alguns lavradores, mantem os carreadores vegetados com "grama ingleza", Stenotaphrum secundatum (Walt) Ktze, otimamente conservados, evitando assim, sobrecarregar os sulcos com a enxurrada dos carreadores. Melhor ainda seria si os sulcos e cordões tivessem suas extremidades abertas para carreadores revestidos com vegetação.

(Continua no próximo número).

Resumos e Transcrições

A Glorificação do Café

HUMBERTO DE CAMPOS

ADRIEN Hebrard, o judeu inteligentíssimo que fez do "Temps" um dos grandes jornais do mundo, dizia, certa vez, em um banquete, a Edmond de Goncourt :

— O "Café" é uma das mais uteis instituições sociais do nosso tempo.

E numa definição mais precisa :

— O "café" é uma espécie de Escola Normal em que o indivíduo se prepara corpo a corpo para a vida.

Mais util, porem, do que o estabelecimento em que se vende o café, é o café por si mesmo. Conta Eça de Queiroz que Leão XII, em uma epístola em versos latinos, elogiou vivamente "essa bebida, reconfortante", ordenando, pontificalmente, que "o saboreemos lentamente ,em regulados goles". E o cronista leva as mãos ao rosto, escandilazado. "O café ! — exclama, com horror cristão : — O café ! Mas o café foi logo, desde a sua aparição, a bebida dileta, quasi oficial, do Racionalismo ! Estimulando a Imaginação e a Razão indagadora, ele implicitamente dissolve o respeito pela Regra e pelo Dogma Imutavel. O café mais que a Enciclopédia, fomentou a Grande Revolução. Bebido, com o alvoroço da sensação nova, por Buffon, Diderot, d'Alembert e Rousseau, ele aqueceu mais aquelas almas calorosas, aguçou mais aqueles espíritos penetrantes : e Michelet não duvida afirmar, com gongorismos, mas com rigor histórico, que essa geração forte descobriu no fundo das chávenas, através da negra e perfumada bebida, o luminoso raio de 89 !"

Prosseguindo, assinala o maravilhoso estilista português a influência do café na evolução social que se processou no século XVIII. "Voltaire, — diz, — tirou da cafeteira toda a sua obra demolidora. Esse diabólico rei da Prússia, Frederico, o Grande, que morreu de excessos de café, e que se regalava de não acreditar em Deus nem na Vida Eterna, exclamava, moribundo :

— "Já não sou nada ; já não bebo café !...."

No Brasil, desde que aqui aportou é o café encontrado, como ornamento na história e na anedota. É ele, evidentemente, o maior vício brasileiro. Nas repartições públicas, no comércio, em toda parte em que se trabalha, especialmente no Rio e em S. Paulo, ha a "hora do café". É a hora sagrada. Os empregados saem, dois ou três de cada vez, para ir à esquina ,ou mais longe. O funcionário faz o mesmo, embora haja café na repartição. Apenas não saem os diretores, os velhos chefes respeitaveis, aos quais o contínuo vai servir, à hora certa, com a chícara e o assucareiro na bandeja. Empregado público modelar, Machado de Assis era chefe de seção no Ministério da Viação quando, um dia, o procurou, sendo recebido um cavalheiro que desejava o despacho de determinado papel, referente a uma transação vultosa. Examinado o processo, o interessado pediu ao chefe

que não desse informação negativa. Machado, polidamente, recusou-se. Pediu-lhe que pusesse data diferente. Foi igualmente desatendido. Nesse momento chega o contínuo com o café. O romancista de "Braz Cubas" segura da chícara, mas o sujeito lhe agarra o braço, detendo-o.

— Não tome café, doutor! — exclama. — Isso é um veneno para a saúde!

Pausando, medido nos gestos, Machado deposita a chícara, ainda cheia, na bandeja. E, voltando-se para o cavalheiro:

— Senhor está vendo? Não atendo aos outros pedidos porque não posso.

E mandando embora o contínuo com a chícara de café, em cujo conteudo não tocara:

— Acabo de satisfazê-lo na única cousa que dependia de mim!

A história republicana registra, igualmente, entre nós, um episódio como o de Constantinopla no tempo do pachá Kuproi, mas, aqui, com um fecho mais generoso. Era, conta-se, nos primeiros dias da Revolta da Esquadra contra o governo Floriano. Dividida a população em dois partidos, um contrário e outro favoravel ao ditador, era natural que se encontrassem contra ele os estrangeiros, principalmente os portugueses, dado o carater indisfarçadamente jacobino de reação. Carajoso, frio, sem a menor preocupação com a vida, saía o Marechal à noite, sozinho, e à paizana, a percorrer o litoral, inspecionando as forças encarregadas de defender a cidade. Vigorava o estado de sítio, e, completando-o, a lei marcial.

Certa noite, ao regressar, metido no seu singelo paletó de alpaca, de uma dessas inspeções, entrou o ditador em um pequeno café, então existente na Lapa, e, servido pelo proprietário, um gordo português em mangas de camisa, pôs-se a conversar com ele sobre os acontecimentos militares.

— E o tal Floriano . . . Heim? Que você me diz dele? — indagou, mexendo a chícara, o freguez desconhecido.

Supondo haver encontrado um inimigo do governo, o português destaramelou a língua, derramando toda a sua indignação. O Marechal era um bandido, um louco, um selvagem. Mas aquilo não acabaria assim. Havia de aparecer uma bala que lhe desse cabo da vida.

Floriano ouviu-o, calmo, imperturbavel e, às vezes, sorridente. De vez em quando ajudava, mesmo, o negociante revoltoso atacando o governo. Tomado o café e terminada a palestra, retirou-se, com a mesma tranquilidade com que entrara. Momentos depois penetra no café uma praça e procura o proprietário.

— Você não esteve conversando aqui com um freguez sobre a Revolta?

— Estive.

— Sabe quem era?

— Era o Marechal!

Dois minutos depois o café estava deserto. E o português, o dono, nunca mais apareceu.

A "História de um Pintor", que Antônio Parreiras publicou há seis ou oito anos, registra um delicioso incidente galante que, parece não ficar mal neste lugar.

Completava esse artista patrício os seus estudos em París, quando conheceu alí como vizinho, à rua Boissonade, o escultor Essemel, cuja velhice começava a prejudicar, pela fadiga do cérebro e dos músculos, a glória conquistada na mocidade. Um dia, em visita a Parreiras, ofereceu este ao mestre escultor uma chícara de café brasileiro, recebido diretamente. Eram dez horas da manhã. À tarde o escultor voltou.

— Extraordinário ! disse com vivacidade. — Trabalhei hoje bastante. Dê-me outro café !

E entregando um copo :

— Mas, não quero uma chícara. Encha isto ! É um veneno sublime !

Na manhã seguinte era mme. Essemel que procurava o pintor.

— "Monsieur" Parreiras !

— Póde entrar, mme. Essemel.

— Venho pedir-lhe um favor.

— Às suas ordens.

— Não dê mais café ao meu marido.

— Por que, mme. Essemel.

— Não lhe posso dizer. Não me deixou dormir . . .

— Trabalhou toda a noite na estátua, não é verdade ?

— Não "Monsieur" Parreiras ; lembrou-se de sua mocidade ! . . .

— Quer tomar uma chícara de café, mme. Essemel ?

— É muito tarde, "Monsieur" Parreiras, — recusou a veneranda senhora, sorrindo com melancolia.

E apanhando um folha seca, que tombando do alto dos castanheiros lhe viera cair aos volteios, sobre a cabeleira branca :

— O Inverno já chegou . . .

Agora, vem o cafeeiro para os jardins e praças ajardinadas do Rio, por deliberação do prefeito. Aí, dará ele flores, e frutos. Próximo ao seu tronco repousarão os namorados, brincando com os seus frutinhos vermelhos, que apanharão, distraidos. E é pensando nesses idílios de amanhã que me vem à lembrança a maliciosa quadrinha caipira, que as mães, agora, não devem mais esquecer :

"Quem tiver filha bonita
Não mande apanhar café :
Si for menina vem moça,
Si fôr moça vem "muié" !

(*Transcrito da revista Ouro Verde, de Março de* 1942)

Não ha terras definitivamente cançadas ou esgotadas

Discurso proferido em Franca, pelo snr. Interventor Federal em São Paulo, Dr. Fernando Costa, por ocasião do banquete que lhe ofereceram as classes conservadoras locais, a 27 de Março de 1943.

"Excelentíssimas Senhoras.

Meus Senhores.

Sejam as minhas primeiras palavras a expressão sincera do meu agradecimento muito cordial, pela manifestação carinhosa com que me recebeis nesta visita à vossa bela e progressista cidade.

De uma generosidade grande são as atenções com que obsequiais o Governo de S. Paulo, que aquí veio observar, in loco, o vosso progresso, o esforço ingente que fazeis para a prosperidade da vossa terra, e a colaboração grande que prestais para o maior engrandecimento de S. Paulo e do Brasil.

Tudo quanto tivemos o prazer de constatar nesta excursão rápida através do vosso meio social e econômico, é bastante satisfatório : a vossa cidade progride acentuadamente multiplicando as suas obras urbanísticas que lhe dão esse aspecto pitoresco e agradavel ; o vosso Município se renova nas suas possibilidades produtivas ; as terras se valorizam e novas culturas surgem para substituir as velhas lavouras de café.

É a renovação agrícola que São Paulo vem realizando de uma maneira surpreendente para equilibrar a balança da sua produção em face da situação dos mercados consumidores.

A transformação que se opera, na zona velha de S. Paulo, com a substituição de cafezais por outras culturas deve ser feita, porem, com bastante cuidado.

Sabeis bem, Senhore, que a superprodução de café que abarrotou os mercados estrangeiros foi, em grande parte, constituida de tipos inferiores.

Os mercados reclamam os cafés finos. Este tipo do produto representa uma porcentagem ainda pequena na produção geral e a sua cotação, nos mercados estrangeiros, é elevada e bastante animadora.

A vossa zona cafeeira é conhecida pela excelência dos seus produtos.

É preciso que conserveis o tipo da vossa produção cafeeira. E para isto eu aconselho que os lavradores desta região frequentem a Estação Experimental de Ribeirão Preto e acompanhem toda a experimentação agrícola que alí se realiza.

Alí podem eles verificar a importância e a conveniência de certos processos da moderna agricultura, como os terraços ou curvas de nivel que operam a retenção das águas pluviais no solo evitando a erosão ; a adubação ; o sombreamento ; a industrialização mais perfeita do café ; tudo, enfim, o que pode favorecer essa lavoura nobre deve ser atentamente observado e reproduzido, aquí, na vossa zona, para que os vossos cafezais tenham vida mais longa e para que os produtos con-

servem aquela qualidade excelente que os tem caracterizado, atribuindo-lhes uma classificação comercial ótima e compensadora dos vossos esforços e do vosso trabalho produtor.

Meus Senhores.

Ha pouco tempo, eu tive a oportunidade agradavel de visitar uma zona nova de S. Paulo, a Alta Sorocabana. Lá percorrí centenas de quilômetros de terras de primeira qualidade onde vicejam, esplendidamente, as mais variadas plantações e culturas, numa exuberante e viva revelação da pujança e da fertilidade daquela zona.

Ao contemplar aquele panorama imenso, que se desdobra a perder de vista, e ao verificar o potencial enorme de riquezas que aquelas terras dadivosas representam, senti-me orgulhoso e confiante na capacidade paulista de produção agrícola, principalmente nesta hora em que todas as esperanças se voltam para um dos nossos grandes celeiros — que é, sem dúvida, o rincão bandeirante.

Aquela região é, no entanto, completamente diferente da vossa.

Terras viregens onde as matas, derrubadas ha pouco tempo, acumularam o humus fertilizante que facilita a produção abundante sem os cuidados culturais que a moderna agricultura preconiza.

O problema da região quase se reduz ao problema do transporte : à construção de rodovias e ao melhor aparelhamento das estradas de ferro para facilitar o escoamento da produção farta que aumenta de ano para ano.

Toda a região se povoa rapidamente.

A fertilidade das terras atrai novos horizontes e novos lavradores.

E a gente da terra velha acode em massa aqueles rincões esplendidos pela sua topografia e pelas condições extraordinárias de suaa possibilidades produtivas.

Esta vossa zona tem, como disse, um aspecto bem diferente. Já teve a fertilidade e a pujança vegetativa da outra.

Mas, os anos passaram ; as lavouras se sucederam ; as colheitas abundantes e repetidas retiraram do solo os seus componentes básicos e vitais, e a terra foi, pouco a pouco, se esgotando.

A produção diminuida por unidade de superfície cultivada vai denunciando a precariedade progressiva da terra.

E o lavrador é obrigado, então, a recorrer às técnicas da agricultura para acudir às necessidades da sua lavoura.

Já, agora, não basta lançar a semente à terra, como se fazia na plantação primitiva.

Impõe-se, para a correspondência entre o trabalho e a produção, a racionalização da cultura pela observância dos princípios científicos e pelo emprego das técnicas agrícolas que refazem as terras, que acodem às plantações para uma messe abundante, segura e compensadora.

Faz-se mister, portanto, nas zonas agrícolas que já vão se tornando cançadas o trabalho do agrônomo, do operário rural especializado, para orientação e realização das culturas com auxílio dos processos racionais que se efetivam pela preparação do terreno, pela adubação, pela irrigação, pela seleção das sementes, pela defesa sanitária da plantação, pelos sistemas de mecanização da lavoura e por tantas outras providências técnicas que garantem uma produção satisfatória não só pela abundância, mas, principalmente, pela qualidade do produto.

Foi bem por isso, meus Senhores, que o Governo do Estado, conhecedor do problema agrário de S. Paulo, tratou, logo de início da sua gestão, de elaborar um plano educacional com um programa vasto de ensino e de formação profissional agrícola.

As escolas práticas de agricultura, que o Governo vai instalar nos centros regionais agrícolas do Estado, representam um passo firme no sentido da remodelação dos nossos métodos de trabalho agrícola pela formação especializada do novo produtor rural, e pela disseminação dos conhecimentos, dos preceitos e das práticas técnicas que hão de racionalizar a nossa agricultura segundo as nossas necessidades e as nossas conveniências rurais.

Essas escolas, instaladas em zonas de produção intensiva, disporão de todos os recursos necessários à realização de suas finalidades de carater essencialmente utilitárias.

As escolas práticas de agricultura serão, igualmente, centros de difusão de conhecimentos fundamentais da agricultura racional, centros de incentivo, na região, de melhorias da produção e do aperfeiçoamento dos processos da indústria agrícola regional e serão, tambem, centros disseminadores de conhecimentos e de práticas relativas ao saneamento e à profilaxia rural.

Essas escolas funcionarão em regime de internatos, mantendo estações experimentais, campos de produção, laboratórios, pequenas usinas de industrialização dos produtos agrícolas, pequenas fábricas de produção rural, oficinas e demais instalações indispensaveis para o regular funcionamento do seu ensino prático.

Os seus cursos, abrangendo matéria de agricultura geral e especializada, de zootécnia e de indústrias correlatas, hão de se realizar dentro de uma orientação e de um critério estritamente experimental.

Alí, os educandos aprenderão a fazer fazendo ; e não haverá nenhum desperdício de tempo ou de esforços com práticas escolares improdutivas ou meramente formais.

Nesse ambiente experimental, nesse meio de práticas utilitárias é que se formarão os novos operários técnicos que hão de espalhar nas fazendas, nos centros agrícolas, em toda a zona rural, os modernos ensinamentos do interesse da nossa agricultura e da nossa pecuária.

Esperamos que em breve essas escolas estejam concluidas e em franco funcionamento e, então, faremos com os novos operários rurais e com os agrônomos diplomados pelas escolas superiores um movimento intenso para a renovação e o aperfeiçoamento da agricultura paulista.

Não ha, meus senhores, terras definitivamente cançadas ou esgotadas.

Todas elas podem se restabelecer para uma produção economicamente satisfeita.

Basta, apenas, que sejam tratadas com a técnica agrícola que promove o restabelecimento das condições fertilizantes esgotadas pelas plantações sucessivas e periódicas.

A terra tem um valor correspondente aos métodos agrícolas com que é trabalhada.

Mais uma vez, senhores e senhoras, eu desejo frisar bem que, geralmente, os homens públicos se preocupam mais com os problemas urbanos esquecendo, no entanto, que é da prosperidade campezina que provem toda a principal riqueza de uma nação.

O Brasil, com a imensa extensão territorial que possue, com a variedade de climas que o habilita a todas as culturas do mundo, deve assentar as bases da sua economia numa agricultura racional.

Não quer isto dizer que havemos de reduzir a nossa capacidade produtiva aos setores da indústria agrícola.

Podemos e devemos incrementar, tambem, a indústria manufatureira, a a indústria fabril, principalmente a que conta com matéria prima nacional.

Seria uma indústria própria, capaz de aproveitar a nossa matéria prima e de atender as necessidades capitais dos nossos 42 milhões de habitantes.

S. Paulo, que concentra o maior parque industrial da América do Sul, conta com os recursos da sua indústria fabril como um dos grandes fatores da sua economia.

Isso não impede, porem, que as bases da nossa riqueza continuem a se apoiar na agricultura ; na vastidão e na capacidade produtiva dos nossos campos onde todas as culturas podem vicejar e prosperar não só para satisfazer as nossas necessidades internas, mas para constituir um elementos repeitavel da nossa exportação.

Lembremos, ainda, que as condições pastorís do nosso território são excelentes e abrem uma possibilidade grande para a nossa pecuária.

Cinquenta por cento da nossa área territorial se presta para a criação.

São campinas verdejantes ou catingas que ofercem condições ótimas para a vida e multiplicação dos rebanhos.

Isso demonstra que, ao lado da Agricultura, nos devemos preocupar com a indústria pastoril.

Essa campanha podemos realizá-la com plena certeza de êxito. Temos facilidades grandes para a criação de todos os animais úteis, desde a abelha até o boi.

Reservando-se os terrenos de formação rica para a agricultura, tudo o mais podemos aproveitar para a pecuária.

Nada se fará, porem, empiricamente.

Há, para a indústria pastoril, como para os demais ramos da agronomia, uma técnica especial : os cruzamentos e a seleção dos animais de conformidade com os conhecimentos zootécnicos ; a formação das pastagens ; a escolha das forragens de acordo com o solo e com os climas ; as práticas sanitárias e a profilaxia das doenças dos animais ; tudo, enfim, o que concorre para a racionalização desta indústria deve ser observado afim de que os resultados compensem fartamente os esforços e os trabalhos dos criadores.

Enveredastes, senhores lavradores de Franca, para a criação de gado de fina raça zebú.

É notavel o vosso esforço nesse sentido.

Já se vai tornando bem conhecida a seleção do vosso gado zebú, da raça "Gir".

Daquí poderão sair os planteis de gado fino para levantar o gado crioulo, formado o tipo de elite para a exportação.

É preciso cuidado, porem, na seleção que fazeis.

O especialista de zootecnia deve entrar em colaboração convosco, orientando a vossa seleção no sentido da produção do animal aperfeiçoado que tenha realmente um valor especializado ou misto e que represente, de fato, um expoente econômico.

O gado zebú, outrora tão desprezado, foi mantido pela tenacidade dos mineiros não obstante os ataques que o condenavam e, hoje, representa, na pecuária nacional, um papel preponderante.

Realmente, foi o zebú que, no cruzamento com o gado crioulo, formou o meio sangue, produto de primeira ordem na formação de carne para o consumo interno e para a exportação.

O nosso rebanho melhorou-se rapidamente, e o Brasil central começou, então, a se organizar para a exportação de carne.

E a criação melhora ainda cada vez mais, com a formação de novos reprodutores mais selecionados.

Quando ministro da agricultura, procurei, na ampliação da Estação Experimental de Uberaba e no registo genealógico, firmar bem as variedades dessa raça, afim de acomodá-las às diversas regiões segundo as aptidões de cada uma.

Nada de cruzamentos arbitrários dessas raças entre si.

Já temos quatro raças bem distinta e bem caracterizadas : — o indubrasil que proveio do cruzamento do zebú importado e que constitue uma raça nova com aptidões notaveis de rusticidade e de produção de leite e de carne.

Os rebanhos de indubrasil que tive a oportunidade de ver em Uberaba e nas cidades circunvizinhas são esplêndidos e demonstram o esforço e a persistência dos criadores mineiros para que essa raça se fixe em caracteres definitivos.

Realmente, em Minas encontram-se os melhores exemplares dessa raça selecionada em nosso meio.

O Nelore e o Guzerat são raças especializadas para o corte ; com caracteres bem distintos.

O Nelore é aconselhado para os campos de Mato Grosso e de Goiás.

Os vossos criadores, porem, senhores francanos, cuidaram resolutamente da criação do "Gir".

É uma raça mista que possue, também, caracteres definidos.

No cruzamento com o gado crioulo produz tambem esplêndido meio sangue bem conformado, com ancas largas, prestando-se como ótimo produto de exportação.

E assim, com essas quatro raças, vamos cuidando do melhoramento da nossa pecuária.

É preciso, porem, que neste esforço ingente para a melhoria do nosso gado não descuidemos dos princípios básicos da moderna ciência zootécnica.

O animal deve ser encarado como uma verdadeira máquina transformadora de alimentos.

Essa máquina viva deve ter uma rusticidade bastante forte para que aproveite as forragens das nossas campinas e não lhe aconteça, como para o gado europeu, que só vive e prospera nos campos de gramíneas finas.

Ressalta assim a orientação para a criação dos vossos reprodutores.

Deveis criá-los na inclemência do nosso sol, com as forragens de que facilmente dispomos.

Não convem a criação artificial.

Se adotarmos para eles a criação européia, perderão pouco a pouco a sua resistência, e, quando lançados nos campos de grande criação, não suportarão as

longas caminhadas ; não suportarão a inclemência do sol de verão e nem se mostrarão capazes de aproveitamento das nossas gramíneas inferiores.

Não convem, portanto, a criação artificial e o tratamento dos vossos reprodures com forragens especiais.

A estabulação permanente dá ao animal um aspécto vistoso, mas tira as suas qualidades preciosas de resistência.

É a criação para exposições ou para vendas vantajosas.

São Paulo, meus senhores, desempenha um papel saliente na história e na processuação da pecuária nacional.

Aquí invernamos os animais dos Estados vizinhos e daquí fornecemos reprodutores finos para esses Estados.

Esses reprodutores devem estar preparados, porem, para a rusticidade dos climas em que vão exercer a função melhoradora dos rebanhos.

Meus senhores.

Já me vou alongando demais nestas considerações técnicas que faço em vista dos interesses dominantes na economia do vosso município.

Para terminar, eu desejo servir-me deste ensejo reiterando os meus melhores agradecimentos pela acolhida fidalga que dispensais ao Governo de S. Paulo nesta reunião magnífica de cordialidade e de gentilezas generosas.

De cada visita que faço às cidades do interior do Estado, volto para a capital animado pelo estímulo de um trabalho grande que por toda a parte se realiza em favor do engrandecimento nacional.

Daquí da vossa cidade levo, igualmente, o mesmo estímulo.

Continuai, prezados amigos de Franca, nesse vosso trabalho extraordinário com que tendes feito o vosso progresso e com que tendes concorrido para o desenvolvimento de S. Paulo e do Brasil.

Esse vosso esforço é, sem dúvida, uma colaboração esplêndida para o Governo do grande e clarivedente Presidente Getúlio Vargas, que, nesta hora de tão sérias responsabilidades, dirige com segurança os destinos do Brasil.

Trabalhemos todos, nesta atmosfera magnífica de união nacional, olhos postos no futuro da Pátria para que ela seja cada vez mais considerada na comunhão das nações civilizadas.

Meus senhores.

Com grande satisfação eu renovo, neste momento as minhas homenagens à família francana que representa, na delicadeza dos seus sentimentos e na fidalguia dos seus costumes hospitaleiros, a tradição da família brasileira, e, respeitosamente, eu vos convido a todos para que, de pé, levantemos as nossas taças em honra de sua excelência o snr. Presidente da República, cuja personalidade respeitavel representa, para todo o Brasil e para todos nós brasileiros, uma garantia segura de união, de paz e de prosperidade".

Conservação das Máquinas Agrícolas

Hugo de Almeida Leme

Assistente da Cátedra de Mecânica e Máquinas Agrícolas da Escola Superior "Luiz de Queiroz", de Piracicaba.

Incontestavelmente o conhecimento dos fatores que influem na "conservação das máquinas agrícolas", e importantíssimo para o agricultor.

Isto advem da aplicação crescente destas máquinas na completa mecanização das culturas, cujo valor é notoriamente conhecido, e da situação anormal que atravessamos.

Comprovando a nossa asserção, observemos que atualmente as indústrias se movimentam quase exclusivamente para fins bélico, ou ainda, as dificuldades da guerra impossibilitam a importação de novas máquinas.

Daí concluimos que o agricultor deve zelar do modo o mais inteligente para aumentar a duração da sua maquinaria, e conservá-la sempre apta a executar com o máximo rendimento o trabalho dela exigido.

Para a conservação das máquinas agrícolas, repetimos, fator que não se deve descuidar, é necessário conhecer e observar itens, os quais podem ser resumidos da seguinte forma: — (maiores detalhes sobre estes itens encontra-se no nosso trabalho — Conservação das Máquinas Agrícolas — Revista da Agricultura — n.° de Novembro e Dezembro de 1942).

1.°) Escolher para condutor e reparador das máquinas agrícolas, operário prático, atencioso e perfeito conhecedor da máquina que dirigí e da operação que executa. Assim sendo, o condutor deve tambem saber ajustar, reparar, etc. a máquina, obtendo desta o máximo rendimento, e reduzindo ao mínimo o número de acidentes, tão prejudiciais ;

2.°) Conservar as máquinas após o seu emprego e durante as épocas de repouso, de chuvas, etc. em um galpão bem construido, livre da ação do sol, da chuva, etc.. Neste galpão as máquinas devem ser distribuidas de modo a facilitar as operações de inspeção e reparo.

Disto infere-se, que a propriedade agrícola deve possuir um galpão e uma oficina de mecânica e carpintaria ;

3.°) Limpar a máquina logo após o seu emprêgo, retirando a terra e os detritos aderentes às suas peças, de maneira a conservá-la limpa para o trabalho seguinte ;

4.º) Depois da limpeza, e isto quando a máquina deve ficar em repouso durante alguns meses, passar uma fina camada de bom óleo, nas peças de ferro ou de aço que não admitem pintura — tais como : sega, relha e aiveca dos arados, discos das grades e arados, etc.. A camada de óleo evita a oxidação ;

5.º) Inspecionar com atenção e assiduidade as máquinas. Durante a inspeção, si necessário, desmontá-las e montá-las novamente ; nesta operação verificar e anotar quais as peças gastas ou danificadas que devem ser substituidas ou reparadas. Em seguida reparar ou substituir com exatidão tais peças, e ajustar a máquina verificando o seu funcionamento ;

6.º) Após a limpeza e o reparo, pintar ou envernizar a máquina, com material adequado e de boas qualidades. A pintura ou envernizamento adequado e periódico evitam a deterioração das peças de madeira ou metálicas, e portanto prolongam a vida da máquina ;

7.º) Conservar em síntese as máquinas prontas para o trabalho, afiando e ajustando as suas peças de modo a obter o maior rendimento ;

8.º) Executar com técnica a lubrificação das máquinas. O efeito da lubrificação é do conhecimento geral, principalmente hoje que exige-se daquelas rendimento cada vez maior. Porem deve-se recordar que cada lubrificante é utilizado para determinados fins, e portanto não se deve fazer de um lubrificante um tipo universal.

A lubrificação assídua e correta é indispensavel para a conservação das máquinas ;

9.º) Utilisar no transporte das máquinas para o campo, sapatas, rodados, patins, etc., evitando o desgaste e a destruição dos seus orgãos ativos no solo duro e cheio de pedras das estradas. Tal é o exemplo da operação do rodado nas grades e arados de discos, da sapata nos arados de aiveca, etc.. O condutor das máquinas agrícolas deve conhecer e empregar eficientemente estas peças ;

10.º) Durante o trabalho das máquinas ajustar e apertar os parafusos, as porcas, e outros orgãos de fixação, evitando que estes trabalhem soltos, prejudicando a máquina no seu funcionamento e na sua duração, ou ocasionando a perda daqueles no campo. O condutor deve levar sempre para o campo, junto com a máquina : os lubrificantes e as chaves necessárias, nos diversos tipos e tamanhos — estas acompanham sempre a máquina.

São estes os dez itens fundamentais para a conservação das máquinas agrícolas, que hoje apresentam-se no comércio por um preço bem elevado, devido aos fatores já citados. A sua observância muito concorrerá para o bom andamento da propriedade agrícola.

(*Da "Revista Rural Brasileira" de Abril de* 1943)

O Mercado Interno do Brasil

José Garrido Tôrres

Funcionário do "Brazilian Government Trade Bureau", de Nova-York

I

A primeira Grande Guerra, tal como definiu Normano em seu livro básico "Brazil — A Study of Economics Types", representa "a data oficial de nascimento do moderno industrialismo brasileiro". Até então, o Brasil tinha sido "um país essencialmente agrícola" como era moda dizer. A produção nacional compunha-se de três ou quatro produtos dignos de menção, ocupando o café lugar destacada preeminência. Houve, é verdade, um bom começo industrial no período 1890-1900, devido principalmente as tarifas protecionistas. O seu desenvolvimento, porem, foi algo vagaroso. Até 1914 tivemos evolução industrial; durante 1914-1918 tivemos revolução industrial. A Europa, engolfada na guerra, deixou de suprir o Brasil com os produtos manufaturados de que este precisava. A existência de capital nacional foi primeira demonstrada por Mauá; mais tarde pelo desenvolvimento verificado na última década do século passado, já referido. Boa parte desse capital encontrou inversão proveitosa na produção de mercadorias de importação impossivel. Enquanto até 1914 foram fundadas 7.000 empresas industriais, 6.000 foram estabelecidas no período de 1915-1919. Enquanto o valor da nossa produção industrial em 1914 foi aproximadamente de Cr.$ 1.350.000.000,00, em 1919 já era de Cr. 3.000.000.000,00, havendo mais do que duplicado. Deste total, mais de 26% deveu-se a maquinária instalada durante a guerra. Quando em 1920 um censo foi levantado, apurou-se que 24% do capital existente e 46,5% dos estabelecimentos industriais haviam sido criados durante a fase do conflito.

Quando a guerra terminou, o industrialismo brasileiro havia consolidado sua posição e os alicerces da emancipação econômica do país haviam sido lançados.

II

Entretanto, de 1918 a 1930, o Brasil dependeu em grande parte, demasiado grande na verdade, do comércio exterior. A reorganização das estruturas econômicas dos paises européus trouxe os produtos destes paises novamente para os mercados do Brasil. Juntamente com as manufaturas européias vieram as do Japão, agora tambem competindo nos mercados internacionais como abastecedor de mercadorias de baixo preço. Tais fatos não foram benfazejos à industrialização do Brasil. Embora não regredíssemos, o acesso às manufaturas estrangeiras fês com que o Brasil se voltasse, uma vez mais, para a produção animal e agrícola. E uma vez mais produzimos, obsecados pela idéia de exportar. O nosso "essencialismo agrícola" ganhou novo alento e voltamos a ser fornecedores de produtos primários de baixo valor. Como o país não se havia industrializado suficientemente, continuamos a importar, em grande escala, mercadoria manufaturada de alto valor. Afim de pagar tais importações, foi necessário aumentar a produção

das culturas privilegiadas, as quais participaram com 87% do total de nossas exportações no decênio — 1921-1930. Só o café contou com cerca de 70%.

Os resultados da importância exagerada por nós emprestada ao comércio exterior foram uma vez mais desastrosos para a estabilidade econômica do país, como evidenciam os efeitos da crise de 1929. A queda foi catastrófica. Enquanto vendemos £ 95.000.000 em 1929, em 1930 exportamos £ 66.000.000 apenas. A cotação da libra esterlina subiu de Cr.$ 44,00, em 1928, Cr.$ 132,00, em 1935. Havendo vendido em 1928 a tonelada de nossos produtos primários a um preço médio de 76 libras esterlinas, já em 1931 não obtivemos mais, para a mesma tonelada, do que 30 libras esterlinas. A reserva ouro desapareceu ao findar o ano de 1930. A taxa cambial caiu verticalmente. Não era mais possivel realizar empréstimos para cobrir o "deficit" da nossa balança de contas, que, consequentemente, se tornou ainda mais desfavoravel. "Em 1931, diz Normano, toda a reserva ouro era incapaz de cobrir o serviço da dívida externa".

A depreciação do cruzeiro e a redução do valor de nossas exportações criaram os mais sérios problemas financeiros. Embora as exportações brasileiras continuassem aumentando em volume, devido a um tremendo esforço para compensar a queda dos preços, o valor-ouro continuou diminuindo em reverso. Ocorria uma evidente perda de substância em nosso comércio exterior. Uma saca de café, a £ 5 em 1928, foi vendida a £ 1 em 1935. Nossas exportações reduzidas a um terço do valor em pouco mais de cinco anos, as importações tiveram que ser diminuidas na mesma proporção, descendo de £ 87.000.000, em 1929, para . . . £ 27.000.000 em 1935. Os preços de importação, entretanto, não cairam tão drásticamente quanto os de exportação, e, desse modo, um valor grandemente reduzido teve como consequência um volume ainda mais consideravelmente diminuido. Enquanto o nosso poder aquisitivo interno se conservou alto, o externo caiu vertiginosamente. "Agravada a situação com o natural aumento da população", diz Barreto Falcão, "estaríamos, portanto, reduzidos a uma vida de completa miséria se a nossa produção industrial, e consequentemente a de matérias primas, não se desenvolvesse na proporção das nossas necessidades de subsistência mais perentórias. Esses fatos trouxeram, como corolário, o desenvolvimento de outras fontes de produção e o progressivo aumento de volume do nosso comércio interno, concorrendo tudo, harmonicamente, para possibilitar e mesmo elevar as condições existenciais do nosso povo." Dessa forma, a crise de 1929 acabou por beneficiar a indústria nacional, à semelhança do que acontecera com a primeira Grande Guerra.

III

No começo do período 1930-1940 o mundo entrou numa fase de preparação bélica. Por toda a parte surgiram sistemas econômicos dirigidos e políticas autárquicas mais ou menos acentuadas. A própria inglaterra entendeu aconselhavel convocar uma conferência imperial para Ottawa e adotar princípios que certamente discordavam da sua tradicional política de livre-câmbio. O Brasil não deveria ser apanhado de surpresa. O Presidente Vargas (na direção do país desde 1930 como resultado de uma revolução de causas políticas, sociais e econômicas, que varreu o país), decidiu, em 1937, declarar um estado de emergência para o fim de fortalecer a nossa unidade interna e concentrar os esforços do país no sentido de sua emancipação econômica, base da independência política. Uma po-

lítica deliberada de plano foi adotada para uma tentativa de preparação da nação, qual fortaleza econômica destinada a resistir a um cerco.

A simples vista do mapa do Brasil — mapa de um continente — e um conhecimento elementar de suas riquezas vastas e diversificadas, de sua população sempre crescente e de seus climas variados, convencerão qualquer pessoa de que o Brasil é um país de vastos mercados internos em potência. Esta evidência foi de certo modo ignorada por gerações e gerações e, a despeito de Mauá, somente agora está sendo compreendida à medida que os brasileiros adquirem uma mentalidade industrial. Por muito tempo, ou mais corretamente, desde sua descoberta, o Brasil sempre esteve sujeito ao reino da monocultura dispondo de uma "economia de sobremesa" (açúcar, cacau, café), atravessando ciclos sucessivos de absorvente e exclusiva predominância de um produto, constituindo o que Normano chamou de "abastecedor do mundo em período de emergência" — sempre mudando sua estrutura econômica, sempre subjugado aos mercados internacionais, sempre absorvido pela obsessão de produzir para exportar. Fazendo minhas as palavras de Rodrigues Silva : "Até a Proclamação da República, e contrariamente ao curso dos Estados Unidos, que cedo começaram a proteger fortemente suas forças produtivas, praticamos o mais liberal e imprevidente livre-cambismo."

IV

O Brasil é um dos raros paises cuja capacidade autárquica atingirá o relativamente possível. A concepção de uma economia industrializada e dependente de si própria é, porem, como disse antes, de recente data. Até dez anos atrás, o Brasil era teimosamente encarado como o "país essencialmente agrícola" a que tenho aludido. Tal era a mentalidade daqueles que haviam estudado as doutrinas dos economistas europeus em vez da natureza e das realidades da nação. Eles haviam aprendido academicamente que, da prática do comércio internacional, resultam vantagens e lucros igualmente repartidos pelos paises industriais e pelos paises agrícolas, quiçá, mais pelos últimos. A experiência, porem, penosamente ensinou os paises agrícolas do contrário. Afirmou Manoilesco que "A História contradisse a Ciência Econômica". E que "a acumulação da riqueza pelos paises industriais se funda na exploração indefinida dos paises agrícolas sem indústrias". Tal como analisou este autor, o resultado do esforço de dez trabalhadores de um país agrícola equivale ao de um único trabalhador de um país industrial.

Os adeptos do agrarianismo perderam o prestígio com a ênfase emprestada pelo Presidente Vargas à questão da industrialização. O chefe da nação mostrou-se assim côncio das necessidades do país e disposto a seguir os ditames de uma política autenticamente brasileira.

Parece-me desnecessário dar aquí uma síntese das idéias de Getúlio Vargas, uma vez que tal tarefa já foi inteligentemente desempenhada por esse conhecedor profundo da economia brasileira que é o Dr. John F. Normano. Porem, se me perguntassem quais as tendências da política do Presidente Vargas, talvez pudesse responder em traços largos que essas tendências estão claramente definidas e representam provavelmente a mais promissora tentativa de aplicação prática do pensamento social e econômico da Igreja. Tal fenômeno é apenas natural, uma vez que o Brasil é um país católico. O espírito da política de Vargas e sua coincidência com os princípios pregados por Amoroso Lima, o lider leigo da Igreja no Brasil, são por demais evidentes. A instituição da Justiça do Trabalho ; o

salário mínimo ; a proteção à Família ; a organização das forças econômicas em corporações ; a colonização do interior pela desurbanização e pela imigração controlada ; a dignificação do trabalho manual e especializado com a criação de escolas técnico-profissionais ; o estímulo à policultura ; o auxílio à pequena propriedade industrial e agrícola por meio de crédito facil ; a nacionalização das indústrias de serviços públicos, de eletricidade, de transporte, de bancos, de mineração e da pesca ; a fundação das indústrias básicas ; e intervenção do Estado na economia privada, de um modo que é mais um estímulo à iniciativa particular do que sua negação ; todas essas e muitas outras constituem realizações de uma administração eminentemente inspirada pela Escola Social Católica. De acordo com Amoroso Lima, esta escola afirma que "O homem é medida de economia e não esta a daquele". Deste postulado depreende-se uma *economia de consumo* e não um *economia de produção per se.* Esta concepção católica está sendo adaptada aos problemas econômicos brasileiros à luz dos ensinamentos dos maiores sociológos e economistas brasileiros, tais como Alberto Tôrres, Euclides da Cunha e outros.

O objetivo final desta política é o de criar uma nação poderosa e próspera, e conduz, por isso mesmo, à formação de um vasto mercado interno onde a produção se deverá verificar em grande escala para ser barata e satisfatoriamente partilhada por todos os brasileiros. Na política do Presidente Vargas o interesse humano e o nacional figuram em primeiro plano ; o lucro é secundário. O bem-estar social deve predominar sobre o lucro individual. Sem dúvida que adotamos e praticamos hoje uma teoria que é, em princípio, anti-capitalista. Procedemos a uma experiência ; procuramos nosso caminho. Não nos preocupamos demasiado com títulos ou rótulos, ou em imitar regimes alheios ; possa, entretanto, a nossa experiência em linhas corporativas, provar-se correta, e teremos fundado permanentemente, em solo brasileiro, um sistema novo e original, ou o que é frequentemente, mencionado por Vargas — uma "democracia econômica".

V

Já vimos como a crise de 1929 forçou o Brasil para o caminho de industrialização. Em vista das dificuldades experimentadas pelo país para aquisição de divisas estrangeiras afim de atender às importações, muitas foram as empresas estrangeiras que decidiram instalar ramos manufatureiros no Brasil. Uma parte do capital nacional, desiludido com os minguados proventos da produção agrícola, voltou-se para a indústria. O governo começou suas intervenções na esfera da economia privada e adotou uma diretriz inteiramente a favor da policultura, ou mais amplamente, a favor da poliprodução. Contrariamente, porem, ao que aconteceu durante a primeira Grande Guerra, e de acordo com as circunstâncias, a política econômica do governo teria de ser planejada e dirigida. Vários foram os novos produtos agrícolas que entraram em circulação. O carvão nacional teve seu consumo forçado e o mesmo aconteceu com o álcool. O algodão teve sua cultura intensificada em São Paulo. Foi aumentada a produção de eletricidade. A policultura e a industrialização promoveram o trabalho e melhores condições econômicas para as diferentes regiões do Brasil, pois estas passaram a sincronizar suas produções mercê das diferenciações climatéricas e do carater complementar dos produtos. Este intercâmbio interno contribuiu para melhor integrar o Brasil com uma unidade nacional.

Seria ocioso discutir o progresso econômico registrado pelo Brasil. Tal progresso, especialmente durante a última década, readquiriu e provavelmente excedeu o ritmo de crescimento alcançado pelo Brasil durante o seu período de ouro da Grande Guerra. Uma coisa é certa — o Brasil já não mais se enquadra na classificação de país de economia semi-colonial cujas exportações constituem seu *alento de vida*. Sinais convincentes da industrialização do Brasil aparecem nas estatísticas de exportação, como é o caso dos tecidos e de outras manufaturas, a participação dos quais já atinge 18%.

Embora não possua cifras definitivas, creio ser correto afirmar que em 1940 a produção industrial do Brasil foi duas vezes e meia maior que a agrícola, Em 1930 a produção industrial registrou um total de quatro e meio milhões de contos ; hoje essa cifra se acha multiplicada por 6. O café, que contava com 70% no total do valor de nossas exportações, participou em 1940 com 32%. A produção de café, em relação à produção total, não representa mais de 5%. Boa parte da super-produção será brevemente transformada em matéria plástica. O que vem de ser dito mostra claramente que o Brasil não é mais exclusivamente o país culturas dos Estados Unidos em relação ao total da produção deste país.

As cifras de nossa produção total são incertas. A última estimativa de que tive conhecimento apresentava um total de Cr.$ 31.000.000.000,00, porém está evidentemente errada. A minha própria estimativa para 1940 é de Cr.$ 41.000.000.000,00 — Cr.$ 25.000.000.000,00 para a produção mineral. Representa, entretanto, um cálculo pessimista, já que me serví relativamente à produção animal e à mineral, de estimativa para 1939. A produção mineral deve ter duplicado, na pior das hipóteses, devido às necessidades da guerra. À produção industrial se atribue um aumento de, pelo menos, Cr.$ 5.000.000.000,00 de 1939 para 1940. Se atentarmos para estas cifras e conservarmos em mente que o total de nossa exportação em 1940 foi meramente de Cr.$ 5.000.000.000,00 podemos facilmente compreender porque afirmo que o comércio exterior não constitue mais o *alento de vida* do Brasil, pois não excede de 12% do valor da produção total do Brasil, da mesma forma por que os 10% da exportação norte-americana não constituem o *alento de vida* dos Estados Unidos.

Grande tem sido a modificação observada na composição do nosso comércio exterior desde 1930. Ao contrário do que ocorria no passado, quando importavamos bens de consumo, a maioria de nossas importações é constituida agora por bens de produção. Tal como o Presidente Vargas recomendou, importamos máquinas para produzir máquinas.

A importância do comércio exterior no Brasil está diminuindo. Isto não significa, entretanto, que não tenhamos feito tudo ao nosso alcance para aumentar nossas exportações. Em verdade, a redução do comércio exterior não é um fenômeno especificamente brasileiro ; é universal. Ainda neste momento, por exemplo, o Brasil envida todos os seus esforços para expandir nas Américas e na Africa do Sul — os dois últimos refúgios — seu comércio exportador reduzido pela guerra.

Para dar uma idéia do que tem sido a evolução do nosso comércio exterior, cito uma análise feita por recente publicação oficial do Governo Brasileiro : "Em

1907, com uma produção industrial de Cr.$ 669.000.000,00, exportamos Cr.$ 861.000.000,00 e importamos Cr.$ 645.000.000,00 o que quer dizer que o comércio exterior foi 125% maior do que a produção. Em 1920, com uma produção de Cr.$ 3.200,000.000,00, exportamos Cr.$ 1.725.000.000,00 e importamos Cr.$ 2.091,000,000,00. Ou, por outras palavras, o comércio exterior superou a produção industrial apenas em 20% em 1920.

Em 1938 o Censo Industrial revelou uma produção de Cr.$ 20.000.000.000,00. Ora, nesse ano exportamos Cr.$ 5.196.000.000,00 e importamos Cr.$ 5.097.000.000,00. Verifica-se, desse modo, que em 1938, foi a produção industrial que superou o comércio exterior em 49%. Pode-se avaliar a superioridade da produção sobre o comércio exterior em 1940 em 60% no mínimo". ("Brasil 1940-41". Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 1941).

As cifras confirmam assim as minhas palavras. A despeito de retrocessos periódicos, tais como os causados pela crise de 1929 e pela presente guerra, o nosso comércio exterior acompanhou a curva ascensional da produção industrial. O papel do comércio exterior no quadro da vida nacional foi, entretanto, grandemente superado pelo da produção industrial. Enquanto o comércio exterior aumentou em progressão aritmética, a produção industrial seguiu uma progressão geométrica. A situação em que se encontraria o Brasil na contingência presente seria desesperadora se não fosse pela industrialização e pelo desenvolvimento do mercado interno. Esta a razão por que repito que o progresso econômico do Brasil é indiscutivel.

VI

O crescimento do mercado interno parece obvio em face do que acaba de ser dito. Não obstante, tentarei medir esse crescimento rapidamente.

Este estudo vê-se prejudicado pela falta de estatísticas relativas ao nosso comércio interestadual. Embora já tenhamos progredido muito, os nossos serviços de estatística ainda estão longe da perfeição. Dessa forma, o movimento do mercado interno, fora as cifras do comércio de cabotagem, só pode ser observado indiretamente. Os algarismos do comércio de cabotagem são, porem, um bom indício, já que a população do Brasil se acha alinhada ao longo da costa. Esses algarismos mostram que o comércio de cabotagem representa hoje metade do valor de todo o nosso comércio marítimo de cerca de Cr.$ 20.000.000.000,00, de acordo com as cifras registradas no livro "Brasil 1940-41", já citado.

Deveria ser assaz convincente considerar o volume e o valor do comércio feito através dos rios, estradas de ferro, estradas de rodagem e aviões, uma vez que por todas essas vias um apreciavel volume de negócios se está consumando. Infelizmente só é possível jogar com dados circunstanciais que não permitem uma visão exata de conjunto. Relativamente à mercadoria transportada por ferrovias, nota-se, por exemplo, que em 1939 (35.436.000 toneladas) houve um aumento no volume de mais de 50% sobre 1931 (20.725.000). A renda derivada do frete evidencia um total em 1939 (Cr.$ 770.000.000,00) que é mais do que o dobro, em cinco anos, do computado em 1935 (Cr.$ 370.000.000,00). Não me foi possivel encontrar dados com relação às estradas de rodagem ou às vias fluviais de navegação. A aviação comercial tambem acusou interessante cifra. A carga por ela transpor-

tada subiu em 1939 para 446 toneladas enquanto que a correspondente a 1929 foi somente de 79 toneladas. A circulação monetária foi de Cr.$ 5.000.000.000,00 em 1940, um oitavo da produção nacional. Seu aumento foi moderado e visou a atender as necessidades de desenvolvimento da economia nacional. Ocorreu decisiva melhoria no mercado de dinheiro para a indústria e para a agricultura. Em 1938, os empréstimos concedidos pelo Banco do Brasil à indústria e à agricultura montaram a Cr.$ 40.000.000,00 ; em 1939 foram de 200.000.000 ; e em 1940, de 400.000.000.

Quando de sua visita ao Brasil, André Siegfried declarou que constituíamos um país de 45 milhões de habitantes e de 12 milhões de consumidores. Sua primeira cifra estava errada ; a segunda poderá ser aproximadamente correta. Há provavelmente no Brasil ainda hoje 30 milhões de indivíduos, aos quais nos podemos referir como "zeros econômicos". Eles vivem em uma "economia fechada", ou, como disse o Presidente Vargas, "no estreito círculo da economia doméstica". Longe dos centros povoados e privados de meios de transporte e de comunicação com o litoral, estes habitantes dos sertões não estão integrados na comunidade brasileira como produtores e consumidores e, por isso, possuem um baixo poder aquisitivo.

O Snr. Roberto Simonsen, conhecido industrial paulista, afirmou em estudo recente : "As condições de autarquia em que vivem grandes zonas agrícolas brasileiras, que produzem para o seu próprio consumo, reduzem extraordinariamente a capacidade aquisitiva de mais de 2/3 da população nacional. .... As facilidades de alimentação e a clemência do clima, que permite sensivel economia de vestuário, aliadas às restrições internacionais opostas pelos paises imperialistas ao comércio de produto tropicais, limitam, consideravelmente, o estímulo ao trabalho e as possibilidades de empreendimentos agrícolas lucrativos, em vastas zonas brasileiras. Enfraquecem-se assim, ainda mais, os índices do poder aquisitivo nacional".

A estes mercados locais, juntamente com meios de contato com as cidades adiantadas da costa, educação geral e técnica tanto quanto saneamento e as facilidades da economia monetária terão de ser estendidas. A contribuição que este elemento humano trará para o fortalecimento do nosso sistema econômico é um fator por demais importante e decisivo para não merecer imediata atenção da parte do Governo.

Se a produção *per capita* foi de cerca de Cr.$ 640,00 em 1939 e já é aproximadamente de Cr.$ 970,00 em 1940, é fácil imaginar o aumento que se verificará quando esta vasta massa humana dos sertões estiver produzindo e consumindo em escala na cional. De fato, se dividirmos a produção total do Brasil pelos 12.000.000 de indivíduos estimados como produtores e consumidores por Siegfried, descobriremos que a parcela *per capita* corresponde a Cr.$ 3.400,00. Esta cifra, embora precária, é contudo uma ilustração melhor do que as duas citadas acima, pela razão simples de que o montante considerado da produção total não compreende o labor das populações do interior onde as estatísticas ainda não penetraram afim de analisar sua economia primitiva.

VII

O progresso examinado representa o começo do que está para vir. De acordo com a política econômica de plano adotada, várias medidas foram e estão sendo tomadas para o fim de explorar as reservas nacionais apenas tocadas. Ao tomar a iniciativa e ao procurar estimular o capital privado a mover a fronteira econônômica para o Oeste, o Estado mostra-se senhor do fato de que se o progresso de um país como o Brasil deve ser operado de acordo com os altos interesses da nação, a iniciativa oficial terá que assumir o papel de pioneira, desbravando o caminho à iniciativa particular.

Para expor o amplo quadro do que o Estado terá de fazer e para o que já. se equipou, financeiramente, com o Plano Quinquenal, citarei o próprio Presidente da República, que, após haver inspeccionado pessoalmente todas as regiões do Brasil, declarou: "No Centro, a carência de transportes, o aproveitamento das vias fluviais, os meios de acesso às riquezas do sub-solo serão as preocupações dominantes, conjugadas com os esforços para acelerar o povoamento. No Norte, o reagrupamento das populações, o combate às endemias, a valorização e industrialização dos produtos nativos, com a melhoria das comunicações e transportes, constituirão núcleo do esforço geral, da União, dos Estados e municipalidades. No Nordeste, onde já são vultosas as inversões de dinheiro público, em obras de fixação da população, é preciso prosseguir nos rumos traçados — açudagem, irrigação, estradas e policultura. No Sul, onde se acham localizadas as maiores lavouras e cerca de 80% das indústrias, persistiremos na obra encetada, de apôio aos empreendimentos produtivos". (Unidade Moral e Unidade Economica da Nacionalidade, 1940, D. I. P.).

O quadro atual do Brasil é demasiado complexo para que se possa distinguir e isolar um problema como o mais importante. Porem, se me fosse permitido apontar um, diria que o mais urgente é o do transporte. Transporte de todas as espécies e por todos os meios. "Sómente a falta de transporte", diz Normano, "está dificultando a formação do que é potencialmente um dos maiores e mais importantes mercados do mundo. Este mercado crescerá automaticamente como uma consequência da industrialização. Cada nova estrada de ferro abre novos território, forçando-os a entrarem em um economia monetária, cria novos mercados, e, ao mesmo tempo, novas indústrias". ("Struggle for South America", George Allen Unwin Ltd., Londres, 1931).

O Governo tem hoje uma política do transporte e envida todos os esforços no sentido de resolver este problema. Em dez anos a extensão das rodovias duplicou, compreendendo presentemente 229.000 quilômetros. Uma média de 33 quilômetros está sendo construida por dia. As linhas da nossa aviação comercial totalizavam 70.000 quilômetros, havendo aumentado quase dez vezes desde 1929. A navegação fluvial está merecendo os devidos cuidados. A rede ferroviária teve seu aumento limitado em 4.000 quilômetros apenas, desde 1930, devido ao fato de que o material não havia sido renovado durante trinta anos, à circunstância de que a construção de estradas de ferro na topografia brasileira é extramemente dispendiosa, e sobretudo à dependência em que nos encontramos no que concerne a trilhos, locomotivas e carvão, cuja importação é grandemente reduzida pelo

nosso baixo poder aquisitivo externo. Do total da extensão da rede ferroviária 2,5% já estão eletrificados.

O problema do transporte jamais receberá demasiada ênfase. A realidade é que "... o Brasil ainda não constitue um corpo econômico homogêneo. Até agora não foi possivel articular completamente a faixa litorânea com o Oeste, nem o Norte com o Sul, independentemente do caminho marítimo". (Unidade Moral, etc.).

A instalação da indústria siderúrgica em grande escala, aliada aos efeitos da guerra presente, representará indubitavelmente uma nova fase na história econômica do Brasil, da mesma forma que o período de Mauá, a década 1890-1900, a primeira Grande Guerra e a crise de 1929. A fase atual, porem, provavelmente completará os alicerces da nossa estrutura industrial. Somente a siderurgia poderá emancipar-nos. Enquanto estivermos dependentes de dispendiosos fornecimentos estrangeiros de trilhos, locomotivas e outras máquinas de que necessitamos tanto, o nosso desenvolvimento não se fará à capacidade.

O crescimento do nosso mercado interno depende grandemente da solução que for dada ao problema da siderurgia, pois as regiões geo-econômicas teem que ser articuladas em um sistema nacional. Só então poderão as diversas regiões desenvolver completamente suas produções típicas e trocá-las entre si. Embora se afirme que as indústrias nacionais obteem 4/5 da matéria prima dentro do país, as fontes destas matérias primas estão localizadas geralmente nos mesmos Estados onde se acham as indústrias que as transformam. São Paulo, o maior centro Industrial do Brasil e quiçá da América do Sul, constitue um bom exemplo. Esse Estado importa dos demais 10% apenas das matérias primas que consome e exporta para eles menos do que 20% de suas manufaturas.

Cumpre dizer, todavia, que a tendência dos Estados, de acordo com as respectivas regiões econômicas, é para uma especialização natural. E tanto assim que podemos contemplar, como foi mostrado, um comércio interestadual sempre crescente, que será mais vigoroso quando problemas como o de transporte, o de crédito e o dos impostos de exportação e outros, igualmente improdutivos, não mais existirem.

(*Da Revista de Ciências Econômicas de Fevereiro de 1943.*)

JANELA COLETORA DE VESPA DE UGANDA

A. A. DE TOLEDO

Nestes últimos anos de luta contra a broca do café, o combate biológico da praga pelo seu inimigo natural, a Vespa de Uganda, de tal modo empolgou os cafeicultores, que eles não hesitaram em construir insetários e equipá-los com toda sorte de apetrechos, para coletar a Vespa emergida dos frutos broqueados. O processo inicial de coleta resumia-se no uso de um pincel, para recolher num pequeno tubo de vidro munido de um funil, os exemplares que, atraidos pela luz, vão pousar na vidraça do insetário. O processo, como facilmente se depreende, apresenta de fato alguns inconvenientes. O uso do pincel para empurrar a Vespa no funil e as inevitaveis batidas na boca deste para forçar a entrada do parasita no tubo, invariavelmente sacrificam certa porcentagem dos exemplares coletados. A esses inconvenientes, adiciona-se o do custo da operação, que exige a constante permanência de algumas pessoas no insetário para manejar o pincel.

Como consequência dessa desvantagens, não faltaram sugestões para melhoria ou substituição do processo. Vários tipos de janelas coletoras, alguns dos quais destituidos de fundamento ou relação com os hábitos da Vespa, foram apresentados e aceitos. Era natural que na prática, essas inovações funcionassem como defato funcionaram, isto é, de acordo com os respectivos graus de aperfeiçoamento.

A vista de tais fatos, sem outra pretensão todavia, que a de contribuir para um melhor esclarecimento do assunto, nos propuzemos estudá-lo.

Conduzindo as observações de modo a tirar o maior proveito possivel da tendência do parasita para dirigir-se do lado da luz, chegamos à conclusão que uma janela coletora para ser eficiente deve satisfazer, alem de outros, pelo menos um requisito de importância capital ; isto é ser provida de um dispositivo que evite a incidência direta dos raios luminosos sobre a superfície do vidro.

Ninguem ignora que, abrindo-se a janela de um insetário pela qual penetre a luz, em virtude da ação estimulante desta, todos os insetos positivamente fototrópicos presos nesse insetário, se dirigirão ao encontro da luz e irão pousar sobre a superfície do vidro. Nem todos, porem, sabem, que esses raios luminosos incidindo diretamente sobre o vidro não originam sobre a superfície deste um ponto para o qual os insetos preferivelmente se dirijam. Em tais condições, anciosos pela liberdade, enquanto persistir a luz eles se deslocarão em todos os sentidos sobre o vidro, do que resulta ir ao tubo coletor uma pequena parte daqueles que casualmente para lá se dirijam. Este fato por si só bastante para prejudicar o funcionamento de uma janela coletora, é não raramente agravado pela má escolha da face do insetário na qual geralmente ela é instalada. Pelo fato de se dispor de uma luminosidade mais intensa nessa face, mesmo nas horas mais avançadas do período da tarde, as coletoras teem sido instaladas de preferência nas janelas (dos insetários) expostas ao poente, embora sujeitas à maior canícula.

Depois de bem estudar os inconvenientes dos pontos referidos, e procurado o modo de remediá-los, chegamos à conclusão que as coletoras devem ser instaladas preferivelmente nas janelas do insetário situadas em uma das faces Norte ou Leste.

Quanto à luminosidade, elas devem ser dotadas de um dispositivo que só permita a luz incidir sobre a vidraça obliquamente, de cima para baixo. Os ráios luminosos devem entrar segundo uma linha que, passando pelo tubo coletor do conjunto, incida sobre a superfície do vidro exatamente na zona de pouso dos insetos que, do interior do insetário se dirijam para a janela. Em virtude do fototropismo, é evidente que os indivíduos que sobre esta zona iluminada vão pousando, imediatamente se dirijem ao encontro da claridade vinda do alto, e, que por força de circunstância, penetrem no tubo coletor que a eles se interpõe.

CONSTRUÇÃO

Em linhas gerais o tipo de coletora a que nos referimos, pouco difere dos atualmente conhecidos, aos quais acrescentamos alguns dispositivos sugeridos pela observação (Fig. 1).

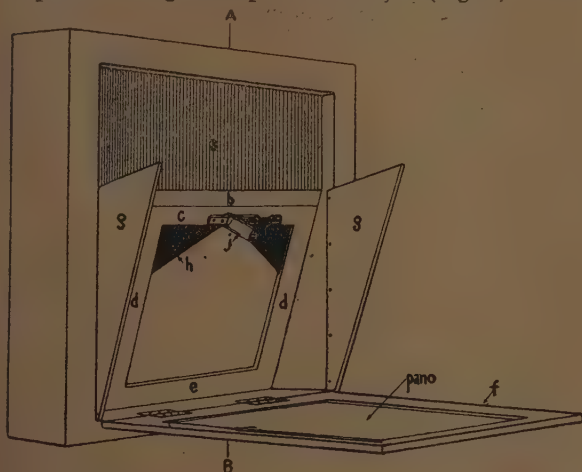



Fig. 1 — Perspectiva da coletora instalada: a) parte escura da janela do insetário; b) esquadria da coletora; c) montante superior da coletora; d) montantes verticais; e) montante inferior; f) retângulo quebra-luz; g) guarnições laterais; h) triângulos escuros adjacentes ao ângulo central; i) tubo coletor; j) passagem do interior para o tubo coletor; k) parede do insetário; l) sarrafo que prende o vidro ao caixilho.

Fig. 2 — Corte A e B da fig. 1, mostrando a posição da coletora em relação à janela e ao telhado do insetário. (Mesma letras da fig. 1).

A coletora melhorada que ora apresentamos é construida de modo a permitir, aos insetos, livre passagem, por cima do bordo superior do vidro (Fig. 2). Para se conseguir esta pequena, porem econômica modificação, basta que se atenda aos pontos seguintes: o rebaixo trabalhado no caixilho para receber o vidro, deve ser aberto na face interna do retângulo, suficientemente fundo para reduzir a parte restante que servirá de apoio ao vidro, a meio centímetro de espessura.

Determinado o centro do montante superior (c) do caixilho, na face externa, tomam-se, a partir deste ponto central, 2,5 centímetros para a direita e 2,5 centímetros para a esquerda. Estes dois pontos marcarão os limites de um retângulo

de 5 cms. de comprimento, a ser removido em tôda a largura do montante, numa profundidade de meio centímetro.

A remoção desta parte deve ser executada com o devido cuidado, para que a superfície do fundo deste retângulo aberto no montante e a do vidro fiquem *perfeitamente no mesmo plano*, para assegurar boa adaptação do tubo coletor. Isto feito, vejamos como proceder à abertura (j) pela qual os insetos galgarão o tubo coletor.

Para uma perfeita orientação sobre o que a seguir deve ser feito, ainda na face externa e mediana do montante superior (c), marca-se um ponto, afastado de 2 cms. do bordo superior do vidro. Marca-se, a seguir, sobre cada um dos montantes verticais (d), um ponto correspondente aos 2/3 da altura deles, e ligam-se esses pontos com traços sobre o vidro e a madeira, ao ponto já marcado sobre o montante superior (c). Estes três pontos determinam um ângulo central, cujo vértice coincide com o ponto marcado sobre o montante superior. O pequeno ângulo assim desenhado sobre o montante (c) deve ser cavado neste numa profundidade que ultrapasse a espessura do vidro apenas o suficiente para assegurar livre passagem aos insetos.

Executados esses pequenos detalhes e colocado o vidro definitivamente no caixilho, veremos que as linhas traçadas ligando o vértice do ângulo central aos 2/3 da altura de cada montante vertical, determinaram na parte superior do vidro, dois triângulos retângulos laterais (h) adjacentes ao ângulo central, os quais devem ser pintados preferivelmente de preto (fig. 1) para que melhor se destaque o ângulo claro.

Na hipótese de se querer evitar que entrem no coletor insetos maiores do que os da espécie cuja coleta verdadeiramente interesse, pode-se colocar um seletor na parte interna da coletora, no ponto em que os insetos para galgarem o bordo superior do vidro, são forçados a passar entre este e a madeira. Basta, para isso, que com dois percevejos se prenda ao montante no ponto de passagem (j), um pedaço de cartolina, deixando entre o bordo desta e a superfície do vidro, o espaço que o caso exigir. Tratando-se, como no presente caso, da Vespa de Uganda, este espaçamento deve ser de meio milímetro.

As dimensões do caixilho, por medida de economia apenas, não devem exceder de 40 x 60 cms., no vão envidraçado.

Tubo coletor — O tubo coletor (i) deve ter uns quatro centímetros de diâmetro por dez de comprimento.

Quanto ao dispositivo de sua fixação à janela, qualquer um dos já conhecidos serve. O *importante* é *evitar* que ele fique numa posição que lhe permita sombrear a parte superior ou inferior da base do tubo.

INSTALAÇÃO

Um ponto importante, que deve ser observado na instalação de uma coletora, é a inclinação que ela deve conservar em relação à esquadria da janela do insetário. Ela deve ter uma inclinação tal, que seu plano, partindo da base, isto é, do peitoril, tangencie a face externa da lumieira da janela do insetário, e si possivel, também o bordo do telhado deste (Fig. 2).

Esta obliquidade, alem de facilitar o acesso, tem por fim evitar que qualquer parte do insetário possa constituir um fundo escuro na direção que os insetos devem tomar para atingir o tubo coletor.

Alem da axiomática evidência deste ponto, baseados em observações comprovadas podemos afirmar que, desta inclinação depende a eficiência de uma janela coletora.

Para facilidade de manejo e de sua instalação, a coletora deve ser presa com dobradiças sobre esquadria própria (b) e esta, à esquadria da janela do insetário, com a devida inclinação. A esquadria em cujo centro fica a coletora, deve ser feita de táboa, ter uma altura que exceda à da coletora de 7 cms. e uma largura igual à do vão da janela do insetário. A montagem da coletora com dobradiças sobre a parte fixa, torna cômodo o seu manejo. Por outro lado, este tipo de esquadria facilita a instalação da peça adequadamente. Recuando-se a sua base para a parte interna da superfície do peitoril da janela do insetário, e projetando-se a parte alta para o exterior, obtem-se facilmente a inclinação desejada que a peça deve conservar. A projeção da parte alta da esquadria para o exterior, em hipótese alguma deve ultrapassar o plano da face externa dos batentes da janela, para facilitar a juxtaposição de seu bordo com a base da peça de escuricemento (a) da parte alta da janela, não vedada pela coletora e respectiva esquadria.

Quanto ao sistema de sombreamento da janela, se aconselhamos a sua instalações nas faces do insetário situadas nos quadrantes Norte ou Leste, todas as vezes que isto seja possivel, é natural que no período da tarde ela não esteja exposta aos raios solares. A parte sombreadora, ou melhor, quebra-luz, no presente caso, funciona portanto, apenas para limitar a obliquidade dos raios luminosos que incidem sobre a superfície da vidraça. Esta peça deve ser colocada de modo a permitir que só possa incidir sobre o vidro, a luz vinda do alto. Para se conseguir este dispositivo instala-se na parte externa da janela um retângulo (f) feito de sarrafos e guarnecido com pano claro. Sua largura deve corresponder à da janela do insetário e a altura exceder de 20 cms. o nivel do tubo coletor. Preso ao peitoril da janela por um par de dobradiças ele poderá ser manejado livremente, aumentando ou diminuindo a abertura do ângulo invertido, que ele forma com a janela, o que permitirá regular a obliquidade da luz em relação à vidraça. Como a luz deve ser igualmente interceptada nos flancos do retângulo em toda a sua altura, é necessário que duas outras laterais (g), de formato triangular, sejam pregadas à esquadria da janela, uma em cada batente, deixando entre elas o espaço estritamente necessário para permitir o avanço ou recuo da parte livre do retângulo (f). Estas duas guarnições triangulares laterais devem ser feitas preferivelmente de táboa e medir 30 cms. de largura na parte alta.

Conquanto uma coletora, instalada segundo as instruções dadas crie um ambiente de penumbra no interior do insetário, este pequeno inconveniente é vantajosamente contrabalançado pelo grande destaque da janela, como único ponto bem iluminado do ambiente, e pelo seu incomparavel rendimento.

(*Transcrito do "O Biológico", São Paulo*)

O Café visto nos Estados Unidos

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

CARTA N.º 300 DE 1/1/1943

SITUAÇÃO GERAL : Na semana terminada a 13 de fevereiro foram autorizadas a entrar para consumo 289.297 sacas, perfazendo o total da quota presente de 4.147.994 sacas, equivalentes a 21,0%. Os paises maiores contribuintes na referida semana foram, em sua ordem, os seguintes :

Colômbia	164.602 sacas
Haití	62.002 „
Guatemala	20.862 „
México	13.453 „

O período da quota já decorrido corresponde à 37,3%, sendo interessante observar que apenas seis paises signatários estão mantendo ou já ultrapassaram essa porcentagem, a saber :

Haití	71,%
Republica Dominicana	61,7%
Cuba	45,9%
Equador	45,4%
Honduras	40,0%
Colômbia	37,5%

Outros detalhes sobre as importações da referida semana se encontram no nosso quadro estatístico N.º 390, anexo à presente.

Em nossa carta N.º 296, de 29 de Janeiro, fizemos menção sobre uma circular da Associação Nacional do Café "na qual informa seus associados o papel preponderante que, por intermedio da comissão do comércio do café nomeada pelo seu Presidente, Snr. Thiervach, desempenhou perante a Junta Inter-Americana do Café" para que esta adotasse certas resoluções referentes aos sobrantes de café nos paises produtores. Evidentemente, a Junta de Economia Belica (Board of Economic Warfare ou B.E.W.) opoz objeções à iniciativa da Associação, como se deprende da corespondência trocada entre essas duas organizações, revelada em recente circular da Associação Nacional do Café. O "pivot" da questão gira em torno da disposição a ser dada aos cafés adquiridos pelo governo americano por intermedio da B.E.W., achando esta que "devemos evitar qualquer possibilidade de sermos colocados numa posição agora que possa vir a nos causar obstrução ou embaraço de qualquer maneira ao dispor-mos no futuro dos estoques assim acumulados.

Segundo o "Foreign Commerce Weekly" de 20 do corrente, a escacez do café no EQUADOR reduziu o volume dos negócios em dezembro, resultando na diminuição da exportação e num aumento dos preços nos mercados do país. Os produtores e exportadores de café equatorianos acham-se pessimistas com respeito à safra de 1943, não antecipando qualquer aumento sobre a de 1942, embora ainda seja cedo demais para se fazer um prognóstico aproximado da safra de 1943, devido às incertezas das condições climatéricas. A mesma revista informa que no mês de dezembro de 1942, COSTA-RICA exportou 41.994 sacas de 60 quilos o que representa apreciavel melhoria sobre o mês anterior quando, somente 10.446 sacas foram exportadas. Este aumento se deve ao fato de que as facilidades de transporte marítimo melhoraram bastante. Estoques de café verde a 24 de dezembro naquele país, eram estimados em 236.507 sacas. A industria costariquense de café está agora operando satisfatoriamente e acredita-se que si um suprimento de saca for assegurado para a próxima safra e si as facilidades de transporte marítimo forem adequadas, o ano de 1943 poderá vir a ser um dos melhores períodos que a indústria jamais experimentou. O valor total da exportação de café de EL-SALVADOR em 1942 foi de $14.613.600.00, o que representa um aumento de 72,6% sobre o valor da exportação de café de 1941 e a maior verificada em qualquer ano civil desde 1926. Melhores preços para o café é a razão para a maior parte deste aumento, mas o volume da exportação tambem aumentou em 1942, montando a 867.925 sacas, em comparação com.... 696.055 sacas em 1941. Em continuação o "Foreign Commerce Weekly" informa que a safra de 1942/43 de Haití é agora oficialmente estimada em 266.665 sacas de 60 quilos, um decréscimo de 106.665 da de 1941/42. Diz ainda a mesma revista que a safra de 1942/43 de Nicarágua é estimada em cerca de 242.000 sacas de 60 quilos e que fortes chuvas em dezembro causaram aos produtores de café um prejuizo calculado de 5 a 10% em várias das maiores zonas produtoras do país.

MERCADO DO DISPONIVEL : Os negócios do disponivel continuam na mesma, com bastante interesse, porem volume reduzido devido à falta de café. As ofertas do Brasil continuam sendo feitas a preços que oferecem margem satisfatória de lucro, porem, o volume dos negócios continua restrito devido à falta de preço o que não contece com os demais paises produtores do continente tanto assim que recentemente a Commodity Credit Corporation aumentou para os importadores, para o primeiro semestre de 1943, suas alocações individuais em cerca de 12% sob a alegação de que novas condições existiam no momento. Na semana terminada a 20 do corrente a exportação do Brasil foi de 218.000 sacas, das quais 217.000 se destinaram aos Estados Unidos. Na mesma semana a Colômbia exportou 151.842 sacas, todas para os Estados Unidos. Na primeira quinzena de janeiro o Brasil destruiu 68.000 sacas, perfazendo o total até hoje destruido 76.872.000 sacas. Damos abaixo, em cifras de mil sacas, a estimativa de café verde nos paises produtores fornecida pela Junta Inter-Americana do Café, com exceção da do Brasil que é da Bolsa de Café de Nova York :

	EM :	NOS PORTOS	NO INTERIOR	TOTAL
Brasil	Fevereiro 19, de 1943	2.158	—	—
Colômbia	„ 15, „ 1943	538	—	—
El Salvador	„ 13, „ 1943	169	345	514
Haití	„ 6, „ 1943	219	65	284

SUPRIMENTO VISIVEL DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS (1)

(POR PAISES DE ORIGEM E PORTOS DOS ESTADOS UNIDOS)

CAFÉS DO BRASIL	SEMANAS TERMINADAS EM:		
	FEV.º 19, 1943	FEV.º 12, 1943	FEV.º 21, 1942
Em estoque:			
Nova York	150.657	49.839	608.955 (9)
Nova Orleans	21.343	24.161	154.045
San Francisco	— (3)	— (3)	3.986
Total	**172.000**	**74.000**	**766.986**
Em viagem para todos os portos dos Est. Unidos	816.000 (4)	630.000 (4)	605.000
Total de Cafés do Brasil	**988.000**	**704.000**	**1.371.986**
Outros cafés (excluindo os do Brasil):			
Em estoque:			
Colômbia — Nova York	4.883	6.224	177.161 (8)
Colômbia — Nova Orleans	56.041	55.371	1.450
Colômbia — San Francisco	— (3)	— (3)	846
Total cafés da Colômbia	**60.924**	**61.595**	**179.457**
Outros — Nova York	60.165 (5)	59.886 (6)	346.205 (7)
Outros — Nova Orleans	59.174	58.518	25.990
Outros — San Francisco	— (3)	— (3)	4.596
Total de outros cafés	**119.339**	**118.404**	**376.791**
Total todos os cafés ((excluindo os do Brasil	**180.263**	**179.999**	**556.248**
Total geral	**1.168.263**	**883.999**	**1.928.234**
RESUMO			
Nova York:			
Brasil, em estoque	150.657	49.839	608.955 (9)
Colômbia	4.883	6.224	177.161 (8)
Outros	60.165 (5)	59.886 (6)	346.205 (7)
Total Nova York	**215.705**	**115.949**	**1.132.321**
Nova Orleans:			
Brasil, em estoque	21.343	24.161	154.045
Colômbia	56.041	55.371	1.450
Outros	59.174	58.518	25.990
Total Nova Orleans	**136.558**	**138.050**	**181.485**
São Francisco:			
Brasil, em estoque	— (3)	— (3)	3.986
Colômbia	— (3)	— (3)	846
Outros	— (3)	— (3)	4.596
Total São Francisco	**—**	**—**	**9.428**
Total todos os portos	**352.263**	**253.999**	**1.323.234**
Total em viagem do Brasil	**816.000 (4)**	**630.000 (4)**	**605.000**
Total geral	**1.168.263**	**883.999**	**1.928.234**

NOTAS — (1) Cifras da Bolsa de Café e Açucar de Nova York. Brasil: sacas de 60 quilos, outros paises: pesos originais. (3) Cifras desconhecidas. (4) Sujeito a emendas. (5 a 7) Incluidos cafés depositados em Armazens Gerais, como segue: (5) 3.191 sacas. (6) 5.485 sacas. (7) 158.989 sacas, das quais 25.053 são de cafés colombianos. (8) Incluidas 47.577 sacas da zona livre do comércio extrangeiro em Nova York. (9) Cifras emendadas.

ENTRADAS, EXPORTAÇÕES E ESTOQUES DE CAFÉS DO BRASIL

(QUANTIDADES EM MIL SACAS)

ENTRADAS	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAÍA	PARANAGUÁ	PERNAMBUCO	ANGRA DOS REIS	TOTAL
Semana de 19/2/43	74	61	—	—	—	6	3	144
Semana de 12/2/43	63	49	—	—	5	4	2	123
Semana de 21/2/42	176	17	14	6	18	5	6	242
Desde 1/7/42-1943	2.362	1.222	192	59	5	73	55	3.968
Desde 1/7/41-1942	3.583	1.024	515	213	236	158	236	5.965
EXPORTAÇÕES: (2)								
Semana de 19/2/43	217	—	—	1	—	—	—	218
Semana de 12/2/43	109	—	—	1	41	1	—	152
Semana de 21/2/42	—	37	3	2	5	1	23	71
ESTOQUES:								
Semana de 19/2/43	1.417	460	162	39	32	36	12	2.158
Semana de 12/2/43	1.482	399	162	40	32	31	9	2.152
Semana de 21/2/42	1.516	330	152	20	144	51	27	2.240

EXPORTAÇÕES POR PAÍS DE DESTINO

(EM MIL SACAS)

	EST. UNIDOS	EUROPA	OUTROS (2)	TOTAL
Semana de 19/2/43	217	—	1	218
Semana de 12/2/43	148	—	4	152
Semana de 21/2/42	57	1	13	71

NOTA: (2) Incluida a cabotagem.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A 13 DE FEVEREIRO DE 1943)

	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	AUTORIZADO A ENTRAR (2)			QUOTA PROPORCIONAL (3)	RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA REALMENTE IMPORTADA
		DE OUT.º 1/42 ATÉ A DATA ABAIXO	SEMANA TERMINADA EM 13 DE FEVEREIRO	TOTAL DE 1.º DE OUT.º A 13 DE FEVEREIRO			
BRASIL	11.607.299	2/13/43	4.373	1.363.829	4.324.912	10.243.470	11,7
Colômbia	3.931.814	,,	164.602	1.475.435	1.465.005	2.456.379	37,5
Costa Rica	249.624	,,	2.841	55.170	93.011	194.454	22,1
Cuba	99.889	,,	...	45.852	37.219	54.037	45,9
Rep. Dominicana	132.554	,,	2.140	81.774	49.390	50.780	61,7
Equador	187.238	,,	5.070	85.076	69.765	102.162	45,4
El Salvador	753.578	,,	6.302	176.685	280.785	576.893	23,4
Guatemala	667.804	,,	20.862	176.645	248.826	491.159	26,5
Haití	343.224	,,	62.002	246.777	127.886	96.447	71,9
Honduras	21.989	,,	...	8.785	8.193	13.204	40,0
México	595.407	,,	13.453	129.002	221.850	466.405	21,7
Nicarágua	245.415	,,	...	2.758	91.442	242.657	1,1
Peru	31.202	,,	...	1	11.626	31.201	...
Venezuela	463.078	,,	3.710	160.649	172.544	202.429	34,7
TOTAL DOS PAISES SIGNATÁRIOS	19.330.115	,,	285.355	4.008.438	7.202.434	15.321.677	20,7
PAISES NÃO SIGNATÁRIOS (4)	390.500	,,	3.942	139.556	145.501	250.944	45,7
Total geral	**19.720.615**	,,	**289.297**	**4.147.994**	**7.347.955**	**15.572.621**	**21,0**

NOTA: (1) De acordo com as resoluções da Junta Inter-Americana do Café, de 15 de julho e 29 de setembro de 1942. (2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. (3) 136 dias ou sejam 37,3% sobre o total. (4) Nenhum abono foi concedido aos paises não-signatários.

REGISTO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAISES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	VENDAS REGISTRADAS DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (5)	% DA QUOTA REGISTRADA	EXPORTAÇÕES DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (6)	% DAS EXPORTAÇÕES SOBRE OS REGISTROS
Brasil	11.607.299			Jan.º 31/43 1.513.957 (7)	
Colômbia	3.931.814			Fev.º 18/43 1.501.010	
Costa Rica	249.624	Fev.º 10/43 111.119	44,5	Fev.º 10/43 89.926 (5)	80,9
Cuba	99.889			Nov.º 30/42 38.683	
República Dominicana	132.554			Fev.º 15/43 70.527 (5)	
Equador	187.238			Nov.º 30/42 39.515	
El Salvador	753.578	Fev.º 13/43 435.049	57,7	Fev.º 13/43 257.043 (5)	59,1
Guatemala	667.804	Fev.º 6/43 432.843	64,8	Fev.º 6/43 250.205 (5)	57,8
Haití	343.224	Fev. 6/43 190.302	55,4	Fev.º 6/43 200.210 (5)	
Honduras	21.989				
México	595.407				
Nicarágua	245.415	Jan.º 30/43 48.559	19,8	Jan.º 30/43 2.763 (5)	5,7
Perú	31.202				
Venezuela	463.078	Fev.º 13/43 301.412	65,1	Fev.º 13/43 236.873 (5)	78,6
MERCADO EXTERIOR DOS EE. UU.					
Brasil	7.813.000			Jan.º 31/43 448.428 (7)	
Colômbia	1.079.000			Fev.º 18/43 11.553	
Costa Rica	242.000	Fev.º 10/43 28.312	11,7	Fev.º 10/43 10.306 (5)	36,4
Cuba	62.000			Nov.º 30/42 55	
República Dominicana	138.000			Dez. 31/42 857	
Equador	89.000			Nov.º 30/42 1.775	
El Salvador	527.000	Fev.º 13/43 10.977	2,1	Fev.º 13/43 10.839 (5)	98,7
Guatemala	312.000	Fev.º 6/43 5.582	1,8	Fev.º 6/43 116.217 (5)	
Haití	327.000	Fev.º 6/43 5.394	1,6	Fev.º 6/43 1.306 (5)	24,2
Honduras	21.000				
México	239.000				
Nicarágua	114.000	Jan.º 30/43 nada	—	Jan.º 30/43 nada (5)	
Perú	43.000				
Venezuela	606.000	Fev.º 13/43 9.839	1,6	Fev.º 13/43 1.396 (5)	14,2

NOTA: (1) De acordo com a resolução da Junta Inter-Americana de Café, de julho 15 e setembro 29 de 1942. (5) Cifras obtidas pela Junta Inter-Americana de Café. (6) Cifras obtidas, por este escritório, de fontes oficiais e nos paises de origem. (7) As cifras do mês de Janeiro estão sujeitas a emendas.

(CARTAS SEMANAIS DO ESCRITÓRIO PAN-AMERICANO DO CAFÉ — NOVA YORK)

CARTA N.º 301 DE 8/3/1943

SITUAÇÃO GERAL: A Junta Inter-Americana do Café deu a conhecer no dia 3 do corrente a cifra relativa aos estoques de café verde no país, em 31 de janeiro de 1943, e a antecedente de 31 de dezembro de 1942, que ainda não tinham sido divulgadas. Como se sabe a compilação deste dado é feita pelo Bureau do Censo e abrange quasi todo o comércio do café do país ou cerca de 95%. Damos a seguir, afim de melhor orientar os nossos leitores, as cifras desses estoques e respectivas datas, tal como fornecidas pelo Buereau Do Censo, em sacas de 60 quilos líquidos:

DATA	QUANTIDADE	DATA	QUANTIDADE
Julho, 1.º, 1942	6.552.000	Setembro, 30, 1942	2.398.118 (1)
Setembro, 30, 1941	4.665.000	Outubro, 31, 1942	1.995.742
Dezembro, 31, 1941	4.178.000	Novembro, 21, 1942	1.363.990 (1)
Março, 31, 1942	3.752.770 (1)	Dezembro, 31, 1942	1.474.190 (1)
Junho, 30, 1942	3.333.880 (1)	Janeiro, 31, 1943	1.103.752 (1)

NOTA: (1) Cifras não incluem cafés pertencentes às forças armadas.

Como se vê, e, como temos frequentemente repetido em nossas cartas semanais, a quantidade de estoques de café no país e seu continuo decréscimo tem constituido grave problema cuja solução somente a melhoria da situação de transportes marítimos poderá remediar. Esta, porem, ainda continua bastante precária para o transporte do café pois que,

mais importante do que a falta de café no país, é o processamento do programa bélico que goza, e com razão, de prioridade não só nos transportes marítimos como em tudo que diz respeito à economia norte-americana na grande e grave emergência em que se encontra o país.

Reconhecendo essa situação a Junta Inter-Americana do Café adotou no dia 4 do corrente sua resolução N.º 21, nos seguintes termos :

"CONSIDERANDO :"

"Que é necessário aproveitar todas as facilidades de transporte marítimos disponiveis durante o presente ano de quota, afim de aliviar, na medida do possivel, a atual deficiência de cafés nos Estados Unidos :"

"A JUNTA INTER-AMERICANA DO CAFÉ"

"RESOLVE :"

"Autorizar os paises produtores de café, participantes do Acordo Inter-Americano do Café, uma vez exportado o total de suas quotas respectivas no presente ano de quota, a exportar para os Estados Unidos, antes de 30 de setembro, quantidades adicionais de café não excedente de 20% das suas respectivas quotas básicas, como estipulado no Artigo 1.º do Acordo Inter-Americano do Café, Tais exportações serão sempre sujeitas aos dispositivos do Acordo Inter-Americano do Café e deverão ser aplicadas, no devido tempo, às respectivas quotas."

Na semana terminada a 20 de fevereiro a quantidade de café autorisada a entrar para consumo montou a.... 242.548 sacas, elevando o total até aquela data a 4.377.817 sacas no presente ano de quota, equivalentes a 22,2%. Os paises maiores contribuintes na referida semana foram, em sua ordem, os seguintes :

BRASIL	132.982	sacas
Colômbia	37.302	,,
Guatemala	24.320	,,
México	11.537	,,

Na cifra referente à Republica Dominicana foi feita uma dedução de 12.725 sacas como se poderá observar pelo quadro N.º 392, preparado pela nossa Secção de Estatística, anexo à presente.

A falta de café e distribuição desigual entre os torradores tem constituido um sério problema de distribuição, tanto assim que, a Repartição de Administração de Preços (O.P.A.) resolveu no dia 4 do corrente cancelar um dispositivo da ordem de racionamento N.º 12, como se depreende pela reportagem seguinte publicada no "Journal of Commerce" do dia 5 do Corrente :

"As restrições de quotas nas vendas de café torrado pelos torradores foram removidas hoje pela O.P.A.

"As restrições que deviam entrar em vigor no dia 1.º de janeiro, e desde então teem sido proteladas, tinham por objetivo limitar as vendas de café torrado pelos torradores, de maneira que em 1943 ficassem essas restritas a 75% das do mês correspondente de 1941.

"Pequenos suprimentos e desigual distribuição de café verde, entretanto, impediram alguns torradores de produzir café torrado em quantidade suficiente para suprir prontamente seus freguezes atacadistas e retalhistas.

"Como essas condições ainda perduram acha a O.P.A. que a imposição de tais restrições impediriam o escoamento de café dos torradores aos distribuidores, e daí para os consumidores. Como se tornou necessário adiar repetidamente a data de execução das referidas restrições parece aconselhavel que sejam estas removidas das regulamentações sobre o café, o que foi feito com a emenda N.º 21, a Ordem de Racionamento N.º 12, que regula o racionamento do café. Essa emenda entrará em vigor no dia 10 do corrente."

O "American Shipping Buereau" que é o equivalente americano do famoso "Lloyd" de Londres calcula que as construções navais mercantes nos Estados Unidos, alcançaram 5.341.378 toneladas grossas no ano de 1942, representadas por 719 vapores de alto mar com cerca de 8 milhões de toneladas peso morto. Em princípios do ano passado o governo norte-americano, ao anunciar os planos de construções navais para a marinha mercante do país, se propoz justamente a alcançar o obejtivo de 8 milhões de toneladas (peso morto) em 1942, e 16 milhões em 1943. A primeira etapa, como se vê, já foi vencida, e tudo faz crer que em 1943 os norte-qmericanos tambem alcançarão o "goal" almejado.

MERCADO DO DISPONIVEL : No mercado de Santos os preços continuam inalteraveis, sendo de...... Cr.$42,40, para o tipo 4 mole, Cr.$41,20 para o tipo 4 duro e Cr.$37,00, para o tipo 5 "Rioy". No mercado do Rio o tipo 7 tem sofrido ligeiras oscilações e era cotado no dia 5 do corrente a Cr.$26,40. Aqui no país os preços máximos continuam vigorando, porem, a marcha dos negócios se resente pela falta do produto. Em fevereiro a exportação do Brasil foi de 732.000 sacas, das quais 592.000 se destinaram aos Estados Unidos, 10.000 a destinos varios e 130.000 a destino "ignorado", segundo informa a Bolsa de Café de Nova York. Na semana terminada a 27 de fevereiro a Exportação brasileira foi de 94.000 sacas, das quais 92.000 para os Estados Unidos. A exportação da Colômbia em fevereiro foi de 342.422 sacas, toda para os Estados Unidos. A da semana terminada a 27 de fevereiro montou a 150.392 sacas e teve igual destino.

Segundo a Associação de Café Verde de Nova Orleans, a importação daquele porto em fevereiro pp. foi de 64.460 sacas, provenientes dos seguintes paises : Colômbia, 44.459 sacas ; Equador 17.501 ; Venezuela 1.500 e Cuba 1.000 sacas. Em fevereiro de 1942 foram importadas por aquele porto 380.111 sacas, das quais 393.453 eram do Brasil.

O "NEW YORK TIMES" DE ONTEM EM SUA PRIMEIRA PÁGINA ANUNCIOU QUE PARA O PRÓXIMO PERÍODO DE RACIONAMENTO DE CAFÉ A COMEÇAR EM 22 DE MARÇO, CADA COUPON VOLTARA A VALER UMA LIBRA DE CAFÉ CADA 5 SEMANAS.

Como tal notícia não é oficial, deixaremos para a confirmar em nossa proxima carta semanal.

O Departamento de Agricultura ordenou que a partir de 5 de março será necessário ao importador obter autorização prévia de trazer cafés do México, Guatemala e El Salvador por via férrea, sob Ordem Geral de Importação M-63

SUPRIMENTO VISIVEL DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS (1)

(POR PAISES DE ORIGEM E PORTOS DOS ESTADOS UNIDOS)

	SEMANAS TERMINADAS EM:		
	FEV.º 26, 1943	FEV.º 19, 1943	FEV.º 28, 1942
CAFÉS DO BRASIL			
EM ESTOQUE:			
Nova York	142.096	150.657	(9) 469.648
Nova Orleans	14.904	21.343	160.352
São Francisco	(3) —	(3) —	4.802
Total	157.000	172.000	634.802
EM VIAGEM PARA TODOS OS PORTOS DOS EE. UU.	(4) 793.000	(4) 816.000	551.000
Total cafés do Brasil	950.000	988.000	1.185.802
OUTROS CAFÉS (EXCLUINDO OS DO BRASIL):			
EM ESTOQUE:			
COLÔMBIA — Nova York	19.081	4.883	(8) 166.975
COLÔMBIA — Nova Orleans	59.830	56.041	800
COLÔMBIA — San Francisco	(3) —	(3) —	771
Total cafés da Colômbia	78.911	60.824	168.546
OUTROS... — Nova York	(6) 58.877	(5) 60.165	(7) 342.711
OUTROS... — Nova Orleans	59.597	59.174	21.179
OUTROS... — São Francisco	(3) —	(3) —	4.444
Total outros cafés	118.474	119.339	368.334
TOTAL DE TODOS OS CAFÉS, EXCLUINDO OS DO BRASIL	197.385	180.263	536.880
Total geral	1.147.385	1.168.263	1.722.682
RESUMO			
NOVA YORK:			
Brasil, em estoque	142.096	150.657	(9) 469.648
Colômbia	19.081	4.883	(8) 166.975
Outros	(6) 58.877	(5) 60.165	(7) 342.711
Total de Nova York	220.054	215.705	979.334
NOVA ORLEANS:			
Brasil, em estoque	14.904	21.343	160.352
Colômbia	59.830	56.041	800
Outros	59.597	59.174	21.179
Total de Nova Orleans	134.331	136.558	182.331
SÃO FRANCISCO:			
Brasil, em estoque	(3) —	(3) —	4.802
Colômbia	(3) —	(3) —	711
Outros	(3) —	(3) —	4.444
Total de São Francisco	—	—	10.017
Total de todos os portos	354.385	352.263	1.171.682
Total em viagem do Brasil	(4) 793.000	(4) 816.000	551.000
Total geral	1.147.385	1.168.263	1.722.682

NOTA: (1) Cifras da Bolsa de Café e Açucar de Nova York. Brasil: sacas de 60 quilos, outros paises pesos diversos. (3) Cifras desconhecidas. (4) Sujeito a emendas (5) a (7) Incluidos cafés depositados em Armazens Gerais, como segue: (5) 3.191 sacas; (6) 32.750 sacas; (7) 159.774 sacas, das quais 23.892 são de cafés colombianos; (8) Incluidas 47.566 sacas da zona livre do comércio extrangeiro em Nova York. (9) Cifras emendadas.

ENTRADAS, EXPORTAÇÕES E ESTOQUES DE CAFÉS DO BRASIL

(QUANTIDADE EM MIL SACAS)

ENTRADAS	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAÍA	PARANAGUÁ	PERNAMBUCO	ANGRA DOS REIS	TOTAL
Semana de 26/2/43	88	66	—	—	16	4	2	176
Semana de 19/2/43	74	61	—	—	—	6	3	144
Semana de 28/2/42	194	31	10	12	12	7	15	284
Desde 7/1/42-43	2.450	1.288	192	59	21	77	57	4.144
Desde 7/1/41-42	3.780	1.055	525	225	248	165	251	6.249
EXPORTAÇÕES: (2)								
Semana de 26/2/43	92	—	—	1	—	1	—	94
Semana de 19/2/43	217	—	—	1	—	—	—	218
Semana de 28/2/42	171	17	—	11	5	12	1	217
ESTOQUES:								
Semana de 26/2/43	1.391	508	162	38	48	38	14	2.199
Semana de 19/2/43	1.417	460	162	39	32	36	12	2.158
Semana de 28/2/42	1.674	346	162	21	151	45	41	2.440

EXPORTAÇÕES POR PAÍS DE DESTINO

(EM MIL SACAS)

	EST. UNIDOS	EUROPA	OUTROS (2)	TOTAL
Semana de 26/2/43	92	—	2	94
Semana de 19/2/43	217	—	1	218
Semana de 28/2/42	198	—	19	217

NOTA: (2) Incluida a Cabotagem.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A 20 DE FEVEREIRO DE 1943)

	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	AUTORIZADO A ENTRAR (2)			QUOTA PROPORCIONAL (3)	RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA REALMENTE IMPORTADA
		DE OUT.º 1/42 ATÉ A DATA ABAIXO	SEMANA TERMINADA EM 20 DE FEVEREIRO	TOTAL DE 1.º DE OUT.º A 13 DE FEVEREIRO			
BRASIL	11.607.299	2/20/43	132.982	1.496.811	4.547.517	10.110.488	12,9
Colômbia	3.931.814	"	37.302	1.512.737	1.540.409	2.419.077	38,5
Costa Rica	249.624	"	3.952	59.122	97.798	190.502	23,7
Cuba	99.889	"	7.168	53.020	39.135	46.869	53,1
República Dominicana	132.554	"	- 12.725 (x)	69.049	51.932	63.505	52,1
Equador	187.238	"	2.877	87.953	73.356	99.285	47,0
El Salvador	753.578	"	2.498	179.183	295.237	574.395	23,8
Guatemala	667.804	"	24.320	200.965	261.633	466.839	30,1
Haití	343.224	"	8.674	255.451	134.469	87.773	74,4
Honduras	21.989	"	590	9.375	8.615	12.614	42,6
México	595.407	"	11.537	140.539	233.269	454.868	23,6
Nicarágua	245.415	"	...	2.758	96.149	242.657	1,1
Perú	31.202	"	...	1	12.224	31.201	...
Venezuela	463.078	"	5.897	166.546	166.425	296.532	36,0
TOTAL DOS PAISES SIGNATÁRIOS	19.330.115	"	237.797	4.233.510	7.573.168	15.096.605	21,9
PAISES NÃO SIGNATÁRIOS (4)	390.500	"	4.751	144.307	152.991	246.193	37,0
Total geral	**19.720.615**	"	**242.548**	**4.377.817**	**7.726.159**	**15.342.798**	**22,2**

NOTA: (x) Revisão efetuada nas cifras de autorisações para as semanas anteriores: ver quadro n.º 389. (1) De acordo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, de Julho 15 e setembro 29 de 1942. (3) 143 dias ou sejam 39,2% sobre o total. (4) Não foram concedidos abonos aos paises não-signatários. (5) Cifras obtidas da Junta Inter-Americana do Café.

REGISTO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAISES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	VENDAS REGISTRADAS DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (5)	% DA QUOTA REGISTRADA	EXPORTAÇÕES DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (6)	% DAS EXPORTAÇÕES SOBRE OS REGISTOS
Brasil	11.607.299			Fev.º 28/43 2.105.957 (7)	
Colômbia	3.931.814			Fev.º 28/43 1.649.740	
Costa Rica	249.624	Fev.º 10/43 111.119	44,5	Fev.º 10/43 89.926 (5)	80,9
Cuba	99.889			Nov.º 30/42 38.683	
República Dominicana	132.554			Fev.º 22/43 84.952 (5)	
Equador	187.238			Nov.º 30/42 39.515	
El Salvador	753.578	Fev.º 20/43 521.379	69,2	Fev.º 20/43 308.429 (5)	59,2
Guatemala	667.804	Fev.º 13/43 453.661	67,9	Fev.º 13/43 282.921 (5)	62,4
Haití	343.224	Fev.º 6/43 190.302	55,4	Fev.º 6/43 200.210 (5)	
Honduras	21.989				
México	595.407				
Nicarágua	245.415	Jan.º 30/43 48.559	19,8	Jan.º 30/43 2.763 (5)	5,7
Perú	81.202				
Venezuela	463.078	Fev.º 13/43 301.412	65,1	Fev.º 13/43 236.873 (5)	78,6
MERCADO EXTERIOR DOS EST. UNIDOS					
Brasil	7.813.000			Fev.º 28/43 588.428 (7)	
Colômbia	1.079.000			Fev.º 28/43 11.553	
Costa Rica	242.000	Fev.º 10/43 28.312	11,7	Fev.º 10/43 10.306 (5)	36,4
Cuba	62.000			Nov.º 30/42 55	
República Dominicana	138.000			Dez.º 31/42 857	
Equador	89.000			Nov.º 30/42 1.775	
El Salvador	527.000	Fev.º 20/43 10.977	2,7	Fev.º 20/43 10.839 (5)	98,7
Guatemala	312.000	Fev.º 13/43 5.582	1,8	Fev.º 13/43 116.825 (5)	
Haití	327.000	Fev.º 6/43 5.394	1,6	Fev.º 6/43 1.306 (5)	24,2
Honduras	21.000				
México	239.000				
Nicarágua	114.000	Jan.º 30/43 nada		Jan.º 30/43 nada (5)	
Perú	43.000				
Venezuela	606.000	Fev.º 13/43 9.839	1,6	Fev.º 13/43 1.396 (5)	14,2

NOTA: De acôrdo com as resoluções da Junta Inter-Americana do Café, de julho 15 e setembro 29 de 1942. (5) Cifras obtidas pela Junta Inter-Americana do Café. (6) Cifras obtidas por este escritório. de fontes oficiais dos paises de origem. (7) As cifras de janeiro e fevereiro estão sujeitas a emendas.

CARTA N.º 302 DE 15/3/1943

SITUAÇÃO GERAL: A notícia de última hora, que demos em nossa carta anterior sobre a modificação da ração do café para o próximo período a começar em 22 de março, foi confirmada no dia 11 pelo Chefe da Repartição de Administração de Preços, Snr. Prentiss M. Brown, que disse ser esse aumento equivalente a 16% (uma libra cada cinco semanas, em vez de uma libra cada seis semanas). O Snr. Brown afirmou que as importações de café em fevereiro excederam às estimativas em mais de 20% e vieram adicionar quantidades apreciaveis de café aos estoques de janeiro previamente desfalcados em cerca de 145 milhões de libras. Foi salientado que várias agências governamentais usaram seus recursos combinados para tornar possivel trazer mais café para os Estados Unidos, e isto, assim como a cooperação do exército, resultou na melhoria da presente situação que se traduz em notícia agradavel para as dezenas de milhões de apreciadores do café.

Realmente o mês de fevereiro, embora o mais curto do ano, apresentou uma importação total de 1.044.930 sacas como se verifica pelo nosso quadro estatístico N.º 394, anexo à presente, que contem tambem outros comparativos sumamente interessantes. Para o resultado obtido no mês de fevereiro muito contribuiram as importações verificadas na última semana do referido mês que montaram a 379.269 sacas, cifra esta a mais alta verificada num período semanal durante o presente ano de quota. O auspicioso acontecimento do aumento da ração do café não passou desapercebido aos elementos representativos incorporados neste Bureau que, em declarações à imprensa, louvaram a ação tomada pela Repartição de Administração de Preços. As referidas declarações, feitas pelos Snrs. Penteado do Brasil, Camargo da Colômbia, Piza de Costa Rica, Aguilar de El Salvador, e Scholtz da Venezuela, são reproduzidas no informe de nossa secção de Promoção Comercial, anexo à presente.

Em nossos quadros estatísticos, reportando as importações semanais sob o acordo de quotas, temos sempre dados a porcentagem da quota já autorizada a entrar e há poucas semanas salientámos a porcentagem atribuida a vários paises que estavam mantendo a devida proporção com a porcentagem do periodo de quota já decorrido. Alguns deles já estão com suas quotas bastante adiantadas razão pela qual, afim de evitar qualquer impecilho no uso de praça disponivel a

Junta Inter-Americana do Café, conforme mencionámos em nossa carta anterior, permitir a exportação para os Estados Unidos. antes de 30 de setembro, de quantidades adicionais de café, não excedente de 20% das quotas respectivas de cada país signatários. Evidentemente, com o fito supra, votou a Junta Inter-Americana do Café nova resolução sob data de 11 de março, nos seguintes termos:

CONSIDERANDO:

1.º) Que o mercado do café dos Estados Unidos continua confrontando uma situação de emergência creada pela escassez e irregularidade de transportes marítimos, devido às exigências de guerra;

2.º) Que é política da Junta Inter-Americana do Café, repetidamente declarada em resoluções e declarações facilitar por todos os meios a seu alcance a utilização completa de qualquer praça disponivel para o transporte de café aos Estados Unidos;

3.º) Que é política da Junta Inter-Americana do Café, igualmente reiterada e publicamente declarada, de exercer a máxima flexibilidade no funcionamento do Acordo Inter-Americano do Café, para se assegurar contra dificuldades ou atrazos desnecessários na movimentação do café aos Estados Unidos durante a presente emergência;

A JUNTA INTER-AMERICANA DO CAFÉ

RESOLVE:

1.º) Aumentar as quotas para o mercado dos Estados Unidos a partir de 5 de março de 1943, para 200% das quotas básicas, do acordo com o Artigo VIII do Acordo Inter-Americano do Café.

2.º) Estabelecer as quotas para o mercado dos Estados Unidos a 1.º de Outubro de 1943 em 110% das quotas básicas.

3.º) Remeter cópias desta resolução aos governos dos paises participantes do Acordo Inter-Americano do Café.

Fica assim a presente quota aumentada para 27.953.794 sacas, conforme se verifica pelo nosso quadro estatístico N.º 395, anexo à presente.

Outra noticia alentadora para a indústria latino-Americana do café é a que se refere à renovação do Acordo do Café para o período outubro 1.º, 1942, a setembro 30, 1943, cuja renovação foi finalmente aprovada por todo os paises signatários.

Em nossa carta anterior reproduzimos as cifras do Bureau do Censo relativas aos estoques de café no país e por descuido não incluimos o sinal (o) na cifra referente a outubro 31, 1942, de 1.995.742 sacas, que tambem não inclue os cafés pertencentes às forças armadas. Quanto às cifras referentes a dezembro 31, 1942, e janeiro 31, 1943, a Junta Inter-Americana do Café em seu último boletim as retificou para 1.476.241 e 1.203.768 sacas, respectivamente, devendo ser anotado que estas duas cifras tambem não incluem os cafés pertencentes às forças armadas.

Segundo o Departamento de Agricultura a renda dos fazendeiros norte americanos atingiu em 1942 a seu nivel mais alto devido à grande procura para os produtos agrícolas e condições de produção sumamente favoraveis. Um estudo preliminar dos dados disponiveis sobre rendas e desembolsos agrícolas em 1942 indica que o saldo liquído a favor dos agricultores pelo seu trabalho, capital aplicado, gerência e outros labores não pagos executados pela família, montou a $ 10.200.000.000 em 1942 em comparação com $ 6.748.000.000 em 1941 e a cifra recorde prévia de $ 8.799.000.000 para o ano de 1919.

MERCADO DO DISPONIVEL: Embora o ambiente do mercado fosse mais animado durante a semana, tal animação não se traduziu em maior volume de negócios porquanto o volume dos estoques continua a exercer uma influência restritiva. Tanto no Brasil como aqui os preços se mantiveram inalteraveis Na semana terminada a 6 do corrente a exportação foi de 137.000 sacas, das quais 130.000 se destinaram aos Estados Unidos, ao passo que a da Colômbia foi de 51.413 sacas, todas para os Estados Unidos. Como se poderá observar pelo quadro anexo usual, os estoques visiveis de café neste país, segundo a Bolsa de Café de Nova York, eram na semana terminada a 6 do corrente, os seguintes: Brasil, 297.027 sacas; Colômbia, 76.015 sacas; e outros cafés suaves 118.374 sacas.

Damos a seguir em cifras de mil sacas, a estimativa dos estoques de café verde dos paises produtores fornecida pela Junta Inter-Americana do Café, com exceção da do Brasil, cuja cifra é da Bolsa de Café de Nova York:

	EM:	NOS PÔRTOS	NO INTERIOR	TOTAL
Brasil	Março 5, 1943	2.099		
Colômbia	Fev.º 15, 1943	538		
El Salvador	Fev.º 27, 1943	174	377	551
Haití	Fev.º 20, 1943	160	33	213
Nicarágua	Fev.º 20, 1943	12	98	110

Segundo a Associação do Café da Costa do Pacífico, as importações de café dos Estados Unidos pelos portos do Pacífico foram as maiores até hoje verificadas, pois alcançaram a cifra de 2.223.837 sacas, em comparação com 2.083.946 sacas em 1941. No ano passado observou-se forte aumento nas importações dos tipos colombianos, salvadorenses e guatemalenses, ao passo que os tipos brasileiros sofreram grande declínio devido, como é notório, às dificuldades de transporte marítimo no referido ano. Anexo à presente damos um quadro referente a essas importações, feito com dados fornecidos pela supra citada Associação.

SUPRIMENTO VISIVEL DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS (1)

(POR PAISES DE ORIGEM E PORTOS DOS ESTADOS UNIDOS)

CAFÉS DO BRASIL:	SEMANA TERMINADA EM:		
	MARÇO 6, 1943	FEV.º 16, 1943	MARÇO 7, 1942
EM ESTOQUE:			
Nova York	280.227	142.096	(9) 553.678
Nova Orleans	16.773	14.904	135.322
São Francisco	27	(1) —	5.729
Total	297.027	197.000	694.729
EM VIAGEM PARA TODOS OS PORTOS DOS EE. UU.	(4) 810.000	(4) 793.000	422.000
Total cafés do Brasil	1.107.027	950.000	1.116.729
OUTROS CAFÉS (EXCLUINDO OS DO BRASIL)			
EM ESTOQUE:			
COLÔMBIA — Nova York	19.530	19.081	(8) 169.571
COLÔMBIA — Nova Orleans	56.459	59.830	250
COLÔMBIA — São Francisco	26	(3) —	552
Total cafés colombianos	76.015	78.911	170.373
OUTROS... — Nova York	(5) 58.405	(6) 58.877	(7) 352.507
OUTROS... — Nova Orleans	59.016	59.597	16.239
OUTROS... — São Francisco	953	(3) —	2.991
Total outros cafés	118.374	118.474	371.737
TOTAL TODOS OS CAFÉ (EXCLUINDO OS DO BRASIL)	194.389	197.385	542.110
Total geral	1.301.416	1.147.385	1.658.839
RESUMO			
NOVA YORK:			
Brasil, em estoque	280.227	142.096	(9) 553.678
Colômbia	19.530	19.081	(8) 169.571
Outros	(5) 58.405	(7) 58.877	(7) 352.507
Total de Nova York	358.162	220.054	1.075.756
NOVA ORLEANS:			
Brasil, em estoque	16.773	14.904	135.322
Colômbia	56.459	59.830	250
Outros	59.016	59.597	16.239
Total de Nova Orleans	132.248	134.331	151.811
SÃO FRANCISCO:			
Brasil, em estoque	27	(3) —	5.729
Colômbia	26	(3) —	552
Outros	953	(3) —	2.991
Total de São Francisco	1.006	—	9.272
Total de todos os portos	491.416	354.385	1.236.839
Total em viagem do Brasil	(4) 810.000	(4) 793.000	422.000
Total geral	1.301.416	1.147.385	1.658.839

NOTA: (1) Cifras da Bolsa de Café e Açucar de Nova York, Brasil sacas de 60 quilos, outros paises pesos originais. (3) Cifras desconhecidas (4) Sujeito a correções. (5 a 7) Inclusive cafés depositados em armazens gerais como segue: (5) 32.177 sacas. (6) 32.750 sacas. (7) 152.270 sacas, das quais 15.084 sacas são de cafés colombianos. (8) Incluidas... 47.577 sacas da zona livre do comércio extrangeiro em Nova York. (9) Cifras reajustadas.

ENTRADAS, EXPORTAÇÕES E ESTOQUES DE CAFÉS DO BRASIL

(QUANTIDADES EM MIL SACAS)

ENTRADAS	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAÍA	PARANAGUÁ	PERNAMBUCO	ANGRA DOS REIS	TOTAL
Semana de 5/3/43	99	57	—	—	4	4	5	169
Semana de 26/2/43	88	66	—	—	16	4	2	176
Semana de 7/3/42	121	41	7	5	7	6	10	197
Desde 1/7/42-43	2.549	1.345	192	59	25	81	62	4.313
Desde 1/7/41-42	3.901	1.096	532	230	255	171	261	6.446
EXPORTAÇÕES: (2)								
Semana de 5/3/43	134	—	—	1	1	1	—	137
Semana de 26/2/43	92	—	—	1	—	1	—	94
Semana de 7/3/42	188	42	6	10	26	2	—	274
ESTOQUES:								
Semana de 5/3/43	1.350	440	162	37	51	40	19	2.099
Semana de 26/2/43	1.391	508	162	38	48	38	14	2.199
Semana de 7/3/42	1.550	345	158	16	132	48	51	2.300

EXPORTAÇÕES POR PAÍS DE DESTINO

(EM MIL SACAS)

	EST. UNIDOS	EUROPA	OUTROS (2)	TOTAL
Semana de 5/3/43	130	—	7	137
Semana de 26/2/43	92	—	2	94
Semana de 7/3/42	254	—	20	274

NOTA: (2) Inclusive a cabotagem.

IMPORTAÇÃO DE CAFÉ PELOS PORTOS DA COSTA DO PACÍFICO EM 1942 COMPARADA COM A DOS ANOS 1941, 1940 1939

(CIFRAS DA COAST COFFEE ASSOCIATION)

Quantidade em mil sacas (x)

PAISES DE ORIGEM	1942	1941	1940	1939
Brasil	343.946	830.438	510.115	768.167
Colômbia	893.456	386.178	548.597	396.269
Costa Rica	134.013	130.459	59.828	32.776
Equadro	10.064	24.064	18.377	4.005
El Salvador	438.434	292.009	396.614	377.498
Guatemala	223.436	173.721	146.557	136.668
Honduras	8.797	5.684	5.263	199
México	31.618	65.140	75.170	52.114
Nicarágua	132.976	108.039	181.082	134.016
Perú	2.672	5.442	1.068	2.351
Venezuela	...	14.899	3.006	600
Jamaica, Taití, Guiana	800	4.075	3.605	7.401
Robusta, Java, etc.	3.625	22.156	13.691	15.073
Havaí	...	17.648	11.825	22.149
Outros	...	3.994	150	6.849
Total	**2.223.837**	**2.083.946**	**1.974.948**	**1.956.135**

(x) Sacas de diferentes pesos, de acordo com os embarques dos paises produtores.

IMPORTAÇÃO DE CAFÉ AUTORIZADA NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A 27 DE FEVEREIRO DE 1943)

PAISES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	AUTORIZADO A ENTRAR (2)			QUOTA PROPORCIONAL (3)	RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA REALMENTE IMPORTADA
		DE OUT.º 1/42 ATÉ A DATA ABAIXO	SEMANA TERMINADA EM 27 DE FEVEREIRO	TOTAL DE 1.º DE OUT.º A 27 DE FEVEREIRO			
Brasil	11.607.299	2/27/43	93.956	1.590.767	4.770.123	10.016.532	13,7
Colômbia	3.931.814	,,	148.852	1.661.589	1.615.814	2.270.225	42,5
Costa Rica	249.624	,,	13.580	72.702	102.585	176.922	29,1
Cuba	99.889	,,	8.418	61.438	41.050	38.451	61,5
República Dominicana	132.554	,,	1.630	70,679	54.474	61.875	53,3
Equador	187.238	,,	4.220	92.173	76.947	95.065	49,2
El Salvador	753.578	,,	47.125	226.308	309.690	527.270	30,0
Guatemala	667.804	,,	31.330	232.295	274.440	435.509	34,8
Haití	343.224	,,	...	255.451	141.051	87.773	74,4
Honduras	21.989	,,	(x) — 1	9.374	9.037	12.615	42,6
México	595.407	,,	11.758	152.297	244.688	443.110	25,6
Nicarágua	245.415	,,	15.066	17.824	100.855	227.591	7,3
Perú	31.202	,,	...	1	12.823	31.201	...
Venezuela	463.078	,,	(x) — 3	166.543	190.306	296.535	36,0
TOTAL DOS PAISES SIGNATÁRIOS	19.330.115	,,	375.935	4.609.441	7.943.883	14.720.674	23,8
PAISES NÃO SIGNATÁRIOS (4)	390.500	,,	3.334	147.641	160.479	242.859	37,8
Total geral	19.720.615	,,	379.269	4.757.082	8.104.362	14.963.533	24,1

NOTA : (x) Revisão efetuada sobre as cifras das autorisações para semanas anteriores ; ver quadro N.º 392.

NOTA : (1) De acordo com as resoluções da Junta Inter-Americana do Café, de Julho 15 e setembro 29 de 1942.
(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.
(3) 150 dias ou sejam 41% do total
(4) Não foram concedidos abonos aos paises não-signatários.

REGISTO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÃOES DOS PAISES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	VENDAS REGISTADAS DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (5)	% DA QUOTA REGISTADA	EXPORTAÇÕES DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (6)	% DAS EXPORTAÇÕES SOBRE OS REGISTROS
BRASIL	11.607.299			Fev.º 28/43 2.202.577 (7)	
Colômbia	3.913.814			Mar. 6/43 1.701.153	
Costa Rica	249.624	Fev.º 24/43 129.133	51,7	Fev.º 24/43 99.096 (5)	76,7
Cuba	99.889			Nov.º 30/42 38.683	
Rep. Dominicana	132.554			Fev.º 22/43 84.952 (5)	
Equador	187.238			Nov.º 30/42 39.515	
El Salvador	753.578	Fev.º 27/43 562.086	74,6	Fev.º 27/43 348.679 (5)	62,0
Guatemala	667.804	Fev.º 13/43 453.661	67,9	Fev.º 13/43 282.921 (5)	62,4
Haití	343.224	Fev.º 20/43 247.540	72,1	Fev.º 20/43 246.357 (5)	99,5
Honduras	21.989				
México	595.407				
Nicarágua	245.415	Fev.º 20/43 78.591	32,0	Fev.º 20/43 42.667 (5)	54,3
Perú	31.202				
Venezuela	463.078	Fev.º 27/43 350.172	75,6	Fev.º 27/43 290.521 (5)	83,0
MERCADO EXTERIOR DOS EST. UNIDOS					
BRASIL	7.813.000			Fev.º 28/43 615.584 (7)	
Colômbia	1.079.000			Mar. 6/43 11.665	
Costa Rica	242.000	Fev.º 24/43 38.730	16,0	Fev.º 24/43 11.103 (5)	28,7
Cuba	62.000			Nov.º 30/42 55	
República Dominicana	138.000			Dez.º 31/42 857	
Equador	89.000			Nov.º 30/42 1.775	
El Salvador	527.000	Fev.º 27/43 10.977	2,1	Fev.º 27/43 10.839 (5)	98,7
Guatemala	312.000	Fev.º 13/43 5.582	1,8	Fev.º 13/43 116.825 (5)	
Haití	327.000	Fev.º 20/43 5.420	1,7	Fev.º 20/43 1.346 (5)	24,8
Honduras	21.000				
México	239.000				
Nicarágua	114.000	Fev.º 20/43 nada		Fev.º 20/43 nada (5)	
Perú	43.000				
Venezuela	606.000	Fev.º 27/43 9.986	1,6	Fev.º 27/43 8.568 (5)	85,8

NOTA: (1) De acordo com as resoluções da Junta Inter-Americana do Café, de 15 de julho e 29 de setembro de 1942. (5) Cifras obtidas pela Junta Inter-Americana do Café. (6) Cifras obtidas por este escritório de fontes oficiais e nos paises de origem. (7) Cifras obtidas para o mês de fevereiro estão sujeitas a emendas.

CARTA N.º 303

SITUAÇÃO GERAL: Temos esta semana notícias das mais agradaveis a divulgar pois a quantidade de café autorizado a entrar para o consumo na semana terminada a 6 do corrente excedeu às melhores expectativas, ultrapassando não só a média semanal de quota básica como tambem a média semanal da quota em vigor, recentemente aumentada. A cifra a que nos referimos foi de 579.256 sacas, a maior cifra semanal verificada no presente ano de quota, cujo total já entrado se elevou a 5.336.338 sacas de 60 quilos. Os paises maiores contribuintes na referida semana foram, em sua ordem, os seguintes:

Brasil	295.562	sacas
Colômbia	144.036	,,
Venezuela	42.555	,,
Guatemala	25.236	,,
México	22.820	,,

Devido ao aumento feito para as quotas para o ano corrente, conforme informámos detalhadamente em nossa carta anterior, as porcentagens de cada país referentes à parte já completada tiveram que ser modificadas, razão porque recapitulamos aqui os que se acham mais adiantados, a saber:

Haití	55,5%
Republica Dominicana	36,8%
Equador	35,2%
Colômbia	32,5%
Venezuela	30,7%

Como se poderá observar pelo quadro N.º 396, de nossa Secção de Estatística, anexo à presente, a porcentagem atribuida ao total já entrado é de 19,1% em comparação com a de 43,0% para o período da quota já decorrido.

Como já informamos anteriormente a ração de café foi aumentada devido à melhoria verificada nas importações do produto e nos últimos dias foi propalado que os estoques de café verde dos torradores vão ser aumentados afim de lhes permitir maior elasticidade em suas operações. As notícias publicadas sobre o ultimo tópico, porem, são um tanto confusas e por isto, vamos aguardar nossa próxima carta para darmos maiores esclarecimentos. Esta medida si for adotada, virá cancelar a emenda N.º 15 à Ordem de Racionamento de café n. 12, mencionada em nossa carta semanal N.º 298 de 15 de Fevereiro pp.º, que bastante atribulações causou aos torradores.

Em nossa carta semanal anterior ao nos referirmos à renovação do Acordo do Café por mais um ano, involuntariamente demos o período dessa renovação como sendo de outubro 1.º, 1942, a setembro 30, 1943, quando na realidade e como o obvio, o referido período é de outubro 1.º, 1943, a setembro 30, 1944.

O assunto da disposição final dos sobrantes de café na época de após-guerra, continua muito em foco tanto assim que na edição de 16 do corrente do "New York Journal of Commerce", a Bolsa de Café e Açucar de Nova York fez publicar, numa página inteira e sob o título "Uma carta aberta ao Snr. Wallace, veemente protesto contra os objetivos da Junta de Economia Bélica como delineados pelo Snr. Quinlan, chefe da Secção de Produtos Alimentícios da referida Junta, em carta dirigida ao presidente da Associação Nacional do Café. A Bolsa do Café finalizou a referida "carta aberta" com três recomendações e urgindo que "os estoques de açucar, café, minerais ou quaisquer outros produtos em poder do governo ao terminarem as hostilidades sejam assim dispostos :

1) por intermédio dos canais já estabelecidos e por métodos de livre comércio ;

2) de tal maneira que não venha depreciar ou destruir o valor de safras futuras que os fazendeiros produzirão que instituições financeiras financiarão e homens de negócios venderão ;

3) e de modo que não venha causar prejuizos a outras nações, e acima de tudo aos nossos bons vizinhos na América Latina que produzem essas mercadorias. Fomos tambem informados de que a Associação de Cafeicultores de El Salvador tomou conhecimento oficial da troca de correspondência entre os Srns. Quinlan e Thierbach e que havia aprovado uma resolução apoiando de vista a Associação Nacional do Café, resolução esta que nos foi transmitida pelo representante salvadorense no Bureau, Snr. Aguilar, o Bureau por sua vez se comunicou com o Snr. Therbach sobre o assunto e, salientando que este é de sumo interesse para os paises nele afiliados, solicitou ao Snr. Therbach para que mantivesse o Bureau informado do que se passasse a respeito.

Anexamos à presente uma página com um quadro sobre os estoques de café existentes a 27 de fevereiro pp.º nos armazens sob controle aduaneiro e na zona livre os quais montam a 187.824 sacas, sendo os seguintes os principais paises de origem desses cafés : Guatemala 115.976 sacas ; Costa Rica 30.080 ; Venezuela 26.941 e Colômbia 8.324 sacas. Na mesma página reproduzimos os dados fornecidos pela Junta Inter-Americana do Café sobre os estoques de café verde nos portos e no interior em alguns paises produtores, dados esses recebidos do Brasil, Colômbia, El Salvador, Guatemala Haití e Nicarágua.

Segundo telegrama recebido aqui pela Bolsa do Café, o Brasil acaba de aumentar as quotas de exportação dos diversos portos para 11.610.000 sacas, que ficam assim distribuidas :

	QUOTAS DE EXPORTAÇÃO	
	REVISADAS	ORIGINAIS
Santos	8.250.000	7.000.000
Rio de Janeiro	1.760.000	1.100.000
Vitória	700.000	600.000
Paranaguá	450.000	340.000
Angra dos Reis	300.000	200.000
Baía	75.000	50.000
Pernambuco	75.000	50.000
Total	**11.610.000**	**9.340.000**

Esse aumento será distribuido aos exportadores de acordo com a fórmula telegráfica anteriormente (vide nossa carta semanal N.º 292, de 30 de dezembro de 1942). Entretanto, os exportadores só perceberão as quotas aumentadas depois de terem usado suas quotas atuais. Os exportadores que não fizerem uso de suas quotas atuais até o dia 15 de abril não serão contemplados, e em tal caso o aumento que lhes caberia será distribuido entre os exportadores que tenham demonstrado capacidade para efetuarem maiores vendas.

Está marcada para o dia 29 do corrente importante reunião dos membros da comissão consultiva da indústria do café, que se realizará em Washington sob os auspícios da Associação Nacional do Café. Em circular distribuida a seus associados ela chama a atenção para o andamento de diversos tópicos em evidência entre os quais se acham os seguintes :

1) **Redução do período de ração de café :** A Associação acha que a situação atual comporta uma redução para quatro semanas em vez de cinco.

2) **Preços máximos de café torrado.** A Associação informa que no momento a Repartição de Administração de Preços está fazendo um estudo das operações de 50 firmas representativas afim de estabelecer uma base para discussão do aumento necessário para colocar a indústria numa base de operação sã. (A Associação há pouco tempo mencionou um aumento de 10%).

3) **Contratos da Commodity Credit Corporation.** A Associação acha o sistema burocrático e dispendioso demais para continuar em vigor pois que já passou a fase de sua necessidade e o comércio poucos benefícios obtem. Conclue a Associação que tal subsídio deve ser abolido, preços máximos de café torrado postos numa base razoavel e os contratos da C.C.C. retirados completamente.

4) **Continuação dos riscos de seguro de guerra sob a Administração de Transportes de Guerra (War Shipping Administration) e congelamento das taxas de seguros marítimos e fretes até terminar a guerra.** A associação é a favor da posição supra e que qualquer diferença para mais nestas despezas seja imediatamente adicionada aos preços máximos.

5) **Estoques permissiveis.** Dá como confirmada a informação sobre o assunto inserto no princípio desta carta e confia no apoio da indústria para qué estes possam continuar amplos.

6) **Sistema de alocações.** A Associação não aprova o presente sistema de quotas (x) de importação que contem muitos pontos absurdos devido há necessidade de satisfazer três départamentos governamentais. Acha que esta situação melhorará antes da distribuição de novas quotas (x)

7) **Aumento de praça nos vapores.** A Associação alega ter conseguido certas vantagens nesta matéria mas acha que este é um problema contínuo. Ela não discute o direito que cabe às forças armadas de prioridade absoluta sobre as necessidades civís mas deve-se manter vigilante afim de evitar relaxamento que venha prejudicar estas.

8) **Margens de operação nos negócios de café verde.** Diz a associação que quando concordou com os "muito liberais preços máximos de café verde" o fez com o entendimento de que aqueles preços seriam os máximos e de que deveria haver uma margem de operação abaixo dos preços assim fixados. Alguns paises produtores teem permitido tal margem, outros não e a Associação tenciona agir para corrigir tal situação.

Telegrama recebido hoje pela Bolsa de Café de seu correspondente no Brasil informa que "incrementando o acordo brasileiro-americano do Café de outubro 1942, a Commodity Credit Association começará hoje a comprar aquela parte das quotas básicas de exportação de 1941/42 e 1942/43 que não foram exportadas devido às dificuldades de transportes marítimos. O saldo verificado em setembro 30, 1942, foi de **2.699.000** sacas emquanto o acordo estipulou **9.300.000** para 1942/43. As compras serão feitas pelos canais usuais do comércio dentro das quotas individuais dos exportadores e tomando o preço corrente F.O.B. como base".

MERCADO DO DISPONIVEL : As importações das últimas semanas vieram dar novo alento ao comércio de café verde, porem, não se pode ainda dizer que os negócios do disponivel tenham aumentado sensilvemente. Nota-se ainda bastante demora para o café chegado sair das docas e a quantidade avariada é superior ao normal. A semana passada o Brasil exportou 97.000 sacas, das quais 75.000 se destinaram aos EE.UU. A Colômbia exportou na mesma semana 30.933 sacas, todas para os EE.UU. No mercado do Rio o preço do tipo 7 melhorou hoje Cr.$ 1,10, sendo o preço atual de Cr.$27,50 por 10 quilos.

A Associação do Café da Costa do Pacífico forneceu os dados relativos às importações de janeiro e fevereiro de 1943, cujas cifras totais para os seguintes paises são : El Salvador 119.816 sacas ; Colômbia 62.576 ; Guatemala 43.088 ; Nicarágua 21.866 ; Costa Rica 19.829 e Brasil 6.475 sacas. O total desses dois meses foi de 273.650 em 1943 em comparação com 425.032 em 1942.

SUPRIMENTO VISIVEL DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS (1)

(PÔR PAISES DE ORIGEM E PORTOS DOS ESTADOS UNIDOD)

	SEMANA TERMINADA EM:		
	MARÇO 12, 1943	MARÇO 5, 1943	MARÇO 14, 1942
CAFÉ DO BRASIL			
EM ESTOQUE:			
Nova York	262.227	280.227	(9) 481.871
Nova Orleans	(3) 16.773	16.773	90.129
São Francisco	(3) 27	27	5.762
Total	279.027	297.027	577.762
EM VIAGEM PARA TODOS OS PORTOS DOS EE. UNIDOS	(4) 810.000	(4) 810.000	(4) 733.000
Total de cafés do Brasil	1.089.027	1.107.027	1.310.762
OUTROS CAFÉS (EXCLUINDO OS DO BRASIL).			
EM ESTOQUE:			
COLÔMBIA — Nova York	21.435	19.530	(8) 198.744
COLÔMBIA — Nova Orleans	(3) 56.459	56.459	2.605
COLÔMBIA — São Francisco	(3) 26	26	393
Total de Cafés colombianos	77.920	76.015	201.742
OUTROS — Nova York	(6) 56.282	(5) 58.405	(7) 363.745
OUTROS — Nova Orleans	(3) 59.016	59.016	12.384
OUTROS — S. Francisco	(3) 953	953	2.872
Total de outros cafés	116.251	118.374	379.001
TOTAL DE TODOS OS CAFÉS (EXCLUINDO OS DO BRASIL)	194.171	194.389	580.743
Total geral	1.283.198	1.301.416	1.891.505
RESUMO			
NOVA YORK:			
Brasil, em estoque	262.227	280.227	(9) 481.871
Colômbia	21.435	19.530	(8) 198.744
Outros	(6) 56.282	(5) 58.405	(7) 363.745
Total de N. York	339.944	358.162	1.044.360
NOVA ORLEANS:			
Brasil, em estoque	(3) 16.773	16.773	90.129
Colômbia	(3) 56.459	56.459	2.605
Outros	(3) 59.016	59.016	12.384
Total de Nova Orleans	132.248	132.248	105.118
SÃO FRANCISCO:			
Brasil, em estoque	(3) 27	27	5.762
Colômbia	(3) 26	26	393
Outros	(3) 953	953	2.872
Total S. Francisco	1.006	1.006	9.027
Total de todos os portos	473.198	491.416	1.158.505
Total em viagem do Brasil	(4) 810.000	(4) 810.000	(4) 733.000
Total geral	1.283.198	1.301.416	1.891.505

NOTA: (1) Cifras da Bolsa de Café e Açucar de Nova York, Brasil sacas de 60 quilos, outros paises pesos originais. (3) Iguais as das semanas anteriores. (4) Sujeito a correções. (5 a 7) Inclusive cafés depositados em Armazens Gerais como segue: (5) 32.177 sacas: (6) 30.649 sacas; (7) 139.764 sacas, das quais 11.238 são de café colombianos. (8) Incluidas 47.577 sacas da zona livre do comércio extrangeiro em Nova York. (9) Cifras reajustadas.

ENTRADAS, EXPORTAÇÕES E EMBARQUES DE CAFÉS DO BRASIL

(QUANTIDADE EM MIL SACAS)

ENTRADAS	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAÍA	PARANAGUÁ	PERNAMBUCO	ANGRA DOS REIS	TOTAL
Semana de 12/3/43	78	59	—	—	5	1	6	149
Semana de 5/3/43	99	57	—	—	4	4	5	169
Semana de 14/3/42	120	53	18	13	22	2	9	237
Desde 1/7/42-43	2.627	1.404	192	59	30	82	68	4.462
Desde 1/1/41-42	4.021	1.149	550	243	277	173	270	6.683
EXPORTAÇÕES: (2)								
Semana de 12/3/43	94	—	—	1	—	2	—	97
Semana de 5/3/43	134	—	—	1	1	1	—	137
Semana de 14/3/42	179	75	8	10	—	10	2	284
ESTOQUES:								
Semana de 12/3/43	1.374	499	162	36	54	40	25	2.190
Semana de 5/3/43	1.350	440	162	37	51	40	19	2.099
Semana de 14/3/42	1.576	322	168	19	154	39	58	2.336

EXPORTAÇÕES POR PAÍS DE DESTINO

(EM MIL SACAS)

	EST. UNIDOS	EUROPA	OUTROS (2)	TOTAL
Semana de 12/3/43	75	18	4	97
Semana de 5/3/43	130	—	7	137
Semana de 14/3/42	277	3	4	284

NOTA: (2) Incluida a cabotagem.

CAFÉS DEPOSITADOS EM ARMAZENS GERAIS E NA ZONA DE COMÉRCIO EXTRANGEIRO, EM FEVEREIRO 27, 1943

(CIFRAS DA JUNTA INTER-AMERICANA DO CAFÉ)

(Em sacas) (1)

PAISES PRODUTORES	ARMAZENS GERAIS	ZONA DO COMÉRCIO EXTRANGEIRO	TOTAL GERAL
Brasil	9	—	9
Colômbia	8.324	—	8.324
Costa Rica	28.928	1.152	30.080
República Dominicana	1.979	145	2.124
Equador	1	—	1
El Salvador	830	1.350	2.180
Guatemala	113.813	2.163	115.976
Haití	1	—	1
Honduras	1.588	—	1.588
México	164	—	164
Nicarágua	75	—	75
Venezuela	24.571	2.370	26.941
Total dos paises signatários	**180.283**	**7.180**	**187.463**
Paises não-signatários	361	—	361
Total geral	**180.644**	**7.180**	**187.824**

(1) Sacas de diferentes pesos, de acordo com os embarques originais dos paises produtores.

ESTIMATIVA DOS ESTOQUES DE CAFÉ VERDE NOS PAISES PRODUTORES (1)

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

(Pronto para embarque)

PAISES	NAS DATAS ABAIXO :	NOS PORTOS	NO INTERIOR	TOTAL
Brasil	Março 10, 1943	2.670.000	—	—
Colômbia	Março 15, 1943	611.243	—	—
El Salvador	Março 6, 1943	222.151	325.440	547.591
Guatemala	Fev.º 27, 1943	25.006	436.197	461.203
Haití	Fev.º 27, 1943	130.733	40.067	170.800
Nicarágua	Fev.º 27, 1943	24.398	97.834	122.232

(1) Relações da Junta Inter-Americana do Café para cada país produtor.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A 6 DE MARÇO DE 1943)

PAISES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	AUTORIZADO A ENTRAR (2)			QUOTA PROPORCIONAL (5)	RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA REALMENTE IMPORTADA
		DE OUT.º 1/42 ATÉ A DATA ABAIXO	SEMANA TERMINADA EM 6 DE MARÇO	TOTAL DE 1.º DE OUT.º A 6 DE MARÇO			
Brasil	16.422.932	3/6/43	295.562	1.886.329	7.064.111	14.536.603	11,5
Colômbia	5.562.916	„	144.936	1.805.625	2.392.816	3.757.291	32,5
Costa Rica	353.186	„	3.652	76.354	151.918	276.832	21,6
Cuba	141.314	„	1.828	63.266	60.784	78.048	44,8
República Dominicana	194.691	„	907	71.586	83.744	123.105	36,8
Equador	264.910	„	1.205	93.378	113.948	171.532	35,2
El Salvador	1.064.264	„	14.541	240.849	457.779	823.415	22,6
Guatemala	944.832	„	25.236	257.531	406.407	687.301	27,3
Haití	485.622	„	14.025	269.476	208.884	216.146	55,5
Honduras	32.345	„	...	9.374	13.913	22.971	29,0
México	841.367	„	22.820	175.117	361.903	666.250	20,8
Nicarágua	346.388	„	5.179	23.003	148.994	323.385	6,6
Perú	44.147	„	...	1	18.989	44.146	...
Venezuela	680.558	„	42.555	209.098	292.733	471.460	30,7
TOTAL DOS PAISES SIGNATÁRIOS	27.379.472	„	571.546	5.180.987	11.776.923	22.198.485	18,9
PAISES NÃO SIGNATÁRIOS (4)	574.322	„	7.710	155.351	247.037	418.971	27,0
Total	**27.953.794**	„	**579.256**	**5.336.338**	**12.023.960**	**22.617.456**	**19,1**

NOTA: (1) De acordo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, autorizada em março 5 de 1943. (2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. (3) 157 dias ou 43% sobre o total. (4) Não foram concedidos abonos aos paises não-signatários.

REGISTO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAISES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	VENDAS REGISTADAS DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (5)			% DA QUOTA REGISTADA	EXPORTAÇÕES DE 1.º DE OUTUBRO 1942 DE A: (6)			% DAS EXPORTAÇÕES SOBRE OS REGISTOS
BRASIL	16.422.932					Fev.º	28/43	2.202.577 (7)	
Colômbia	5.562.916					Mar.	13/43	1.732088	
Costa Rica	353.186	Mar.	3/43	134.310	38,0	Mar.	3/43	102.348 (5)	76,2
Cuba	141.314					Nov.º	30/42	38.683	
República Dominicana	194.691					Fev.º	22/43	84.952 (5)	
Equador	264.910					Nov.º	30/42	39.515	
El Salvador	1.064.264	Mar.	6/43	592.503	55,7	Mar.	6/43	352.409 (5)	59,5
Guatemala	944.832	Mar.	6/43	499.698	52,9	Mar.	6/43	315.103 (5)	63,1
Haití	485.622	Fev.º	27/43	261.621	53,9	Fev.º	27/43	289.188 (5)	
Honduras	32.345					Dez.º	31/42	4.724	
México	841.367								
Nicarágua	346.388	Fev.º	27/43	89.363	25,8	Fev.º	27/43	42.667 (5)	47,7
Perú	44.147								
Venezuela	680.558	Fev.º	27/43	350.172	51,5	Fev.º	27/43	290.521 (5)	83,0
MERCADO EXTERIOR DOS EST. UNIDOS									
BRASIL	7.813.000					Fev.º	28/43	615.584 (7)	
Colômbia	1.079.000					Mar.	13/43	11.665	
Costa Rica	242.000	Mar.	3/43	44.439	18,4	Mar.	3/43	12.476 (5)	28,1
Cuba	62.000					Nov.º	30/42	55	
República Dominicana	138.000					Dez.º	31/42	1.024	
Equador	89.000					Nov.º	30/42	1.775	
El Salvador	527.000	Mar.	6/43	11.061	2,1	Mar.	6/43	10.842 (5)	98,0
Guatemala	312.000	Mar.	6/43	6.695	2,1	Mar.	6/43	116.951 (5)	
Haití	327.000	Fev.º	27/43	17.440	5,3	Fev.º	27/43	1.366 (5)	7,8
Honduras	21.000					Dez.º	31/42	—	
México	239.000								
Nicarágua	114.000	Fev.º	27/43	—		Fev.º	27/43	— (5)	
Perú	43.000								
Venezuela	606.000	Fev.º	27/43	9.986	1,6	Fev.º	27/43	8.568 (5)	85,8

NOTA: (1) De acordo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café. (2) Cifras obtidas nos Estados Unidos da Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos. (5) Cifras fornecidas pela Junta Inter-Americana do Café, (6) As cifras fornecidas por este escritório foram colhidas nos paises de origem e são de fontes oficiais. (7) As cifras para o mês de fevereiro estão sujeitas a emendas.

CARTA N.º 304

29 DE MARÇO, 1943

Continuam boas as importações de café : Na semana terminada a 13 do corrente deram entrada no país 398.915 sacas, perfazendo o total de 5.735.244 sacas, aplicaveis à presente quota equivalente a uma porcentagem de 20,5 em comparação com a de 44,9 correspondente ao período já decorrido. Os paises maiores contribuintes na referida semana foram, em sua origem, os seguintes :

Brasil	107.264	sacas
El Salvador	81.749	„
Haití	81.748	„
Colômbia	23.919	„
México	20.114	„
Guatemala	20.206	„

A República de Haití foi o primeiro país a completar sua quota básica.

Estoques de café verde no país : Em nossa carta semanal N.º 302 de 15 do corrente demos uma retificação feita pelo Bureau do Censo sobre este tópico, porem, notámos no boletim de 24 de Março da Junta Inter-Americana do Café que as mesmas cifras foram novamente retificadas, como segue : estoques em dezembro 31 de 1942, 1.492.812 em vez de 1.476.241 ; e estoques em janeiro 31 de 1943, 1.327.075 em vez de 1.203.768. Todas estas cifras se referem a sacas de 60 quilos e não incluem os estoques pertencentes às forças armadas.

Estoques dos torradores : Todos dão como definitivo que estes serão regulados de tal forma a permitir desafogo sensivel em suas operações mas como o texto oficial ainda não foi publicado, daremos os detalhes na próxima semana.

Cafés sazonados (aged coffees) : A questão de ágio para tais cafés continua pendente em Washington, crê-se porém, que será solucionada muito breve e que a lista desses cafés será assaz limitada.

Margens de lucro nas importações de café verde : Este tópico tem sido muito ventilado ultimamente e, qualquer decisão a respeito trará naturalmente repercusões nos paises produtores. Como já informámos, ele faz parte da agenda da próxima reunião em Washington dos proceres da indústria do café e a solução deste assunto é aguardada com vivo interesse.

Exportadores do Brasil e Colômbia : Na semana terminada a 20 do corrente montaram respectivamente a 100.000 (95.000) e 86.444 sacas (80.635), sendo que as cifras em parêntesis representam a parte exportada para os EE.UU.

Atuação dos mercados disponiveis : No de Santos o preço do tipo 4 mole foi modificado no dia 22 do corrente para Cr.$ 42,20 depois de ter permanecido por longo tempo a Cr.$ 42,40. O tipo 4 duro e o tipo 5 "rioy" continuam inalteraveis, ou, Cr.$ 41,20 e Cr.$ 37,00 respectivamente. No mercado do Rio o preço do tipo 7 continua melhorando, e no dia 26 era cotado a Cr.$ 28,50. No mercado de Nova York o ambiente é de maior animação sem duvida ao aumento das importações verificadas ; continuando os preços nas bases máximas estabelecidas.

Estoques no interior de São Paulo : Segundo telegrama recebido pela Bolsa de Café de Nova York os estoques de café nos armazens e estações de estradas de ferro no Estado de São Paulo, assim como os despachos no interior daquele estado, eram os seguintes :

ESTOQUES NOS ARMAZENS DO INTERIOR E ESTAÇÕES

	FEVEREIRO 28, 1943	FEVEREIRO 28, 1942	FEVEREIRO 28, 1941
1939/40	—	10.000	1.595.000
1940/41	—	531.000	2.961.000
1941/42	2.314.000	4.474.000	—
1942/43	5.525.000	—	—
Total	**7.839.000**	**5.015.000**	**4.556.000**

DESPACHOS NO INTERIOR EM DEZEMBRO, JANEIRO E FEVEREIRO DESTINADOS A

SANTOS	5.753.000
Rio	266.000
Angra dos Reis	24.000
DNC. Quota	636.000
Total	**6.679.000**

Estoques nos paises produtores : A Junta Inter-Americana do Café em seu boletim do dia 24 do corrente, informa que esses estoques, em sacas de 60 quilos e prontas para embarque eram os seguintes :

PAISES	EM : 1943	NOS PORTOS	NO INTERIOR	TOTAL
Brasil	Março 10	2.670.000	—	—
Colômbia	Março 15	611.243	—	—
El Salvador	Março 13	258.856	237.449	496.305
Guatemala	Fev.º 27	25.006	436.197	461.203
Haití	Março 6	130.100	40.700	170.800
Nicarágua	Março 6	35.044	97.834	132.878

SUPRIMENTO VISIVEL DE CAFÉ NOS ESTADOS UNIDOS (1)

(POR PAISES DE ORIGEM E PORTOS DOS ESTADOS UNIDOS)

CAFÉS DO BRASIL:	SEMANA TERMINADA EM: MARÇO 19, 1943	MARÇO 12, 1943	MARÇO 21, 1942
EM ESTOQUE:			
Nova York	158.573	(9) 196.573	(9) 407.104
Nova Orleans	(3) 82.427	(9) 82.427	65.896
S. Francisco	(10) —	(3) 27	6.375
Total	**241.000**	**279.027**	**479.375**
EM VIAGEM PARA TODOS OS PORTOS DOS EE. UU.	(4) 844.000	(4) 810.000	(4) 743.000
Total cafés do Brasil	**1.085.000**	**1.089.027**	**1.222.375**
OUTROS CAFÉS (EXCLUINDO OS DO BRASIL)			
EM ESTOQUE:			
COLÔMBIA — Nova York	21.807	21.435	(8) 172.465
COLÔMBIA — Nova Orleans	(3) 62.191	(9) 62.191	2.555
COLÔMBIA — S. Francisco	(10) —	(3) 26	443
Total cafés colombianos	**83.998**	**83.652**	**175.463**
OUTROS — Nova York	(5) 53.639	(6) 56.282	(7) 345.476
OUTROS — Nova Orleans	(3) 56.715	(9) 56.715	12.329
OUTROS — S. Francisco	(10) —	(3) 953	4.914
Total outros cafés	**111.354**	**113.950**	**362.719**
TOTAL DE TODOS OS CAFÉS (EXCLUINDO OS DO BRASIL)	195.352	197.602	538.182
Total geral	**1.280.352**	**1.286.629**	**1.760.557**
RESUMO			
NOVA YORK:			
Brasil, em estoque	158.573	(9) 196.573	(9) 407.104
Colômbia	21.807	21.435	(8) 172.465
Outros	(5) 54.639	(6) 56.282	(7) 345.476
Total de Nova York	**235.019**	**274.290**	**925.045**
NOVA ORLEANS:			
Brasil, em estoque	(3) 82.427	(9) 82.427	65 896
Colômbia	(3) 62.191	(9) 62.191	2.555
Outros	(3) 56.715	(9) 56.715	12.329
Total de Nova Orleans	**201.333**	**201.333**	**80.780**
S. FRANCISCO:			
Brasil, em estoque	(10) —	(3) 27	6.375
Colômbia	(10) —	(3) 26	443
Outros	(10) —	953	4.914
Total de São Francisco	—	**1.006**	**11.732**
TOTAL DE TODOS OS PORTOS	436.352	476.629	1.017.557
TOTAL EM VIAGEM DO BRASIL	(4) 844.000	(4) 810.000	(4) 743.000
Total geral	**1.280.352**	**2.286.629**	**1.760.557**

NOTA: (1) Cifras da Bolsa de Café e Açucar de Nova York. Brasil: sacas de 60 quilos Outros paises: pesos originais. (3) Iguais aos da semana anterior. (4) Sujeito a correções. (5) a 8 Incluidos cafés em Armazens Gerais, como segue: (5) 29.260 sacas; (6) 30.649 sacas: (7) 117.832 sacas; (8) 12.213 sacas, e, 6.967 sacas da zona livre de comércio. (9) Cifras corrigidas. (10) Cifras desconhecidas.

ENTRADAS, EXPORTAÇÕES E ESTOQUES DE CAFÉS DO BRASIL

(QUANTIDADE EM MIL SACAS)

ENTRADAS	SANTOS	RIO	VITÓRIA	BAÍA	PARANAGUÁ	PERNAMBUCO	ANGRA DOS REIS	TOTAL
Semana de 19/3/43	91	56	—	—	4	1	9	161
Semana de 12/3/43	78	59	—	—	5	1	6	149
Semana de 21/3/42	96	46	20	9	12	1	6	190
Desde Julho 1.º 1942/1943	2.718	1.460	192	59	34	83	77	4.623
Desde Julho 1.º 1941/1942	4.117	1.195	570	252	289	174	276	6.873
EXPORTAÇÕES: (2)								
Semana de 19/3/43	98	—	—	1	1	—	—	100
Semana de 12/3/43	94	—	—	1	—	2	—	97
Semana de 21/3/42	—	8	7	12	2	1	—	30
ESTOQUES:								
Semana de 19/3/43	1.367	555	162	35	57	40	34	2.250
Semana de 12/3/43	1.374	499	162	36	54	40	25	2.190
Semana de 21/3/42	1.674	360	181	16	164	38	64	2.497

EXPORTAÇÕES POR PAÍS DE DESTINO

(EM MIL SACAS)

	EST. UNIDOS	EUROPA	OUTROS (2)	TOTAL
Semana de 19/3/43	95	2	3	100
Semana de 12/3/43	75	18	4	97
Semana de 21/3/43	2	—	28	30

NOTA: (2) Incluida a cabotagem.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ PARA CONSUMO NOS ESTADOS UNIDOS

ANO CIVIL DE 1942 (x) COMPARADO COM O DE 1941

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

PAISES DE ORIGEM	(x) 1942	1941	PORCENTAGEM SOBRE O TOTAL DAS IMPORTAÇÕES		AUMENTO OU DECRÉSCIMO SOBRE 1941	
			(x) 1942	1941	QUANTIDADES	PORCENTAGEM
PAISES SIGNATÁRIOS:						
Brasil	5.654.967	9.930.970	43,1	58,3	— 4.276.003	— 43,1
Colômbia	3.906.390	3.054.616	29,8	17,9	+ 851.774	+ 27,9
Costa Rica	177.940	279.637	1,4	1,6	— 101.697	— 36,4
Cuba	84.562	77.071	0,6	0,5	+ 7.491	+ 9,7
República Dominicana	120.657	181.288	0,9	1,1	— 60.631	— 33,4
El Salvador	702.716	540.110	5,4	3,2	+ 162.606	+ 30,1
México	354.737	451.812	2,7	2,6	— 97.075	— 21,5
Venezuela	470.035	523.845	3,6	3,1	— 33.810	— 10,3
Total dos paises signatários	**11.472.004**	**15.039.349**	**87,5**	**88,3**	**— 3.567.345**	**— 23,7**
OUTROS PAISES SIGNATÁRIOS:						
Equador	74.539	193.274	0,6	1,1	— 118.735	— 61,4
Guatemala	625.503	614.729	4,8	3,6	+ 10.774	+ 1,8
Haití	268.550	421.915	2,0	2,5	— 153.365	— 36,3
Honduras	34.112	20.577	0,3	0,1	+ 13.535	+ 65,8
Nicarágua	240.215	178.225	1,8	1,1	+ 61.990	+ 34,8
Perú	5.572	37.531	...	0,2	— 31.959	— 85,2
Total outros paises signatários	**1.248.491**	**1.466.251**	**9,5**	**8,6**	**— 217.760**	**— 14,9**
Total todos os paises signatários	**12.720.495**	**16.505.600**	**97,0**	**96,9**	**— 3.785.105**	**— 22,9**
TOTAL PAISES NÃO SIGNATÁRIOS	391.327	531.805	3,0	3,1	— 140.478	— 23,4
Total de todos os paises	**13.111.822**	**17.037.405**	**100,0**	**100,0**	**— 3.925.583**	**— 23,0**
IMPORTAÇÕES DE CAFÉ DAS PRINCIPAIS ORIGENS					— 4.276.003	
Brasil	5.654.967	9.930.970	43,1	58,3	+ 490.898	— 43,1
Todos os outros paises signatários	7.065.528	6.574.630	53,9	38,6	— 140.478	+ 7,5
Total paises não signatários	391.327	531.805	3,0	3,1		— 26,4
Total de todos os paises	**13.111.822**	**17.037.405**	**100,0**	**100,0**	**— 3.925.583**	**— 23,0**

NOTA: (x) Tomamos por base as atuais importações de 1.º de janeiro a 30 de setembro de 1942 e as cifras preliminares das atuais importações de 1.º de outubro a 31 de dezembro de 1942.

Dados fornecidos pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ AUTORIZADAS NOS ESTADOS UNIDOS SOB O REGIME DO CONVÊNIO DE QUOTAS

(DE 1.º DE OUTUBRO, 1942 A 13 DE MARÇO DE 1943)

PAISES SIGNATÁRIOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	AUTORISADO A ENTRAR (2)			RESTANTE DA QUOTA A SER IMPORTADA	% DA QUOTA AUTORIZADA A ENTRAR (3)
		DE OUT.º 1/42 ATÉ A DATA ABAIXO	SEMANA TERMINADA EM 13 DE MARÇO	TOTAL DE 1.º DE OUT.º A 13 DE MARÇO		
Brasil	16.422.932	3/13/43	107.264	1.993.593	14.429.339	12,1
Colômbia	5.562.916	"	23.919	1.829.544	3.733.372	32,9
Costa Rica	353.186	"	14.942	91.296	261.890	25,8
Cuba	141.314	"	...	63.266	78.048	44,8
República Dominicana	194.691	"	338	71.924	122.767	36,9
Equador	264.910	"	— (x) 9	93.369	171.541	35,2
El Salvador	1.064.264	"	81.749	322.598	741.666	30,3
Guatemala	944.832	"	20.206	277.737	667.095	29,4
Haití	485.622	"	81.748	351.224	134.398	72,3
Honduras	32.345	"	794	10.168	22.177	31,4
México	841.367	"	20.114	195.231	646.136	23,2
Nicarágua	346.388	"	17.116	40.119	306.269	11,6
Perú	44.147	"	17.116	1	44.146	...
Venezuela	680.558	"	12.791	221.889	458.669	32,6
Total dos paises signatários	27.379.472	"	380.981	5.561.959	21.817.513	20,3
Paises não signatários	574.322	"	17.934	173.285	401.037	30,2
Total geral	27.953.794	"	398.915	5.735.244	22.218.550	20,5

NOTA : Revisão efetuada sobre as cifras para as autorizações das semanas anteriores ; ver quadro n.º 396.

(1) De acordo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, autorizada em 5 de março de 1943.

(2) Cifras obtidas na Repartição Alfandegária do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos.

(3) A porcentagem normal da quota para 164 dias seria de 44,9%.

REGISTO DE VENDAS DE CAFÉ E EXPORTAÇÕES DOS PAISES SIGNATÁRIOS SOB O CONVÊNIO DAS QUOTAS

(SACAS DE 60 QUILOS OU 132.276 LIBRAS)

MERCADO DOS ESTADOS UNIDOS	QUOTA REAJUSTADA PARA 1942/43 (1)	VENDAS REGISTADAS DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (5)	% DA QUOTA REGISTADA	EXPORTAÇÕES DE 1.º DE OUTUBRO DE 1942 A: (6)	% DAS EXPORTAÇÕES SOBRE OS REGISTOS
Brasil	16.422.932			Fev.º 28/43– 2.202.577 (7)	
Colômbia	5.562.916			Mar. 13,43– 1.812.723	
Costa Rica	353.186	Mar. 10/43– 140.243	39,7	Mar. 10/43– 110.192 (5)	78,6
Cuba	141.314			Nov. 30/42– 38.683	
República Dominicana	194.691			Mar. 10/43– 101.000 (5)	
Equador	264.910			Fev.º 27/43– 43.545 (5)	
El Salvador	1.064.264	Mar. 13/43– 624.948	58,7	Mar. 13/43– 392.853 (5)	62,9
Guatemala	944.832	Mar. 13/43– 513.869	54,4	Mar. 13/43– 325.258 (5)	63,3
Haití	485.622	Mar. 6/43– 270.938	55,8	Mar. 6/43– 289.188 (5)	
Honduras	32.345			Dez. 31/42– 4.724	
México	841.367				
Nicarágua	346.388	Mar. 6/43– 93.510	27,0	Mar. 6/43– 42.667 (5)	45,6
Perú	44.147				
Venezuela	680.558	Mar. 12/43– 397.804	58,5	Mar. 12/43– 299.190 (5)	75,2
MERCADO EXTERIOR DOS ESTADOS UNIDOS					
Brasil	7.813.000			Fev.º 28/43– 615.584 (7)	
Colômbia	1.079.000			Mar. 13/43– 17.474	
Costa Rica	242.000	Mar. 10/43– 46.474	19,2	Mar. 10/43– 12.476 (5)	26,8
Cuba	62.000			Nov. 30/42– 55	
República Dominicana	138.000			Fev.º 28/43– 3.970 (5)	
Equador	89.000			Nov. 30/42– 1.775	
El Salvador	527.000	Mar. 13/43– 11.176	2,1	Mar. 13/43– 10.842 (5)	97,0
Guatemala	312.000	Mar. 13/43– 7.961	2,6	Mar. 13/43– 117.405 (5)	
Haití	327.000	Mar. 6/43– 17.455	5,3	Mar. 6/43– 1.377 (5)	7,9
Honduras	21.000			Dez. 31/42– —	
México	239.000				
Nicarágua	114.000	Mar. 6/43– —		Mar. 6/43– — (5)	
Perú	43.000				
Venezuela	606.000	Mar. 12/43– 10.086	1,7	Mar. 12/43– 8.568 (5)	84,9

NOTA: De acordo com a resolução da Junta Inter-Americana do Café, autorisada em março 5, 1943. (5) Cifras da Junta Inter-Americana do Café. (6) As cifras obtidas por este escritório são de fonte oficial e colhidas nos paises de origem. (7) As cifras do mês de Fevereiro estão sujeitas a retificação.

Estatística

COMUNICAMOS AOS NOSSOS LEITORES QUE POR MOTIVOS DE ORDEM SUPERIOR SOMOS FORÇADOS A SUSPENDER, ATÉ ULTERIOR RESOLUÇÃO, A PUBLICIDADE DE CIFRAS RELATIVAS AO MOVIMENTO DE CAFÉS NOS PORTOS DE RIO DE JANEIRO, VITÓRIA E BAÍA.

Café Paulista recebido a despacho com destino a Santos

Safra 1942/43

ESTRADAS	ATÉ 28 DE FEVEREIRO			1.ª QUINZ. DE MARÇO			2.ª QUINZ. DE MARÇO			TOTAL		
	EQUILÍBR. D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL	EQUILÍBR. D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL	EQUILÍBR. D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL	EQUILÍBR. D.N.C.	QUOTAS DE MERCADO	TOTAL GERAL
S. Paulo Railway	6.427	777.831	784.258	235	14.485	14.720	225	39.410	39.635	6.887	831.726	838.613
E. F. Sorocabana	96.885	785.960	882.845	10.217	50.770	60.987	10.990	59.554	70.544	118.092	896.284	1.014.376
Cia. Paulista	84.524	1.384.082	1.468.606	5.188	77.769	82.957	5.184	86.285	91.469	94.896	1.548.136	1.643.032
Cia. Mogiana	33.186	621.752	654.938	3.513	51.013	54.526	3.895	64.266	68.161	40.594	737.031	777.625
E. F. Araraquara	31.819	891.143	922.962	1.862	51.452	53.314	3.067	59.466	62.533	36.748	1.002.061	1.038.809
E. F. Dourado	11.766	132.971	144.737	1.479	16.127	17.606	1.153	8.868	10.021	14.398	157.966	172.364
E. F. S. Paulo Goiás	15.718	217.668	233.386	661	7.058	7.719	230	2.560	2.790	16.609	227.286	243.895
Cia. M. Monte Alto	1.344	11.739	13.083	120	496	616	206	90	296	1.670	12.325	13.995
E. F. Noroeste do Brasil	129.178	934.608	1.063.786	5.888	31.463	37.351	9.719	45.553	55.272	144.785	1.011.624	1.156.409
E. F. Itatibense	132	1.184	1.316	—	—	—	—	—	—	132	1.184	1.316
Cia. Campineira	43	914	957	—	—	—	29	261	290	72	1.175	1.247
E. F. S. Paulo e Minas	239	25.251	25.490	—	599	599	—	—	—	239	25.850	26.089
E. F. Jaboticabal	—	2.097	2.097	—	—	—	—	—	—	—	2.097	2.097
E. F. Barra Bonita	160	1.195	1.355	—	—	—	—	—	—	160	1.195	1.355
E. F. Morro Agudo	—	7.030	7.030	—	4.810	4.810	—	4.730	4.730	—	16.570	16.570
E. F. Central do Brasil	30	270	300	—	—	—	—	—	—	30	270	300
TOTAL	411.451	5.795.695	6.207.146	29.163	306.042	335.205	34.698	371.043	405.741	475.312	6.472.780	6.948.092

NOTA: — Alem dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fora de Série, 102.759 scs. de 1.º de julho a 30 de novembro de 1942. De 1.º de junho a 30 de novembro de 1942 foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Res. 467).

Café Paulista recebido a despacho com destino ao Rio de Janeiro

SAFRA 1942/43

ESTRADA	QUOTAS DE MERCADO				TOTAL GERAL
	ATÉ 28 DE FEVEREIRO	1.ª QUINZENA DE MARÇO	2.ª QUINZENA DE MARÇO	TOTAL	
São Paulo Railway	1.804	1.440	1.516	2.956	4.760
E. E. Sorocabana	6.845	2.300	900	3.200	10.045
Cia. Paulista	44.956	3.370	6.261	9.631	54.587
Cia. Mogiana	70.883	1.926	6.300	8.226	79.109
E. F. Araraquara	34.690	630	4.177	4.807	39.497
E. F. Dourado	1.995	—	1.314	1.314	3.309
E. F. S. Paulo Goiaz	29.026	1.874	1.125	2.999	32.025
E. F. Noroeste do Brasil .	5.850	2.557	1.275	3.832	9.682
E. F. Morro Agudo	—	—	1.720	1.720	1.720
E. F. Central do Brasil ..	72.369	4.768	533	5.301	77.670
Total.......	268.418	18.865	25.121	43.986	312.404

NOTA: Alem dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fora de Série" 4.685 sacas de 1.º de julho a 30 de novembro.

Café Paulista recebido a despacho com destino a Angra dos Reis

SAFRA 1942/43

ESTRADA	QUOTAS DE MERCADO				TOTAL GERAL
	ATÉ 28 DE FEVEREIRO	1.ª QUINZENA DE MARÇO	2.ª QUINZENA DE MARÇO	TOTAL	
Cia. Paulista	4.021	—	—	—	4.021
Cia. Mogiana	19.640	—	—	—	19.640
Total.......	23.661	—	—	—	23.661

NOTA: Do mês de julho a 30 de novembro foram despachadas 923 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Res. 467)

Movimento da Safra 1941/42

Destino Santos — Sacas de 60 quilos

(ATÉ 31 DE MARÇO DE 1943)

SÉRIES	DESPACHADAS	CONVERTIDAS	DIRETA ESPECIAL	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
1-D-41	77.198	—	102.355	179.553	179.553	—	—
2-D-41	96.329	—	576.365	672.694	672.694	—	—
3-D-41	65.657	—	434.635	500.292	500.292	—	—
4-D-41	77.854	—	237.036	314.890	314.743	—	147
5-D-41	56.730	—	128.867	185.597	78.236	—	107.361
6-D-41	69.012	—	102.088	171.100	—	—	171.100
7-D-41	39.610	—	37.568	77.178	—	—	77.178
8-D-41	50.041	—	34.060	84.101	—	399	83.702
9-D-41	41.199	—	69.396	110.595	—	309	110.286
10-D-41	46.890	—	52.964	99.854	—	420	99.434
11-D-41	17.211	—	4.341	21.552	—	—	21.552
12-D-41	21.451	—	21.540	42.991	—	—	42.991
13-D-41	13.350	—	14.786	28.136	—	182	27.954
14-D-41	12.652	—	3.128	15.780	—	—	15.780
15-D-41	8.725	—	14.653	23.378	—	—	25.378
16-D-41	22.397	—	11.091	33.488	—	—	33.488
Total	**716.306**	—	**1.844.873**	**2.561.179**	**1.745.518**	**1.310**	**814.351**
16-R-41	89.800	5.474	—	95.274	—	—	95.274
15-R-41	111.963	5.062	—	117.025	—	—	117.025
14-R-41	76.261	1.228	—	77.489	—	—	77.489
13-R-41	90.246	3.059	—	93.305	—	—	93.305
12-R-41	65.711	647	—	66.358	—	—	66.358
11-R-41	79.682	1.618	—	81.300	55	—	81.245
10-R-41	45.790	2.039	—	47.829	—	—	47.829
9-R-41	57.768	860	—	58.628	—	460	58.168
8-R-41	47.725	1.009	—	48.734	—	358	48.376
7-R-41	54.331	443	—	54.774	—	140	54.634
6-R-41	19.909	301	—	20.210	—	—	20.210
5-R-41	24.776	887	—	25.663	—	—	25.663
4-R-41	15.440	1.492	—	16.932	—	212	16.720
3-R-41	14.622	99	—	14.721	—	—	14.721
2-R-41	10.079	340	—	10.419	—	—	10.419
1-R-41	25.418	39	—	25.457	—	—	25.457
Total	**829.521**	**24.597**	—	**854.118**	**55**	**1.170**	**852.893**
Preferencial 41	2.369.467	253.126	—	2.622.593	2.156.640	1.740	464.213
Pref. Esp.	40.447	—	—	40.447	39.572	—	875
Despolpado ..	39.533	—	—	39.533	39.533	—	—
Total	**3.995.274**	**277.723**	**1.844.873**	**6.117.870**	**3.981.318**	**4.220**	**2.132.332**

Movimento da Safra 1942/43

Destino Santos — Sacas de 60 quilos

(ATÉ 31 DE MARÇO DE 1943)

SÉRIES	DESPACHADAS	CONVERTIDAS	TOTAL	LIBERADAS	A LIBERAR
1 - D - 42	114.626	—	114.626	113.576	1.050
2 - D - 42	1.568.742	—	1.568.742	253.271	1.315.471
3 - D - 42	633.088	—	633.088	—	633.088
4 - D - 42	404.219	—	404.219	—	440.219
5 - D - 42	258.909	—	258.909	—	258.909
6 - D - 42	180.510	—	180.310	—	180.310
7 - D - 42	163.439	—	163.439	—	163.439
8 - D - 42	192.280	—	192.280	—	192.280
Total	**3.515.613**	—	**3.515.613**	**366.847**	**3.148.766**
10 - R - 42	91.701	2.829	94.530	—	94.530
9 - R - 42	1.254.998	15.522	1.270.520	—	1.270.520
8 - R - 42	506.472	2.728	509.200	—	509.200
7 - R - 42	323.366	1.010	524.376	—	324.376
6 - R - 42	207.130	1.064	208.194	—	208.194
5 - R - 42	144.247	118	144.365	—	144.365
4 - R - 42	130.731	81	130.812	—	130.812
3 - R - 42	153.808	—	153.808	—	153.808
Total	**2.812.453**	**23.352**	**2.835.805**	—	**2.835.805**
Preferencial Despolpado	38.189	—	38.189	35.209	2.980
Total geral	**6.366.255**	**23.352**	**6.389.607**	**402.056**	**5.987.551**

Nota: Do mês de junho a 30 de novembro foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Resolução 467).

ARMAZENS RECEBEDORES

SAFRA 1942/43

ARMAZENS	ATÉ 28 DE FEVEREIRO	1.ª QUINZENA DE MARÇO	2.ª QUINZENA DE MARÇO	TOTAL
Baurú — 2	5.073	274	315	5.662
Biriguí	15.579	658	779	17.016
Catanduva	18.297	1.395	2.349	22.041
Chavantes — 2	9.534	737	1.117	11.388
Garça — 1	15.935	1.311	1.863	19.109
Garça — 3	19.811	—	43	19.854
Guarantan — 1	7.048	141	297	7.486
Guarantan — 2	7.004	—	—	7.004
Ipiranga — 3	2.350	—	280	2.630
Itápolis	4.667	400	46	5.113
Jaú — 2	16.213	2.162	1.553	19.928
Marília	12.790	226	164	13.180
Mirassol	20.029	463	692	21.184
Olímpia — 1	11.389	26	21	11.436
Presidente Prudente	9.606	246	98	9.950
Promissão — 1	14.999	264	354	15.617
Rio Preto — 1	20.078	962	1.103	22.143
Vera Cruz	14.301	390	998	15.689
Totais	224.703	9.655	12.072	246.430

Resumo do Café entrado em Santos

MARÇO DE 1943

SAFRA	TOTAL DE JULHO A FEVEREIRO	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL DO MÊS	TOTAL GERAL
1938/39	150	—	—	—	—	—	150
1939/40	3.855	—	—	—	—	—	3.855
1940/41	182.698	—	21.752	—	4.648	26.400	209.098
1941/42	2.071.929	182.185	17.441	—	4.511	204.137	2.276.066
1942/43	279.910	199.834	—	3.222	2.095	205.151	485.061
Total....	2.538.542	382.019	39.193	3.222	11.254	435.688	2.974.230
Mesmo período ano anterior	3.805.301	281.467	26.879	3.193	5.763	317.302	4.122.603

Café Paulista entrado em Santos

Safra por Estrada de procedência

MARÇO DE 1943

ESTRADA DE FERRO	1941/42	1942/43	TOTAL
São Paulo Railway	24.254	38.391	62.645
Sorocabana	13.949	28.246	42.195
Paulista	49.982	42.248	92.230
Mogiana	23.599	9.647	33.246
Araraquara	28.184	7.682	35.866
Dourado	3.493	3.180	6.673
São Paulo-Goiaz	14.097	4.476	18.573
Monte Alto	—	500	500
Noroeste do Brasil	23.911	64.964	88.875
São Paulo e Minas	716	500	1.216
Total	182.185	199.834	382.019

CAFE' PAULISTA (Preferencial) ENTRADO EM SANTOS

MARÇO DE 1943

MÊS DE DESPACHO POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

ESTRADAS DE FERRO	SETEMBRO 1941	OUTUBRO 1941	NOVEMBRO 1941	DEZEMBRO 1941	JANEIRO 1943	FEVEREIRO 1943	MARÇO 1943	TOTAL
PREFERENCIAL — SAFRA 1941/42								
São Paulo Railway	—	193	1.945	4.908	—	—	—	7.046
Paulista	—	235	24.959	2.213	—	—	—	27.407
Mogiana	36	510	21.010	910	—	—	—	22.466
Araraquara	—	—	14.195	—	—	—	—	14.195
Dourado	—	—	482	—	—	—	—	482
São Paulo-Goiaz	350	—	10.144	1.390	—	—	—	11.884
Noroeste do Brasil	—	—	2.353	233	—	—	—	2.586
São Paulo e Minas	—	—	—	716	—	—	—	716
Total	386	938	75.088	10.370	—	—	—	86.782
PREFERENCIAL — SAFRA 1941/42								
São Paulo Railway	—	—	—	259	—	—	—	259
Total	—	—	—	259	—	—	—	259
PREF. DESPOLPADO — SAFRA 1942/43 (Res. 467)								
São Paulo Railway	—	—	—	—	8	295	—	303
Sorocabana	—	—	—	—	39	129	—	168
Mogiana	—	—	—	—	—	787	416	1.203
Total	—	—	—	—	47	1.211	416	1.674
Total geral	386	938	75.088	10.629	47	1.211	416	88.715

MOVIMENTO DE CAFE'

MESES	ENTRADAS							DES
	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL	PARA O DNC.	TOTAL GERAL	
Julho	155.401	19.477	1.324	9.920	186.122	—	186.122	3
Agosto	141.535	12.280	1.195	3.756	158.766	7.740	166.506	1
Setembro	473.139	35.920	2.528	14.084	525.671	24.817	550.488	3
Outubro	461.648	66.120	2.132	11.123	541.023	10.182	551.205	4
Novembro	258.343	14.784	—	12.119	285.246	—	285.246	1
Dezembro	224.355	12.178	—	11.385	247.918	—	247.918	2
Janeiro	207.044	34.442	—	10.283	251.769	—	251.769	1
Fevereiro	253.288	22.452	11.379	12.169	299.288	—	299.288	5
Março	375.723	39.193	3.222	11.254	429.392	—	429.393	3
Total	**2.550.476**	**256.846**	**21.780**	**96.093**	**2.925.195**	**42.739**	**2.967.934**	**2.7**

M SANTOS - SAFRA 1942/43

HOS	EMBARQUES	Revertido ao estoque pelo DNC.	De troca retirado do estoque pelo DNC.	De troca revertido ao estoque pelo DNC.	Retirado do estoque pelo DNC.	Retirado do estoque pelo DNC. Serviço de propaganda	De troca para o D. N. C.	EXISTÊNCIA
776	294.775	30.640	10.034	—	—	—	—	1.137.748
128	123.897	4.365	5.207	—	—	—	—	1.179.515
069	383.661	18.368	1.545	3.201	—	—	—	1.366.366
112	513.579	29.363	500	13.142	8.296	42.739	—	1.394.962
176	136.447	784	—	—	4.171	—	—	1.540.374
415	202.696	8.445	—	—	4.270	—	—	1.589.771
246	262.667	12.700	—	—	6.835	—	—	1.584.738
888	568.126	9.557	—	600	14.404	—	—	1.311.653
388	321.932	10.528	—	—	16.983	—	6.296	1.418.954
198	2.807.780	124.750	17.286	16.943	54.959	42.739	6.296	—

Café embarcado pelo porto de Santos

POR EXPORTADORES — **Safra 1942/43**

EXPORTADORES	JULHO A FEVEREIRO	MARÇO	TOTAL DA SAFRA
A. Sion & Cia.	755	—	755
Almeida Prado & Cia.	157.999	12.236	170.235
Alves Ribeiro & Cia. Ltda.	16.105	1.995	18.100
American Coffee Corporation	334.453	51.000	385.453
B. Gonçalves & Cia.	29.699	550	30.249
Barros Camargo & Cia.	5.425	1.250	6.675
Barros, Melo & Cia.	9.358	2.500	11.858
Cooperativa Central Café Paulista	5.550	850	6.400
Caio Guimarães & Cia.	37.427	5.750	43.177
Camargo Pacheco & Cia.	6.000	—	6.000
Cia. Brasileira de Café	40.236	3.500	43.736
Cia. Leme Ferreira Exportação	70.516	3.250	73.766
Soc. Paulista de Exportação Ltda.	104.782	6.405	111.187
Cia. Prado Chaves-Exportação	63.903	6.093	69.996
Casa Export. Naumann Gepp Ltda.	139.154	15.034	154.188
E. Johnston & Cia. Ltda.	100.289	12.617	112.906
Exportadora Café Brasil	6.292	2.000	8.292
Ferreira da Silva & Cia.	13.450	2.200	15.650
Franco Soares & Cia.	6.620	500	7.120
G. Fernandes & Cia.	11.220	875	12.095
Gabriel de Paula & Cia.	12.364	500	12.864
H. La Domus & Cia. Ltda.	238.216	65.335	303.551
Hard Rand & Cia.	164.326	20.095	184.421
Hermann Gaik & Cia.	9.925	1.000	10.925
J. G. Martins & Cia. Ltda.	13.152	—	13.152
Junqueira Meireles & Cia.	50.000	4.500	54.500
Lima Nogueira & Cia.	68.719	3.474	72.193
Luiz Ferreira & Cia.	25.550	4.062	29.612
Leite Barreiros & Cia. Ltda.	1.503	250	1.753
Mac. Laughlin & Cia.	1.800	—	1.800
Melão Nogueira & Cia.	37.832	4.500	42.332
M. E. Rowland & Co.	36.910	6.250	43.160
Melo Mourão & Cia.	4.841	1.275	6.116
Naumann Gepp & Cia. Ltda.	18.193	562	18.755
Nioac & Cia. Ltda.	39.625	3.075	42.700
Karnebley Assunção & Cia. Ltda.	12.506	—	12.506
Ramos Silva & Cia.	11.539	995	12.534
Raphael Sampaio	8.800	—	8.800
Ray Dininger & Cia.	160.510	25.040	185.550
Sampaio Bueno & Cia.	65.560	9.630	75.190
S/A Levi Comissária e Exp. de Café	22.307	2.500	24.807

(Continua)

(Continuação)

EXPORTADORES	JULHO A FEVEREIRO	MARÇO	TOTAL DA SAFRA
S/A Marques Ferreira	674	—	674
Soc. Mogiana Exportadora Ltda.	27.079	750	27.829
Soc. Nacional Exportadora Ltda.	36.772	3.000	39.772
Soc. Eduardo Nioac Ltda.	26.267	3.154	29.421
Leon Israel Ag. e Exp. S/A	132.041	19.563	151.604
S/A Rebelo Alves	3.725	1.500	5.225
S/A Francisco Boti	19.890	—	19.890
Silveira Freire & Cia.	250	—	250
Soc. Assunção Ltda.	9.700	1.500	11.200
Vidigal Prado	31.777	7.181	38.958
Cia. Comercial de Café	409	—	409
Cooperativa dos Cafeicultores Paulistas	1.690	—	1.690
Paiva & Cia.	1.000	—	1.000
Coop. Central Bananic Paulista	250	—	250
Gustav Veidel	51	—	51
I. R. F. Matarazzo	2	—	2
J. M. Hafers & Cia. Ltda.	5.348	1.914	7 .262
J. Karnebley & Cia.	330	—	330
Raul Suplicy de Lacerda & Cia.	250	—	250
Thorton & Cia.	3	—	3
Vidal & Cia.	850	—	850
Volkart Irmãos & Cia.	1.653	1.725	3.378
Fed. Paulista das Coop. de Café	200	—	200
A. Prado & Cia.	1.756	—	1.756
Ramos Silva & Cia.	125	—	125
Diversos	2.254	56	2.310
D.N.C.	35	—	35
A. Gaik & Cia.	250	—	250
Camargo Viana & Cia.	250	—	250
Total do Exterior	**2.468.292**	**321.991**	**2.790.283**
CABOTAGEM			
Barros Camargo & Cia.	710	141	851
José Soares & Cia.	226	—	226
Sampaio Bueno & Cia.	1.267	25	1.292
Ciofi Guerra & Cia.	800	—	800
Casa Export. Naumann Gepp & Cia.	1.000	—	1.000
G. C. Silveira & Cia. Ltda.	89	—	89
J. S. Marino	579	—	579
Departamento Nacional do Café	10.030	—	10.030
Superintendência dos Serv. do Café	2.700	—	2.700
Luiz Mecozzi	1	—	1
João de A. Correa	107	—	107
Soc. Nacional Exportadora Ltda.	2	—	2
Ford Motor Company	50	—	50
Diversos	162	—	162
Soc. Com. Exp. Guerra Ltda.	—	100	100
Total da Cabotagem	**17.723**	**266**	**17.989**
Total geral	**2.486.015**	**322.257**	**2.808.272**

Café embarcado pelo Porto de Santos

POR PAISES DE DESTINO

Safra 1942/43

DESTINO	JULHO A JANEIRO	MARÇO	TOTAL DA SAFRA	MESMO PERÍODO SAFRA 1941/42
AMÉRICAS:				
Estados Unidos	2.222.217	293.650	2.515.867	4.334.280
Argentina	59.724	7.649	67.373	42.768
Uruguai	7.300	1.050	8.350	780
Canadá	600	—	600	1.981
Panamá	—	—	—	1.145
Paraguai	540	—	540	—
Chile	1.250	600	1.850	—
Total das Américas	2.291.631	302.949	2.594.580	4.380.954
EUROPA:				
Portugal	8.446	—	8.446	8.678
Suécia	113.566	—	113.566	52.235
Suiça	53.532	18.986	72.518	3.110
Espanha	—	—	—	48.602
Total da Europa	175.544	18.986	194.530	112.625
ÁSIA:				
Japão	—	—	—	132
Total da Ásia	—	—	—	132
ÁFRICA:				
Marrocos	200	—	200	—
Total da África	200	—	200	—
Consumo de bordo	917	56	973	1.449
Total do Exterior	2.468.292	321.991	2.790.283	4.495.160
CABOTAGEM				
Rio Grande do Sul	5.364	266	5.630	15.227
Rio de Janeiro	1.002	—	1.002	15
Pará	11.250	—	11.250	1.700
Ceará	107	—	107	—
Baía	—	—	—	1
Sergipe	—	—	—	12
Alagoas	—	—	—	10
Total da Cabotagem	17.723	266	17.989	16.965
Total geral	2.486.015	322.257	2.808.272	4.512.125

Café Eliminado no Brasil

SACAS DE 60 QUILOS

ANO	QUANTIDADE
1931	2.825.784
1932	9.329.633
1933	13.687.012
1934	8.265.791
1935	1.693.112
1936	3.731.154
1937	17.196.428
1938	8.004.000
1939	3.519.874
1940	2.816.063
1941	3.422.835
1942	2.312.805
1943 (Até 15 de Março	266.086
Total	**77.070.577**

1943

Janeiro	67.581
Fevereiro	121.120
Março (1.ª quinzena)	77.385

Existência de Café nos principais portos do Brasil

SACAS DE 60 QUILOS

Março de 1943

PORTOS	QUANTIDADE
Santos	1.418.954
Rio de Janeiro	416.653
Vitória	131.921
Paranaguá	72.545
Angra dos Reis	47.107
São Salvador	42.648
Recife	25.008
Total	**2.154.836**

Resumo do Café entrado no Rio de Janeiro

Março de 1943

(por estado de procedência)

ESTADO DE PROCEDÊNCIA	DE JULHO A FEVEREIRO	MÊS DE MARÇO	TOTAL
São Paulo	255.453	34.040	289.493
Minas Gerais	600.446	133.671	734.117
Rio de Janeiro	185.123	29.063	214.186
Espírito Santo	239.088	50.971	290.059
Total	1.280.110	247.745	1.527.855

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro

Março de 1943

(SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA)

ESTRADA DE FERRO	1941/42	1942/43	TOTAL
São Paulo Railway	—	650	650
Sorocabana	—	1.320	1.320
Paulista	460	7.458	7.918
Mogiana	—	7.557	7.557
Araraquara	—	2.855	2.855
São Paulo-Goiaz	—	6.747	6.747
Noroeste do Brasil	—	615	615
Central do Brasil	—	6.287	6.287
Total	460	33.489	33.949

Café Paulista (preferencial despolpado) entrado no Rio de Janeiro

Março de 1943

(Mês de despacho por estrada de procedência)

Safra de 1942/43

ESTRADA DE FERRO	FEVEREIRO 1943	TOTAL
São Paulo Railway	650	650
Total	650	650

Café entrado em Santos

MARÇO DE 1943

SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

EST. DE FERRO	MINEIRO			GOIANO	PARANAENSE				
	1940/41	1941/42	TOTAL	1942/43	1940/41	1941/42	1942/43	TOTAL	TOTAL GERAL
Sorocabana	—	—	—	—	850	1.180	630	2.660	2.660
Mogiana	12.397	13.848	26.245	3.222	—	—	—	—	29.467
São Paulo e Minas .	—	635	635	—	—	—	—	—	635
Rêde Min. de Viação	9.355	2.458	11.813	—	—	—	—	—	11.813
Leopoldina Railway.	—	500	500	—	—	—	—	—	500
São Paulo-Paraná ..	—	—	—	—	3.636	3.331	1.465	8.432	8.432
Rêde Viação Paraná Santa Catarina .	—	—	—	—	162	—	—	162	162
Total......	21.752	17.441	39.193	3.222	4.648	4.511	2.095	11.254	53.669

Cotações do Termo em Nova-York

Cents. por Libra (453,6) — Contrato Santos

MARÇO DE 1943

DIAS	FECHAMENTO DO TERMO PARA OS MESES DE:					VENDAS (Sacas)
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	
1 a 31	13.00	13.00	13.00	13.00	13.00	—

Cents. por Libra (453,6) — Novo Contrato "A-Rio"

MARÇO DE 1943

DIAS	FECHAMENTO DO TERMO PARA OS MESES DE:					VENDAS (Sacas)
	MARÇO	MAIO	JULHO	SETEMBRO	DEZEMBRO	
1 a 31	8.85	8.85	8.85	8.85	8.85	—

Cotações do Disponivel

MARÇO DE 1943

DIAS	RIO	VITÓRIA	VENDAS		NOVA YORK Em cents. por libra (453,6 grs.)			
	EM CRUZEIROS				SANTOS		RIO	
	TIPO 7	TIPO 7	SANTOS	RIO	TIPO 4	TIPO 7	TIPO 6	TIPO 7
1	26,20	23,90	20.642	717	13,37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
2	26,20	23,90	21.354	520	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
3	26,50	23,90	10.123	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
4	26,40	23,90	11.796	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
5	26,40	23,90	8.359	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
6	—	23,90	5.725	180	—	—	—	—
7	—	—	—	—	—	—	—	—
8	—	—	—	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
9	—	—	—	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
10	26,40	23,90	2.758	—	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
11	26,40	23,90	9.913	222	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
12	26,40	23,90	7.552	1.867	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
13	26,40	23,90	4.499	—	—	—	—	—
14	—	—	—	—	—	—	—	—
15	26,40	24,40	22.400	657	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
16	26,40	24,40	12.817	271	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
17	26,40	24,40	10.816	800	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
18	26,40	24,40	12.741	150	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
19	26,40	24,40	8.985	502	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
20	26,40	24,40	3.922	—	—	—	—	—
21	—	—	—	—	—	—	—	—
22	27,50	24,90	5.677	904	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
23	27,50	24,90	13.517	496	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
24	27,80	25,20	5.855	1.506	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
25	28,00	25,40	5.792	1.551	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
26	28,50	25,50	8.533	3.470	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
27	28,50	25,90	2.934	1.258	—	—	—	—
28	—	—	—	—	—	—	—	—
29	28,50	25,90	4.757	1.069	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
30	28,50	25,90	8.333	2.081	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
31	28,50	25,40	13.775	2.274	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5
Média	27,04	24,56	243.575	20.495	13.37,5	12.62,5	9.50	9.37,5

NOTA : — Santos — Cotação nominal
„ — Associação Comercial
Rio — Centro do Comércio de Café
Vitória — Panameuro.

Média Diária de Câmbio Livre e Oficial, afixada pela Bolsa Oficial de São Paulo

MÊS DE MARÇO DE 1943

DIAS	INGLATERRA		PORTUGAL	ESTADOS UNIDOS		SUIÇA	ARGENTINA	URUGUAI	CHILE	CANADÁ
	LIVRE	OFICIAL		LIVRE	OFICIAL					
1	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80 1/8	19,64 1/8	—	—	4,66 7/16	10,45	0,63 3/8	—
2	79,58 9/16	—	0,80	19,63 3/8	16,50	—	4,70	—	0,63 3/8	—
3	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80 1/8	19,63 3/16	—	—	4,68	10,47	0,63 3/8	—
4	79,55 3/4	—	0,80 1/4	19,63 9/16	16,50	—	4,68	—	0,63 3/8	—
5	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80 1/2	19,64 7/8	—	—	4,68 1/16	—	0,63 3/8	—
6	79,55 13/16	—	0,80 7/16	19,63 3/16	16,50	—	4,67 3/16	—	0,63 3/8	—
10	—	66,49 1/2	—	19,65 13/16	—	—	—	—	—	—
11	79,58 9/16	—	0,80 5/16	19,63 9/16	16,50	—	4,69 5/16	—	0,63 3/8	—
12	79,58 9/16	—	0,80 1/8	19,63 7/16	—	—	4,66 1/4	10,46	0,63 3/8	17,50
13	79,58 9/16	66,55 13/16	0,80 3/16	19,63 1/4	—	—	4,68	—	0,63 3/8	—
15	79,58 9/16	66,55 13/16	0,80	19,62 1/4	—	—	—	—	0,63 3/8	—
16	79,58 9/16	—	0,80 3/16	19,63 1/2	16,50	—	—	—	0,63 3/8	—
17	79,58 9/16	—	0,80	19,63 3/8	16,50	—	4,66 3/4	10,40	0,63 3/8	—
18	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80 1/16	19,63 1/4	—	—	4,67 1/8	10,45	0,63 3/8	—
19	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80 1/16	19,63 9/16	16,50	—	—	—	0,63 3/8	—
20	79,58 9/16	—	0,80	19,64 5/16	16,50	4,68	4,68 1/16	—	0,63 3/8	—
22	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80	19,63 1/4	—	—	—	—	0,63 3/8	—
23	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80	19,63 5/16	16,50	—	4,70	—	0,63 3/8	—
24	79,58 9/16	66,66 13/16	0,80 1/16	19,63 1/4	16,50	—	4,70 3/16	—	0,63 3/8	—
25	79,58 9/16	—	0,80 5/16	19,62 1/4	16,50	—	4,68 1/2	—	0,63 3/8	—
26	79,58 9/16	—	0,80 5/16	19,62 1/4	16,50	—	4,69 1/2	—	0,63 3/8	—
27	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80 5/16	19,63 1/8	16,40	—	4,69 1/16	—	0,63 3/8	—
29	79,58 9/16	—	0,80 3/8	19,63 1/8	16,50	—	—	—	0,63 3/8	—
30	79,58 9/16	—	0,80	19,63 7/8	—	—	4,73 1/4	10,45	0,63 3/8	—
31	79,58 9/16	66,49 1/2	0,80 1/16	19,63 3/16	16,50	—	4,75	—	0,63 3/8	—
Média	79,58 1/4	66,51	0,80 3/16	19,63 7/16	16,49	4,68	4,68 7/8	10,44 11/16	0,63 3 /83	17,50

Cotações do disponivel em Nova York

CIF. em Cents por Libra = 453,6 grs.

MÊS DE MARÇO 1943

PROCEDÊNCIA	DIAS 5	12	19	26	MÉDIA
Brasil:					
Santos, tipo 4	13.37,5	13.37,5	13.37,5	13.37,5	13.37,5
Rio, tipo 7	9.37,5	9.37,5	9.37,5	9.37,5	9.37,5
Colômbia:					
Medelin	16 1/4	16 1/4	16 1/4	16 1/4	16 1/4
Armênia	16 1/16	16 1/16	16 1/16	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 7/8	15 7/8	15 7/8	15 7/8	15 7/8
Girardot	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Cucuta	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Bogotás (Honda e Girardot)	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5,8	15 5/8
Ocaná	15 1/4	15 1/4	15 1/4	15 1/4	15 1/4
Costa Rica:					
Prime	16.00	16.00	16.00	16.00	16.00
Fine Atlantic	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
Cuba:					
Bom Lavado	14 1/4	14 1/4	14 1/4	14 1/4	14 1/4
S. Domingos:					
Bom Lav.	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4
Lavado Surinam	7 3/4	7 3/4	7 3/4	7 3/4	7 3/4
Natural	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Trinidad	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Equador:					
Lavado	13 1,4	13 1/4	13 1/4	13 1,4	13 1/4
Salvador:					
Lavado, fino	15 3/4	15 3/4	15 3/4	15 3/4	15 3/4
Guatemala:					
Antigua	16 3/4	16 3/4	16 3/4	16 3/4	16 3,4
Bourbon	14 1/8	14 1/8	14 1/8	14 1/8	14 1/8
Lavado Bom	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Extra prime	15 3/4	15 3/4	15 3/4	15 3/4	15 3/4
Maragogipe	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
Haití:					
Lavado	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4	13 3/4
Hawai N.º 1 Extra prime	16 1/2	16 1/2	16 1/2	16 1/2	16 1/2
México:					
Coatepec, lavado	16 1/2	16 1/2	16 1/2	16 1/2	16 1/2
Coatepec, Maragogipe	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2
Tapachula, lavado	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1/2	15 1,2
Nicarágua:					
Lavado	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Venezuela:					
Tachira, lavado	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Tachira, Bom	15 1/8	15 1/8	15 1/8	15 1/8	15 1/8
Ordinário	14 5/8	14 5/8	14 5/8	14 5/8	14 5/8
Maracaibo Lav. Fino	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8	15 5/8
Índias Holandezas:					
Mandheling	25.00	25.00	25.00	25.00	25.00
Java, genuino	19 1/2	19 1/2	19 1/2	19 1/2	19 1/2
Robusta, lavado	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Robusta natural	10 1/2	10 1/2	10 1/2	10 1/2	10 1/2
Abissínia — Harrar Log Berry	17.00	17.00	17.00	17.00	17.00
Moka:					
Natural	18 1/2	18 1/2	18 1/2	18 1/2	18 1/2
África portuguesa:					
Amboin	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Encoje	11.00	11.00	11.00	11.00	11.00
Congo Belga:					
Lavado Robusta	11 1/2	11 1/2	11 1/2	11 1/2	11 1/2
Natural	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4	11 1/4
Honduras — Bom Lavado	15.00	15.00	15.00	15.00	15.00
Jamaica	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2	14 1/2
Jamaica natural A	11 1/2	11 1/2	11 1/2	11 1/2	11 1/2

DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO DO COMÉRCIO E CONSUMO DA SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO

BOLETIM

DO MÊS DE MARÇO DE 1943

ESTABELECIMENTOS VISITADOS

NA CAPITAL	VISITAS
Torrefações	1.552
Moinhos	322
Empórios	963
Depósitos	1
Feiras	10
TOTAL:	2.848

NO INTERIOR E LITORAL	VISITAS
Torrefações	709
Moinhos	363
Empórios	1.075
Depósitos	1
TOTAL:	2.148

CAFÉS VERIFICADOS NOS POSTOS DE FISCALIZAÇÃO	SACAS
Nas Cias. de Armazens Gerais	31.099
Nos Armazens de E. F. (Capital)	15.045
TOTAL:	46.144

CAFÉ CRU APREENDIDO	SACAS
Em Torrefações, Moinhos e Depósitos — Na Capital	—
Idem — No interior e Litoral	5
Em Armazens de E. F. (Capital)	201
Em Cias. de Armazens Gerais	44
TOTAL:	250

CAFÉ TORRADO EM GRÃO APREENDIDO	QUILOS
Na Capital	115,4
No Interior e litoral	62,5
TOTAL:	177,9

CAFÉ MOIDO APREENDIDO	QUILOS
Na Capital	196,75
No Interior e litoral	148,80
TOTAL:	345,55

CAFÉS LIBERADOS	SACAS
Melhorados por rebenef. ou catação	317
Dec. Lei – 51	1.015
TOTAL:	1.332

CAFÉ TORRADO DESPACHADO POR TORREFAÇÕES SOB FISCALIZAÇÃO ESPECIAL	QUILOS
Do interior para a Capital	15.060
Da Capital para o Interior	10.780
Entre diversas comarcas no Interior	12.090
TOTAL:	37.930

CAFÉ MOIDO, IDEM	QUILOS
Do Interior para a Capital	157
Da Capital para o Interior	5.400
Entre diversas comarcas no Interior	42.306
TOTAL:	47.863

CAFÉ CRU INCINERADO	SACAS
Na Capital	—
No Interior e litoral	1
TOTAL:	1

CAFÉ TORRADO EM GRÃO INCINERADO	QUILOS
Na Capital	—
No Interior e litoral	—
TOTAL:	—

CAFÉ MOIDO INCINERADO	QUILOS
Na Capital	—
No Interior e litoral	7,00
TOTAL:	7,00

RESÍDUOS DE CATAÇÃO OU REBENEF. INCINERADOS

Scs. — | Quilos —

Diversos

Boletim da Câmara de Reajustamento Econômico

SESSÃO DE 3 DE MARÇO DE 1943 (Diário Oficial de 4-3-43)

PROCESSO N.º 599.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — José Gomes de Faria — Novo Horizonte — Estado de São Paulo.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 600.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Saturnino Ferreira de Andrade — Novo Horizonte — Estado de São Paulo.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 1.175.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Espólio de Francisco Antônio Pompeu de Camargo — Pompéia — Estado de S. Paulo.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 1.503.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor. — Antônio de Paula Eduardo — Monte Alto — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.507.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — João Carrelli — Lins — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

SESSÃO DE 5 DE MARÇO DE 1943 (Diário Oficial de 6-3-43)

PROCESSO N.º 1.509.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — Fausto Helene — Lençóis — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.518.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Miguel Badra — Palmeiras — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.529.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Djalma Gonçalves da Silva — São Paulo — Capital.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 1.534.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — Abílio Junqueira Franco — Colina — Est. de São Paulo.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 1.544.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Rosato Nicolô — São José dos Campos — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.545.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — Antônio Dias Soares — Piratininga — Estado de S. Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

DECRETO-LEI N.º 24.233 de 12-5-34

PROCESSO N.º 4.102 — Recurso n.º 1.009 — em Revisão.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Credor — Banco do Estado de São Paulo — São Paulo.
Devedores — Ramon Sanchez & Cia. — São Paulo.

Decisão — Concedida a indenização de Cr$ 260.500,00 ao credor Banco do Estado de São Paulo,

em apólices da Dívida Pública Federal ao par, continuando a cargo dos devedores, alem dos 50m restantes da dívida a fração irreajustavel de Cr$ 280,30.

SESSÃO DE 12 DE MARÇO DE 1943 (Diário Oficial de 13-3-43)

PROCESSO N.º 1.539.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — D. Rosa Alice Mussi — Barirí — Estado de S. Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.546.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedores — Antônio Dias Soares & Irmão — Piratininga — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

SESSÃO DE 17 DE MARÇO DE 1943 (Diário Oficial de 18-3-43)

PROCESSO N.º 1.552.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Agostinho Lopes — (espólio) — Paraguassú — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.561.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Dev. — Osvaldo Idelfonso Shuindt — Getulina — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.562.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Benedito Oscar de Carvalho Franco — São Paulo — Capital.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.564.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Manoel Francisco Loureiro — Barretos — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.565.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedores Almeida & Cunha — Marília — Est. de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

SESSÃO DE 24 DE MARÇO DE 1943 (Diário Oficial de 25-3-43)

PROCESSO N.º 432.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedores — José Pinto de Araujo e outros — Guaiçara — Estado de São Paulo
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N.º 1.226.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Tiago Júlio da Rocha — Guariba – Estado de S. Paulo.
Decisão — Arquivado — Falta de regularização.

PROCESSO N. 1.535.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Saturnino Gomes da Silva e Filho — Pinhal — Est. de São Paulo.
Decisão — Arquivado — Falta de acordo do promitente vendedor.

PROCESSO N.º 1.580.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Américo Comazzi — Pres. Bernardes — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência

PROCESSO N.º 1.581.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — Eduardo Nicolela — Jaboticabal — Est. de S. Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.582.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Joaquim Severino da Silva Figueiredo — Catanduva — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.585.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Alexandre Rodrigues Barbosa (espólio) — Itatiba — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.586.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Gomercindo Saraiva Oliveira — Marília — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.592.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — José Leite de Negreiros (espólio) — Rio das Pedras — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.599.

Relator — Juiz Dr. Ernesto Rangel.
Devedor — Francisco de Paula Assis — Sta. Cruz do Rio Pardo — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.606.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — José Marcelino Pereira — Monte Mor — Estado de São Paulo.
Decisão — Rejeitado in limine — Petição fora do prazo.

PROCESSO N.º 1.613.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — Antônio Pires de Campos — Capivarí — Estado de São Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.627.

Relator — Juiz Dr. Reginaldo Nunes.
Devedor — João Antunes de Sousa — São Carlos — Estado de S. Paulo.
Decisão — Homologada a desistência.

PROCESSO N.º 1.641.

Relator — Juiz Dr. Sérgio de Oliveira.
Devedor — Sociedade Agrícola Santa Ubaldina — Bebedouro — Estado de São Paulo.
Decisão — Indeferido in limine — Petição fora do prazo.

DESPACHOS

DOS SNRS. JUIZES NOS PROCESSOS :

N.º 15 — Recurso n.º 14 — Rogério Fraga de Toledo Arruda — Jaú — Est. de São Paulo — Provido o recurso para incluir entre as dívidas a de Cr$ 21.000,00. Encaminhem-se os autos ao Banco do Brasil, para a venda do ativo e efetivação dos pagamentos mencionados, na forma estabelcida.

N. 1.004 — Manoel da Silva Carvalho — Pindamonhangaba — Estado de São Paulo — Concedido o reajustamento — feito o empréstimo com os credores hipotecários Guilherme Toledo Schmidt e Antônio Granato no total de Cr 187.500,00, admitidos os quirografários The Caloric Company e Messias Coelho de Castro, incursos os credores não habilitados nas penalidades do art. 66, e concedida a liberação compulsória dos demais créditos habilitados ou não (salvo de origem fiscal) desde que anteriores a 15-12-39 e respeitadas as suas preferências. Decorrido o prazo de 60 dias, vão os autos ao Banco do Brasil para que presida à lavratura da escritura hipotecária, contando os juros do crédito real até a data da quitação e deduzidas as custas porventura devidas.

N.º 1.412 — Joaquim Pires de Campos — Batista Botelho — Estado de São Paulo — De acordo com as diligências sugeridas no parecer.

N.º 1.620 — José Luiz Dantas — Itatinga - Est. de S. Paulo - Envie-se o processo ao Banco do Brasil, pedindo-lhe reexame do caso.

N.º 5.971 — Recurso 1.549 em Revisão — Ramon Sanchez & Cia. (em liquidação) — Em diligência.

N.º 5.971 — Credores — Romualdo Roman e outros — Devedores — Ramon Sanchez & Cia. — Catanduva — Est. de São Paulo — À Secretaria para que se cumpram as diligências mencionadas no parecer.

N.º 821 — José Marciliano da Costa — Limeira — Est. de São Paulo — Consulte-se o Banco do Estado de São Paulo sobre a realização do empréstimo, na forma do Regimento.

N.º 849 — Maria de Paiva Arantes — Ribeirão Preto — Est. de São Paulo — Deferida a petição do Banco do Estado de São Paulo.

N.º 989 — José Arantes Nogueira — Cravinhos — Est. de São Paulo — Deferida a petição do Banco do Estado de São Paulo.

N.º 1.004 — Manoel da Silva Carvalho — Pindamonhangaba — Estado de São Paulo — À Secção de Contabilidade para apresentar o demonstrativo das amortizações.

N.º 1.083 — Gabriel Pinto Meireles — Cruzeiro — Est. de São Paulo — Ouça-se o requerente.

N.º 1.420 — Luiz Oscar de Almeida Máia — Barreiro — Estado de São Paulo — Faça a prova de que o imóvel em condomínio foi vendido para o fim alegado, instaure-se o concurso, publicados os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 1.577 — Mario Monteiro dos Santos — Guaritanguetá — Estado de São Paulo — Publiquem-se os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 1.600 — Júlio de Barros Fagundes — Botucatú — Estado de São Paulo — Ao Banco do Brasil para reexame do caso.

N.º 1.607 — Durval Marçal Vieira — Viradouro — Est. de São Paulo — Peça-se ao Banco do Brasil a inclusão do imovel urbano na garantia e consequente majoração do empréstimo.

N.º 1.608 — Flávio Almeida Leite — Araraquara — Est. de São Paulo — Publiquem-se os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 528 — Recurso n.º 51 — João Martins Franco — Franca — Estado

de São Paulo — Provido o recurso — Consulte-se o Banco impugnante se está disposto a fazer o empréstimo na base de Cr$ 224.000,00, prevalecendo, no caso contrário, a proposta do Banco do Brasil.

N.º 1.327 — Luiz Otávio de Oliveira — Amparo — Est. de São Paulo — À Secretaria para que se cumpram as diligências mencionadas.

N.º 1.345 — Henry Steagall — Araras — Estado de São Paulo — À Secretaria para que se cumpram as diligências mencionadas.

N.º 1.617 — João Rodrigues Soares Júnior — Limeira — Est. de S. Paulo — Instaure-se o concurso, publicados os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 798 — José Oseas da Silva — Cajurú — Est. de São Paulo — Liberado de todos os débitos arrolados, mediante a percepção, por parte dos credores hipotecários, da importância de Cr$ 123.500,00. Quitados os credores hipotecários, se houver acaso, saldo, será tambem pago o credor quirografário Barreto Holl & Cia. Caso contrário a liberação se dará tambem de referência ao crédito dele, sem qualquer pagamento, sendo de assinalar-se que o crédito tambem quirografário do Espólio de Procópio Carvalho fica compulsoriamente quitado, ex-vi do art. 66 do Decreto-Lei n.º 2.238, assim como todas as demais dívidas do requerente porventura existentes e não declaradas. Aguardem os autos na Secretaria o prazo de 60 dias, após a notificação aos interessados, e decorrido esse prazo remeta-se o processo ao Banco do Brasil para os devidos fins.

N.º 1.109 — Jorge Muraro — Redenção — Est. de São Paulo — Peça-se ao requerente a juntada aos autos do título reformado e que deu origem à emissão da letra de Câmbio de Cr$ 20.000,00, em 8-1-40.

N.º 1.246 — Dolor de Oliveiras Dias Franca — Est. de São Paulo — Diligencie-se de acordo com o parecer da Secção de Contabilidade.

N.º 1.550 — Escolástica Eulália de Barros — Limeira — Est. de São Paulo — Devolva-se o processo ao Banco do Brasil para que reconsidere o caso.

N.º 1.300 — Amadeu Felix de Simas — Bragança — Est. de S. Paulo — Proceda-se a nova avalição dos bens do requerente, em face da impugnação à primeira pelos credores Cesarina Bueno da Costa, representando o espólio de Basílio Ribeiro da Costa e Stefani & Cia., por conta dos quais correrão as despesas. Peça-se a Cesarina Bueno da Costa, inventariante do espólio hipotecário de Basilio Ribeiro da Costa, certidão do estado e vigência do onus em 15-12-39.

N.º 1.448 — Eduardo Rocha (espólio) — Franca — Est. de São Paulo — Publique-se o edital de concurso de credores, consignada no extrato a existência do terreno para posterior liquidação.

N.º 315 — Abdo Jabali — São Simão — Est. de São Paulo — Baixe o processo em diligência para que o promitente vendedor Banco do Estado de São Paulo, faça prova de registro de compromisso.

N.º 399 — Recurso n.º 50 — Reinaldo Frederico Gewehr — Sta. Eudóxia — Est. de São Paulo — Instaure-se o concurso na forma da lei.

N.º 423 — Fujiwara Tetuo — Getulina Est. de São Paulo — Volte o processo à Secretaria, para providenciar a publicação do edital.

N.º 1.061 — Recurso n.º 45 — Maria Carolina da Costa — São José da Bela Vista — Est. de São Paulo — Notifique-se a requerente para os fins do art. 58 parágrafos 1.º e 2.º do Regimento.

N.º 1.548 — Inácio Vilela de Mendonça Uchoa — Jardinópolis — Est. de São Paulo — Escreva-se ao Banco do Brasil, remetendo os autos, e solicitando submetê-los a novo exame.

N.º 1.556 — Segismundo Chaves dos Santos — Descalvado — Est. de São Paulo — Notifique-se preliminarmente o requerente para legalizar dentro de 30 dias, a situação da casa e do terreno urbano.

N.º 1.576 — Francisco de Paula Brandão — Jaú — Est. de São Paulo — Publiquem-se os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 1.625 — Bento Ferraz do Prado — Jaú — Est. de São Paulo — Instaure-se o concurso, publicados os editais com o prazo de 40 dias.

N.º 1.630 — João Caiubí de Almeida Prado — Dois Córregos — Est. de São Paulo — Junte o requerente um demonstrativo do saldo total, apurado pela venda de todo o café consignado, ou seja 2.612 sacas.

N.º 1.320 — Lindolfo Ribeiro da Silva — Mogí-Mirim — Est. de São Paulo — Mande-se ao devedor relação dos bens avaliados pelo Banco do Brasil e não constantes de sua relação, indagando-se se fazem parte do seu ativo.

N.º 1.549 — Pedro da Conceição Serra Negra — Botucatú — Estado de São Paulo — Notifique-se o requerente sobre a liquidação do condomínio.

N.º 878 — Clotilde Junqueira Marinho e outra — Colina — Estado de São Paulo — Notifique-se o Banco do Brasil nos termos do art. 54 do Regimento, e, na hipótese de ser negativa a resposta, consultem-se os credores de acordo com o § 1.º do citado artigo.

JURISPRUDÊNCIA

AVALIAÇÃO — As disposições do Artigo 55 e seus parágrafos do Regimento da Câmara, são aplicaveis ao devedor toda vez que a avaliação o exclue do benefício e possa ser por ele contestada com elementos positivos.

DECISÃO

(Proc. 528 — Recurso 51) — JOÃO MARTINS FRANCO não se conformou com o acórdão de fls. 128, que denegou reajustamento ao seu pedido de empréstimo em letras hipotecárias, sob o fundamento de não estar a sua situação econômica enquadrada no art. 38 do Regimento da Câmara (Decreto-Lei n.º 2.238).

Tirou-o do enquadramento, a que se refere o citado art. 38, a segunda avaliação requerida pelo credor impugnante — Banco do Estado de S. Paulo — que deu para o imovel o valor de Cr$ 245.000,00.

Recorrendo do acordão referido insurge-se o devedor contra as conclusões dessa segunda avaliação, alegando razões, que julga suficientes para que o juiz interponha o seu prudente arbítrio e decida o incidente.

Pelo art. 55 do Regimento o credor, em casos semelhantes, tem o direito de trazer esclarecimentos à Câmara, capazes de a levarem a modificar **para mais** o resultado da segunda avaliação e a Câmara diante desses elementos pode decidir o incidente, interpondo o seu prudente arbítrio para elevar a avaliação.

Resta saber se poderá usar do mesmo remédio o devedor que ficou prejudicado com a segunda avaliação, por ter vindo ela tirá-lo da situação de insolvência prevista pelo art. 38.

Parece-me que o direito deve ser correlato, tanto mais quanto menor é o prejuizo do credor a quem a lei reconhece aquele direito, do que o do devedor excluido do benefício pela segunda avaliação: porque aquele, com uma avaliação baixa receberá **menor dividendo,** mas este, com a avaliação

alta, ficará **totalmente** prejudicado, pela exclusão, do benefício.

A lei que amparou o interesse menor do credor não teve em vista deixar ao desamparo o interesse maior do devedor. Portanto, tudo indica que, **mutatis mutandi,** as disposições do art. 55 e seus § § são aplicaveis ao devedor toda a vez que a segunda avaliação, que o excluiu do benefício, possa ser por ele contestada, com elementos positivos.

A avaliação do Banco do Brasil atribue ao imovel o valor de .	Cr$ 75.000,00
A segunda avaliação atribue-lhe o valor de	Cr$ 245.000,00
O credor — Banco do Estado de S. Paulo — estima-o em . .	Cr$ 240.000,00
O reajustamento passado, em avaliação regular, deu-lhe o valor de	Cr$ 223.850,00

(fls. 34 do Proc. n.º 29-328-B)

Como se vê, o próprio Banco do Estado de São Paulo, credor impugnante, não vai tão alto em sua estimativa do imovel, quanto foi a segunda avaliação. É de se presumir, por isso, que esta esteja de fato pecando por excesso.

Uma avaliação — **ad perpetuam** — junta aos autos, estimou o imovel em Cr$ 205.680,00 e, embora não se possa tomar essa avaliação como derrogatória da segunda, constitue um elemento informativo, que, ao lado dos outros, ajuda o juiz a afirmar o seu critério de valor.

Se adotarmos como valor definitivo do imovel o que prevaleceu no reajustamento passado, ou seja, o de Cr$ 223.850,00, teremos fixado para o imovel uma cifra que, segundo todas as aparências mais se aproxima do seu exato valor, porque ficará num meio termo razoavel entre a estimativa do Banco impugnante e valor encontrado pela diligência **ad perpetuam,** evitando-se, assim, o valor encontrado pela segunda avaliação, da qual o próprio Banco impugnante fica aquem.

Fixado esse valor para servir de base ao empréstimo, verifica-se que a situação econômica do devedor se enquadra nas exigências legais, que o tornam beneficiário do reajuste compulsório, sem que ao mesmo tempo a Câmara se afaste grandemente da própria estimativa que o Banco impugnante fez do imovel em questão.

O que o presente caso revela é que o imovel em apreço coloca o devedor junto da linha limite do art. 38 do Regimento. O critério do valor de imóveis, sobretudo rurais, não é tão rígido e inflexivel que, em casos semelhantes, não admita uma interpretação favoravel ao devedor.

Adotando, assim, o valor de Cr 224.000,00, para servir de base à operação, dou provimento ao recurso para que se prossiga nos ulteriores termos de direito, consultando-se o Banco impugnante se está disposto a fazer o empréstimo nessa base, prevalecendo, no caso contrário, a proposta do Banco do Brasil.

Rio de Janeiro, 18 de Março de 1943. — **Reginaldo Nunes.**

DÉBITO RESGATADOS sujeitos ao regime do concurso, modificam a situação de igualdade de tratamento entre os credores concurrentes e constituem motivo de indeferimento liminar.

ACORDÃO

(Proc. 1.411) — Vistos, discutidos e relatados este autos, vindos do município de S. José dos Campos, do Est. de S. Paulo, em que é requerente Paulo Halaminha, acordam os Juizes da Câmara de Reajustamento Econômico,

por votação unânime, na rejeição do pedido pelas razões que seguem :

PAULO HALAMINHA requereu ao Banco do Brasil um empréstimo em letras hipotecárias, pela petição de fls. 2, que veio a malograr-se na fase voluntária, por falta da anuência da totalidade dos credores.

O devedor, pela petição de fls. 22, pediu à Câmara a aplicação do rejuste compulsório, a que se julga com direito.

Mas, da certidão de fls. 15 verifica-se que o devedor **ex-autoritate propria** resgatou débitos sujeitos ao regime do concurso creditório, modificando, dess'arte, a situação de igualdade de tratamento que deve subsistir entre credores concurrentes.

Uma das funções da Câmara, quando preside ao concurso, é exatamente superintender a equanimidade dessa liquidação. Se o devedor quebra, por seu próprio alvedrio, o princípio que deve norteá-la, não pode já aspirar aos benefícios da lei.

A Câmara jamais poderia reconhecer e muito menos sancionar preferências que a lei desconhece.

Sala das Sessões da Câmara de Reajustamento Econômico, Rio de Janeiro, 31 de Março de 1943. — **Sérgio de Oliveira,** Presidente — **Reginaldo Nunes,** Relator — **Ernesto Rangel.**

EXPEDIENTE DO MINISTÉRIO DA FAZENDA

Foram devolvidos ao Ministério da Fazenda, com informações da Câmara de Reajustamento Econômico, o seguinte requerimento dirigido ao Senhor Presidente da Republica :

OF. 10/44 — **22/3/43** — de André Maschietto — Ribeirão Preto — Est. de São Paulo — Sobre a decisão lançada por esta Câmara no processo n.º 313 — recurso 33 (Decr.-Lei n.º 1.888)

INFORMAÇÕES

Foi autorizada a publicação de editais, em concurso de credores para apresentação de créditos e respectivos documentos no prazo de 40 dias a partir da publicação, nos seguintes processos :

Agências do Banco do Brasil em Araraquara — Est. de S. Paulo.

PROCESSO N.º 1.608 — Flávio Almeida Leite — agricultor em Araraquara — Est. de São Paulo.

Agência do Banco do Brasil em Botucatú — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.510 — José Inácio Vilas Boas — agricultor em Botucatú — Est. de São Paulo.

Agência do Banco do Brasil em Campinas — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 399 — Reinaldo Frederico Gewehr — agricultor em Descalvado — Est. de S. Paulo.

PROCESSO N.º 1.501 — José Miranda da Silva — agricultor em Itapira — Est. de São Paulo.

Agência do Banco do Brasil em Franca — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.448 — Custódia Ribeiro Rocha — agricultora em Franca — Est. de São Paulo.

Agência do Banco do Brasil em Jaú — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.576 — Francisco de Paula Brandão — agricultor em Jaú — Est. de São Paulo.

Agência do Banco do Brasil em Lins — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 423 — Fujiwara Tetuo — agricultor em Getulina — Est. de São Paulo.

Agência do Banco do Brasil em Piracicaba — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.256 — Elísio de Paula Teixeira — agricultor em São Pedro — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.575 — Ismael Ferreira — agricultor em Capivarí — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.617 — João Rodrigues Soares Júnior — agricultor em Limeira — Est. de São Paulo.

Agência do Banco do Brasil em Ribeirão Preto — Estado de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.536 — Mario de Azevedo e Souza — agricultor em Riberão Preto — Est. de S. Paulo.

Agência do Banco do Brasil em Taubaté — Est. de São Paulo.

PROCESSO N.º 1.577 — Mário Monteiro dos Santos — agricultor em Guaratinguetá — Est. de S. Paulo.

Índice da Matéria

COLABORAÇÃO:

RESUMO E TRANSCRIÇÃO:

ESTATÍSTICA:

DIVERSOS:

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

SÉDE:
LARGO DA MISERICÓRDIA, 24
SÃO PAULO

•

TELEFONES:

Diretoria	2-6659
Dep. Contabilidade	2-4449
Dep. Estatística	2-8357
Dep. Transportes	2-1976
Dep. Fisc. Comércio e Consumo	2-0856
Seção Almoxarifado	2-4369
Seção Conserva de Imóveis	2-1127
Seção Protocolo	2-2767
Seção Juridica	3-5511
Engenheiro	3-5511
Depósito (Almox. externo)	2-2672

Agência de Santos:

Palácio da Bolsa - Rua 15 de Novembro, 123 - 2.° - sl. 7
Telefone : 6675

Agência do Rio de Janeiro:

Edificio da "A Noite" - Praça Mauá, 7
Telefone : 23-0877

Imp. na Indústria Gráfica SIQUEIRA — *Rua Augusta, 235 — São Paulo.*